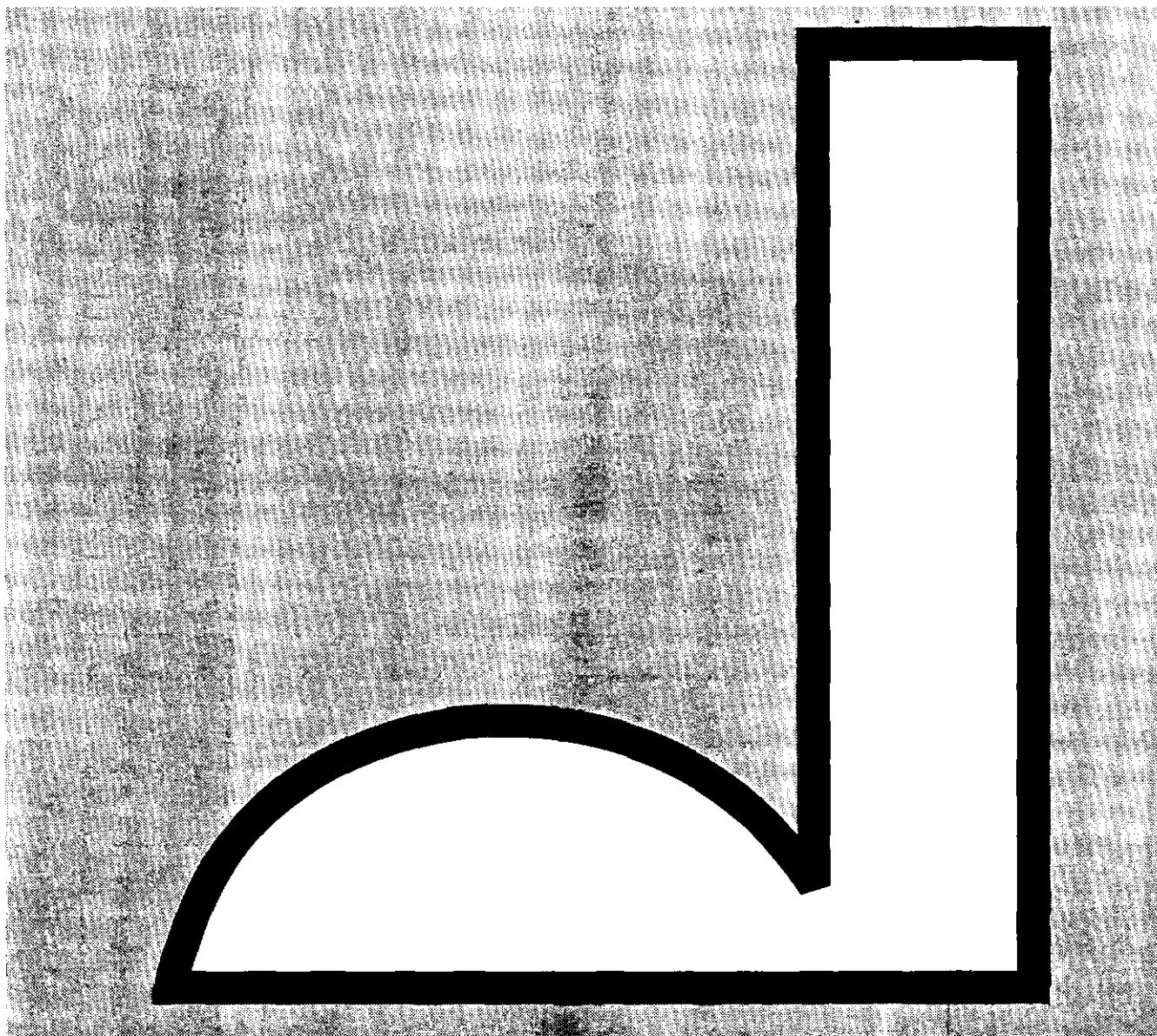




República Federativa do Brasil



DIÁRIO DO SENADO FEDERAL

MESA		
Presidente <i>Antonio Carlos Magalhães - PFL - BA</i> 1º Vice-Presidente <i>Geraldo Melo - PSDB - RN</i> 2º Vice-Presidente <i>Ademir Andrade - Bloco - PA</i> 1º Secretário <i>Ronaldo Cunha Lima - PMDB - PB</i> 2º Secretário <i>Carlos Patrocínio - PFL - TO</i>	3º Secretário <i>Nabor Júnior - PMDB - AC</i> 4º Secretário <i>Casildo Maldaner - PMDB - SC</i> Suplentes de Secretário <i>1º Eduardo Suplicy - Bloco - SP</i> <i>2º Lúdio Coelho - PSDB - MS</i> <i>3º Jonas Pinheiro - PFL - MT</i> <i>4º Marluce Pinto - PMDB - RR</i>	
CORREGEDORIA PARLAMENTAR Corregedor⁽¹⁾ <i>Romeu Tuma - PFL - SP</i> Corregedores Substitutos⁽¹⁾ <i>Ramez Tebet - PMDB - MS</i> <i>Vago</i> <i>Lúcio Alcântara - PSDB - CE</i> <small>(1) Reeleitos em 2-4-97</small>	PROCURADORIA PARLAMENTAR Procuradores(2) <i>Amir Lando - PMDB - RO</i> <i>Ramez Tebet - PMDB - MS</i> <i>Alberto Silva - PMDB - PI</i> <i>Djalma Bessa - PFL - BA</i> <i>Bernardo Cabral - PFL - AM</i> <small>(2) Designação: 30-6-99</small>	
LIDERANÇAS		
LIDERANÇA DO GOVERNO Líder <i>José Roberto Arruda</i> Vice-Líderes <i>Romero Jucá</i> <i>Moreira Mendes</i>	LIDERANÇA DO PMDB - 26 Líder <i>Jader Barbalho</i> Vice-Líderes <i>José Alencar</i> <i>Iris Rezende</i> <i>Amir Lando</i> <i>Ramez Tebet</i> <i>Gilberto Mestrinho</i> <i>Renan Calheiros</i> <i>Agnelo Alves</i> <i>Vago</i>	LIDERANÇA DO PSDB - 14 Líder <i>Sérgio Machado</i> Vice-Líderes <i>Osmar Dias</i> <i>Pedro Piva</i> <i>Romero Jucá</i> <i>Antero Paes de Barros</i> LIDERANÇA DO PPB - 2 Líder <i>Leomar Quintanilha</i> Vice-Líder <i>Vago</i>
LIDERANÇA DO PFL - 21 Líder <i>Hugo Napoleão</i> Vice-Líderes <i>Edison Lobão</i> <i>Francelino Pereira</i> <i>Romeu Tuma</i> <i>Eduardo Siqueira Campos (3)</i> <i>Mozarildo Cavalcanti</i> <i>Vago</i> <i>Vago</i>	LIDERANÇA DO BLOCO PARLAMENTAR DE OPOSIÇÃO (PT/PDT) - 10 Líder <i>Heloisa Helena</i> Vice-Líderes <i>Eduardo Suplicy</i> <i>Sebastião Rocha</i> <i>Jefferson Péres</i>	LIDERANÇA DO PPS - 3 Líder <i>Paulo Hartung</i> Vice-Líder <i>Vago</i>
<small>(3) Afastado em 30-3-2000, para exercer o cargo de Secretário de Estado do Governo de Tocantins</small>		LIDERANÇA DO PSB - 3 Líder <i>Roberto Saturnino</i> Vice-Líder <i>Vago</i>
		LIDERANÇA DO PTB - 1 Líder <i>Arlindo Porto</i>
EXPEDIENTE		
<i>Agaciel da Silva Maia</i> Diretor-Geral do Senado Federal <i>Claudionor Moura Nunes</i> Diretor da Secretaria Especial de Edição e Publicações <i>Júlio Werner Pedrosa</i> Diretor da Subsecretaria Industrial	<i>Raimundo Carreiro Silva</i> Secretário-Geral da Mesa do Senado Federal <i>Marcia Maria Correa de Azevedo</i> Diretora da Subsecretaria de Ata <i>Denise Ortega de Baere</i> Diretora da Subsecretaria de Taquigrafia	

SENADO FEDERAL

SUMÁRIO

1 – ATA DA 5^a REUNIÃO, EM 27 DE SETEMBRO DE 2000

1.1 – ABERTURA

1.2 – EXPEDIENTE DESPACHADO NOS TERMOS DO § 2º DO ART. 155 DO REGIMENTO INTERNO

1.2.1 – Ofício do Ministro de Estado do Desenvolvimento Agrário

Nº 287/2000, de 20 do corrente, encaminhando as informações solicitadas através do Requerimento nº 135, de 2000, do Senador Antero Paes de Barros. Ao Arquivo.....

18988

1.3 – ENCERRAMENTO

2 – ATA DE COMISSÃO

8^a Reunião da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito criada através do Requerimento

nº 23, de 2000-CN, com a finalidade de apurar, em todo o País, o elevado crescimento de roubo de cargas transportadas pelas empresas de transportes rodoviário, ferroviário e aquaviário, realizada em 8 de agosto de 2000.....

18988

3 – CONSELHO DE ÉTICA E DECORO PARLAMENTAR

4 – COMPOSIÇÃO DAS COMISSÕES PERMANENTES

5 – COMPOSIÇÃO DA COMISSÃO TEMPORÁRIA EXTERNA

6 – COMISSÃO PARLAMENTAR CONJUNTA DO MERCOSUL (REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA)

Ata da 5^a Reunião, em 27 de setembro de 2000

2^a Sessão Legislativa Ordinária da 51^a Legislatura

Presidência do Sr. Lauro Campos

(Inicia-se a sessão às 14 horas e 30 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (Lauro Campos) – Não há número regimental para a abertura da sessão, não podendo esta ser realizada.

Nos termos do § 2º do art. 155 do Regimento Interno, será despachado o Expediente que se encontra sobre a Mesa.

É o seguinte o Expediente despachado:

OFÍCIO

DO MINISTRO DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

Nº 287/2000, de 20 do corrente, através do qual encaminha as informações solicitadas através do Requerimento nº 135, de 2000, do Senador Antero Paes de Barros.

*As informações foram encaminhadas,
em cópia, ao requerente.*

O requerimento vai ao arquivo.

O SR. PRESIDENTE (Lauro Campos) – Está encerrada a reunião.

(Levanta-se a reunião às 14 horas e 45 minutos.)

(OS 18017/2000)

Comissão Parlamentar Mista de Inquérito criada criada através do Requerimento nº 23, de 2000-CN, com a finalidade de apurar, em todo o país, o elevado crescimento de roubo de cargas transportadas pelas empresas de transportes rodoviário, ferroviário e aquaviário.

Oitava reunião realizada em 8 de agosto de 2000.

Aos oito dias do mês de agosto do ano dois mil, às quinze e quarenta minutos, na sala 02 da ala Senador Nilo Coelho, sob a Presidência do Senhor Senador Romeu Tuma, e ainda, com as presenças dos Senhores Parlamentares Maguito Vilela, Marluce Pinto, Moreira Mendes, Geraldo Althoff, Ricardo Santos, Geraldo Cândido, Edison Lobão, Carlos Dunga,

Alberto Fraga, Jaime Martins, Oscar Andrade, Gervásio Silva, Chico da Princesa, Pompeo de Mattos e Robson Tuma. Registra-se as presenças dos Deputados Givaldo Carimbão e Cesar Bandeira, reúne-se a "Comissão Parlamentar Mista de Inquérito criada através do requerimento nº 23, de 2000-CN, com a finalidade de apurar, em todo o país, o elevado crescimento de roubo de cargas transportadas pelas empresas de transportes rodoviário, ferroviário e aquaviário". Aberto os trabalhos o senhor Presidente informou que a presente reunião destina-se a ouvir os depoentes senhores Jorge Méres e Ananias da Silva, a seguir o Presidente leu os expedientes recebidos, destacando o ofício recebido da Fetrabens sugerindo que seja reconvocado para depor o Sr. José da Fonseca Lopes, Presidente desta entidade. A Presidência informa ao Plenário a criação do disque denúncia que é número 0800-612211. E concede a palavra ao depoente Jorge Méres o mesmo foi questionado pelos seguintes parlamentares: Oscar Andrade, Moreira Mendes, Robson Tuma, Carlos Dunga, Chico da Princesa, Romeu Tuma e Pompeo de Mattos. A Presidência sugere que o Sr Jorge Méres venha a depor futuramente nesta Comissão, o que foi acolhido. O Senador Romeu Tuma sugeriu que fosse elaborado um organograma das ações das empresas citadas pelo Sr Jorge Méres e passa a palavra ao Relator, Deputado Oscar Andrade, que faz perguntas ao Senhor Jorge Méres. Às 17:33 minutos encerra-se o depoimento do mesmo e a sessão é suspensa por quinze minutos. Às 17:55 minutos, o Presidente reinicia os trabalhos com o Ananias Elisário da Silva que já questionado pelos Senhores Parlamentares Romeu Tuma, Oscar Andrade, Pompeu de Mattos e Moreira Mendes. Foi dada a palavra ao Deputado Givaldo Carimbão que explanou sobre um problema de um roubo acontecido com aparelhagem pertencente a Rede de Televisão, passando inclusive um documento pedindo providências para o caso. A Presidência comunica ainda que com o recesso a Comissão só irá funcionar uma vez em setembro, mas em agosto poderão ser realizadas diligências, o que fica acertado para o Estado de São Paulo e posteriormente para o Estado do Maranhão. Não havendo mais nada a tratar o Presidente encerra os trabalhos e, para constar, eu Francisco Naurides Barros, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata

que, lida e aprovada, será assinada pelo Presidente e irá a publicação, juntamente com acompanhamento taquigráfico que faz parte integrante da mesma.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Havia número regimental, declaro aberta a 8ª reunião da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, criada através do Requerimento nº 23, de 2000, com a finalidade de apurar em todo o País o elevado crescimento do roubo de cargas transportadas pelas empresas de transportes rodoviários, ferroviários e aquaviários.

Indago do Plenário se é necessário a leitura da Ata da reunião anterior, realizada em 1º de agosto, ou se podemos considerá-la aprovada. (Pausa.)

Considero aprovada a Ata. Ela ficará à disposição dos Srs. Deputados e Senadores para qualquer consulta.

Esta Presidência esclarece que a presente reunião destina-se a ouvir os depoimentos do Srs. Jorge Meres e Ananias Elisário da Silva.

Indago da Secretaria se existe expedientes recebidos ou expedidos. (Pausa.)

Vou ler os ofícios recebidos.

Ofício da Drª Mônica de Siqueira Dutra, Chefe da Assessoria de Assuntos Parlamentares do Ministério da Justiça; da Drª Maria do Carmo Porto de Oliveira, também da Assessoria Parlamentar do Ministério da Justiça; Dr. Marco Antônio Soares Passos, Delegado de Polícia da Secretaria de Segurança Pública do Estado de Sergipe; do Deputado Vanderlei Macris, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, encaminhando relatório final da CPI que investigou sonegação de ICMS no setor de combustíveis e lubrificantes, a chamada CPI dos Combustíveis. Essa CPI veio em boa hora, em razão do aumento de preços dos combustíveis, o que provocou reclamação de toda a população, principalmente das empresas de transporte, contra o excesso de lucro que passou de 1 dígito para 2 dígitos. Há ainda ofício da Viação São Luís Ltda, encaminhando boletim de ocorrência; do Sr. Alcir Trevisan, Prefeito Municipal de Caiçara, Rio Grande do Sul; do Dr. José de Arimatéia Werneck Cavalcanti, Secretário de Segurança Pública do Estado do Amapá; da Drª Kátia Maria Alves dos Santos, Secretária de Segurança do Estado da Bahia; do Dr. José da Fonseca Lopes, Presidente da Federação Interestadual dos Caminhoneiros Autônomos, solicitando providências sobre ameaças que vêm recebendo.

Vou destacar esse ofício porque ele se refere a um outro encaminhado pela CNTC. A CNTC se dirige ao Presidente da Fetrabens, Sr. José da Fonseca Lopes, pedindo esclarecimento sobre algumas das acusações que fez durante seu depoimento nesta CPI. O Sr. Fonseca se julgou ameaçado, e vamos tomar providências quanto a isso. Quanto aos questionamentos da CNTC, seria interessante que convidássemos novamente o Sr. José da Fonseca Lopes para que ele pudesse esclarecer alguns pontos que ficaram no ar. Ele fez acusações no sentido de que a salvaguarda tentou entrar no mercado de proteção a cargas, mas não conseguiu. Isso porque a empresa Pancari e a CNTC impediram que isso acontecesse. Isso precisa ser esclarecido. Ele pede confirmação de alguns dados que não apresentou aqui, dados aos quais só fez referência. Em outro segmento de seu depoimento, ele se refere às empresas sonegadoras de ICMS, PIS, Cofins, e outras. Seria importante que ele, em vez de deixar generalizadas essas questões, nos apresentasse uma relação das empresas que ele realmente tem conhecimento que praticam o crime de sonegação.

Acho que com isso poderemos esclarecer o assunto e fornecer-lhe proteção. Queremos saber também que tipo de ameaça está sofrendo. Ele precisa esclarecer isso; senão estará sujeito a ser denunciado por crime de difamação, injúria e calúnia.

Temos que proteger os depoentes e temos também que fazer com que o esclarecimento seja perfeito, para que não haja acusação e para que não fiquemos dando o aspecto de que não se apura nada, de que as acusações ficam no ar. Não. Tem que chamá-lo novamente. Pergunto se algum Senador ou Deputado gostaria de requerer. Se não, esta Presidência o fará. Não sei se o Relator tem interesse em novamente ouvi-lo, para esclarecer os detalhes levantados pelo CNTC.

O SR. OSCAR ANDRADE – Tenho sim, Sr. Presidente. De acordo com a sua colocação, acho que devemos chamá-lo de novo para esclarecer essas acusações.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Pergunto se os membros da Comissão aprovariam isso.

Aprovado.

Peço à Secretaria que anote, para um novo convite ao Presidente da Federação dos Trabalhadores de Transporte de Carga.

Agora, há uma informação que eu queria dar aos membros da Comissão e ao público em geral. Eu pediria a alguém da imprensa que veiculasse isso,

pois seria importante. Trata-se da criação do Disque Denúncia, da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito do Roubo de Cargas. O número é 0800 612211. Esse telefone fica à disposição de todos aqueles que tiverem conhecimento de qualquer fato que possa colaborar com esta CPMI, na busca de informações e apurações corretas sobre o crime do roubo de cargas. Que nos comuniquem através desse telefone, cuja ligação será gratuita. Se não quiser se identificar, procuraremos proteger a fonte; e as informações, sem dúvida, serão investigadas. Pergunto se antes de eu pedir a presença do depoente se alguém pretende usar da palavra.

O SR. CARLOS DUNGA – Sr. Presidente...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Pois não.

O SR. CARLOS DUNGA – Sr. Presidente, inicialmente, parabenizo V. Ex^a por essa iniciativa de disponibilizar esse telefone para a nossa Comissão. Já tínhamos solicitado ao Secretário de Segurança lá do meu Estado, para que a Secretaria colocasse também um desses telefones para atender ao público, mas gostaria de levar ao conhecimento de V. Ex^a e dos companheiros que entrei com um Projeto de Decreto Legislativo, onde pedimos a sustação da Resolução nº 105/99, do Conselho Nacional de Trânsito, do Contran. É um assunto paralelo aos nossos assuntos, mas eu gostaria de levar ao conhecimento dos meus companheiros – a questão da faixa refletiva. Acreditamos que essa faixa refletiva é também um prejuízo ao caminhoneiro, é um prejuízo ao homem que trafega, levando as nossas riquezas por este País, e por isso estamos contrários a essa decisão do Contran. Já levamos ao conhecimento do Ministério da Justiça e lá, na Câmara, estamos pedindo a sustação por definitivo, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Foi suspensa a exigência, que era a partir do mês passado.

O SR. CARLOS DUNGA – É, mas não está em caráter definitivo. E, agora, pedimos, por meio de um Projeto de Decreto Legislativo, a sustação dessa medida, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Hoje, estive numa reunião com vários empresários do setor de transporte, que expressavam suas angústias diante do aumento do roubo de cargas, nesse segundo semestre, que foi de 20%. Comparando-se o primeiro trimestre do ano com o segundo, verifica-se que o aumento da incidência de roubos de carga foi de 20%. Então, praticamente, segundo perspectiva dos setores de investigação próprios das empresas e dos sindicatos, das associações, é de que não houve nenhu-

ma ressonância. A Polícia não está investigando; está apenas registrando as ocorrências, sem nenhuma investigação. É muito limitado o corpo de policiais que está trabalhando nessa área, que comparo, Senador, com o tráfico de drogas. O ladrão de carga é substituído facilmente. Isso faz com que, vamos dizer, o trabalhador da estrutura do crime organizado não tenha dificuldade em alocar mão de obra. Então, se não houver realmente uma ação em que se possa, dentro da investigação, chegar aos receptadores e às redes de distribuição, atacando fortemente o poder econômico da quadrilha, nenhum resultado positivo vai ter. Temos que buscar as informações, trabalhar, se for preciso fazer exigências e mostrar que temos capacidade de indicar o caminho correto para a Polícia agir. Os governantes têm que investir nessa área, não podem ficar indiferentes, porque é um prejuízo muito grande ao País. São alguns milhões de reais que se vão e não retornam, vão para um caixa que serve para financiar vários outros tipos de crimes.

Dessa visita que fiz hoje a convite deles, eu trouxe uma série de sugestões e reivindicações, e, na próxima reunião, vou trazer um cópia aos senhores, para que os projetos que puderem ser apresentados pelos Srs. Deputados e Senadores já começem a ter vida, e, quando esta CPMI terminar, possamos dizer que alguma coisa foi feita.

Solicito à Secretaria que faça adentrar o primeiro depoente, Sr. Jorge Méres.

Registro a presença do Deputado César Bandeira entre nós, prestigiando a Comissão.

(Pausa.)

Um pouquinho de paciência, porque ele está sbindo, sob vigilância. Sabemos que ele vai se apresentar encapuzado, porque ele está sob o Programa de Proteção à Testemunha. Houve algumas alterações no seu visual; onde ele se encontra, não pode ser identificado. Concordamos que ele viesse encapuzado, a pedido das autoridades que fazem a sua proteção. Isso não é para criar nenhum tipo de constrangimento nem dificultar qualquer sentido da apuração, mas apenas para proteger uma testemunha que colaborou muito com a CPI do Narcotráfico.

Sr. Jorge Méres de Almeida, sabemos que o senhor prestou uma importante colaboração à CPI do Narcotráfico na Câmara dos Deputados, ao dar seu testemunho verdadeiro sobre os crimes de que tinha conhecimento, possibilitando o êxito dos trabalhos daquela Comissão parlamentar, a qual realizou um grande serviço para o combate ao crime organizado no Brasil. Inclusive por isso, o senhor vem tendo os

benefícios assegurados pela Lei nº 9.807/99, que instituiu o programa federal de assistência às vítimas, testemunhas e aos réus colaboradores.

Agora, é um apelo que faço, precisamos contar com a sua ajuda também nesta CPMI do roubo de cargas, porque o senhor, como ex-motorista, viveu um certo período da sua vida no submundo dessa prática de crime. Eu acho que o senhor tem tudo para colaborar nas investigações que esta Comissão inicia; é o primeiro depoimento dentro do organismo criminoso, e acho que a boa vontade que o senhor demonstrou na CPI do Narcotráfico, se o fizer aqui nesta CPMI, que é resultante das investigações que foram feitas pela CPI do Narcotráfico, desaguando na interligação entre o narcotráfico e o roubo de cargas, onde a mercadoria praticamente roubada, ou o dinheiro dela resultante servia para investimentos no narcotráfico.

Passo a palavra ao senhor, se quiser fazer preliminarmente algum depoimento, que o faça. O senhor está sob proteção da lei, da Polícia Federal, aqui sob a proteção dos membros da CPMI e sob responsabilidade total da Presidência desta Comissão. Passo-lhe a palavra, e espero que o senhor possa com tranquilidade expor aquilo que sabe.

O SR. JORGE MÉRES – Dr. Tuma, quando me dispus a depor na CPI do Narcotráfico, assumi um compromisso com a CPI, com a Nação e com a Polícia Federal de ajudar em tudo que for preciso, e estou à disposição, coloquei-me à disposição do Dr. Paulo Lacerda para ajudá-lo em tudo que puder e tudo que souber, os endereços de tudo que aconteceu durante o tempo em que estive na companhia do Dr. William Sozza.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Sr. Jorge, gostaria que o senhor ficasse à vontade, aquilo que o senhor achar que tem que falar em sigilo para proteger os dados pode nos pedir que transformaremos a reunião em secreta para colhermos alguns dados que o senhor achar conveniente mantê-los secretos. Será no final. O Relator tem várias perguntas a fazer e acho que os Srs. Senadores e Deputados também e mais um tempo, se for necessário, o senhor terá uma reunião secreta para melhor esclarecimento de fatos que julgar conveniente. O senhor quer que inicie logo o interrogatório?

O SR. JORGE MÉRES – Pode iniciar.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Pois não. Passo a palavra ao Relator, que já tem um elenco de perguntas.

O SR. OSCAR ANDRADE – Sr. Presidente, Srs. Senadores, Srs. Deputados, vou iniciar imediatamente com as perguntas para dar andamento aos trabalhos. Sr. Jorge Mères, quando e onde o senhor começou a trabalhar como motorista de caminhão e de que forma acabou ingressando no submundo da criminalidade?

O SR. JORGE MÉRES – Comecei a trabalhar como motorista de caminhão em 1988 para uma transportadora no Mato Grosso do Sul, e daí para cá o dono dela, um dos sócios que sempre trabalhei para ele, durante 12 anos, era o Sr. Wilian Marques Valdez Sosa, trabalhei 6 anos com carreta, puxando mercadoria para ele, e depois fui trabalhar como motorista particular. Nos seis anos em que trabalhei com a carreta viajei para vários Estados e várias cidades do país sempre transportando mercadorias, cereais, cigarro, medicamento, pneus, o que ele vendia na empresa. E do ano 1995 para cá, no final de 1994 para 1995, fiquei sabendo que as mercadorias transportadas eram 50% compradas em empresas e 50% eram compradas de pessoas, eram mercadorias ilícitas...

O SR. OSCAR ANDRADE – Roubadas?

O SR. JORGE MÉRES – Roubadas.

O SR. OSCAR ANDRADE – Como chamava a transportadora?

O SR. JORGE MÉRES – A que eu trabalhei foi Agenciadora Car Campo Grande, depois na Real e essa transportadora foi fechada por causa das denúncias que fiz no Narcotráfico, mas os proprietários ainda se encontram em São Paulo.

O SR. OSCAR ANDRADE – William Marques Sozza?

O SR. JORGE MÉRES – William Valdez Sozza.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Eles reiniciaram as atividades?

O SR. OSCAR ANDRADE – Esse é o nome do primeiro patrão seu?

O SR. JORGE MÉRES – O primeiro e único, e era o chefão do crime organizado...

O SR. OSCAR ANDRADE – Dá para o senhor repetir o nome dele?

O SR. JORGE MÉRES – William Valdez Sozza.

O SR. OSCAR ANDRADE – Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Encontram-se sem processo?

O SR. JORGE MÉRES – Ele está foragido por causa do trabalho da CPI do Narcotráfico, mas os funcionários dele ainda estão trabalhando normalmente.

O SR. OSCAR ANDRADE – O senhor trabalhou de 1988 a 1995 sem saber que era carga roubada?

O SR. JORGE MÉRES – Sim, eu só era motorista e ninguém tinha acesso à documentação. Como trabalhei por esse período com ele sempre, nunca faltou mercadoria e nem retorno que era o dinheiro. Então ele me levou para trabalhar ao lado dele e me expôs todo o caso, o que estava acontecendo e me tirou do caminhão para ficar ao lado. Passei a andar ao lado dele, a acompanhar todos os movimentos dele e fiquei sabendo de toda a vida dele e como ele comandava o crime dentro do país.

O SR. OSCAR ANDRADE – Então o senhor confirma ter trabalhado, além de motorista, também na quadrilha especializada em roubo de cargas e caminhões?

O SR. JORGE MÉRES – Não senhor, eu era motorista particular do Sozza, não participei de serviços de estradas, assalto, etc. Cuidava da parte financeira dele, recebia os pagamentos das cargas que ele vendia e passava para receber.

O SR. OSCAR ANDRADE – O senhor não tinha outra função no grupo?

O SR. JORGE MÉRES – Não, só como motorista dele.

O SR. OSCAR ANDRADE – Qual a recompensa que o senhor recebia?

O SR. JORGE MÉRES – Ganhava salário, mais uma comissão.

O SR. OSCAR ANDRADE – O William que pagava?

O SR. JORGE MÉRES – O William.

O SR. OSCAR ANDRADE – Esse grupo teria assassinado a sua esposa?

O SR. JORGE MÉRES – Em 1994 ela foi assassinada. Eles deram ela como desaparecida. Mas ela foi encontrada quatro dias depois, dentro de uma sarjeta, perto de Campinas, e o que eles me falaram é que jamais era para falar...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Quem foi que falou?

O SR. JORGE MÉRES – Jamais era para falar alguma coisa...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Méres, quem deu a informação do desaparecimento?

O SR. JORGE MÉRES – Eu estava viajando, tinha ido para o Maranhão receber setenta e sete mil reais, não era reais na época, setenta e sete mil de uma mercadoria que tinha sido entregue no supermercado lá, então tinha viajado para lá...

O SR. OSCAR ANDRADE – Mercadoria roubada?

O SR. JORGE MÉRES – Sim.

O SR. OSCAR ANDRADE – Qual o supermercado, o senhor lembra?

O SR. JORGE MÉRES – Supermercado Lusitana, na época.

O SR. OSCAR ANDRADE – Lusitana?

O SR. JORGE MÉRES – É.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Em São Luís mesmo?

O SR. JORGE MÉRES – São Luís. Fica no contorno que vai para a praia do Olho D'Água, em frente da antiga delegacia metropolitana.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Jorge, permite-me? Para levar esse supermercado Lusitana em São Luís, essa carga foi roubada em São Paulo ou no próprio Maranhão?

O SR. JORGE MÉRES – Não, o William compra 90% das cargas roubadas dentro do país, compra e tinha empresas fantasmas. Tinha quatro empresas em São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo capital, em Campinas duas, Campina Grande, na Paraíba, e no interior, Piracicaba, São Paulo também. Essas mercadorias que comprava, roubadas, esquentava com notas dessas empresas dele...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mandava com notas das empresas frias, das empresas fantasmas que tinha e não pagava imposto nem nada...

O SR. JORGE MÉRES – Não pagava nada...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Ninguém desconfiava nas estradas, fiscalização, rodoviária...

O SR. JORGE MÉRES – Tinha muitos fiscais envolvidos...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Tem um cadastro de empresas. A Receita tem um cadastro de empresas frias.

O SR. JORGE MÉRES – Dr. Tuma, a maioria dessas cargas são valiosas, só mexia com cargas valiosas e já fazia acerto nas divisas de Estados, que são os únicos locais perigosos da Receita pegar a carga, fazia acerto com os fiscais.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Quais os pontos mais críticos?

O SR. JORGE MÉRES – Divisa de São Paulo com Goiás, divisa de Goiás com Tocantins, divisa de Tocantins com...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Depois pediria, se o senhor pudesse, com o Paulo Lacerda

fazer um traçado para nós, um mapeamento onde são esses pontos...

O SR. OSCAR ANDRADE – O senhor contava que tinha ido receber setenta mil reais no Maranhão, na questão da sua esposa...

O SR. JORGE MÉRES – Naqueles dias tinha dado um problema no depósito dele em Campinas e ele tinha perdido uma carga e achou, na época, que tinha sido a minha esposa que tinha falado o endereço do depósito. E eu tinha pedido para me afastar porque já estava ficando perigoso trabalhar com ele daquela maneira. Então, o pessoal que executou falou, muito tempo depois, que mataram ela, para eu ficar quieto e não poder sair da organização, que ele precisava de mim porque eu era homem de confiança e braço direito dele para transportar o dinheiro, os valores, porque ele não podia fazer o transporte através de banco porque as contas seriam rastreadas. Então eu recebia e levava em mãos qualquer quantia. Cheguei a receber até 500 mil reais em dinheiro vivo, colocava no porta-mala do carro e entregava para ele.

O SR. OSCAR ANDRADE – Onde o senhor recebeu essa quantia e de quem?

O SR. JORGE MÉRES – Eu fazia rodízio. Saía recebendo entre Salvador, Maceió, São Luís.

O SR. OSCAR ANDRADE – Não foi de um único?

O SR. JORGE MÉRES – Não, porque ele vendia picado. Pegava 4, 5 mil caixas de cigarro, vendia 500 para uma, 300 para outras pessoas.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – O principal era a distribuição de cigarros?

O SR. JORGE MÉRES – Era com o que ele mais se envolvia por causa do valor, era cigarro e medicamento.

O SR. OSCAR ANDRADE – Quanto ao assassinato da sua esposa, houve inquérito, houve julgamento, alguém condenado?

O SR. JORGE MÉRES – Doutor, não. Depois de um tempo, ele mandou matar um dos meninos que matou ela para não contar quem tinha mandado e quem tinha feito. E aí ficou por isso mesmo. O Delegado que estava investigando foi afastado e ficou por isso mesmo. Nunca deram uma resposta.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Onde está o inquérito?

O SR. JORGE MÉRES – Olha, dizem que estava em Campinas. Eu nunca vi nada. O delegado não quis nem falar comigo quando fui lá.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Está como homicídio?

O SR. JORGE MÉRES – Como homicídio.

O SR. OSCAR ANDRADE – Quando foi isso?

O SR. JORGE MÉRES – Em dezembro de 1994.

O SR. OSCAR ANDRADE – Como era o nome da sua esposa?

O SR. JORGE MÉRES – Débora Rodrigues da Silva.

O SR. OSCAR ANDRADE – Como que essa quadrilha agia nos outros Estados?

O SR. JORGE MÉRES – Em cada Estado ele tinha um chefe, uma pessoa responsável para controlar, para descobrir as mercadorias de valor e esse chefe era responsável por levar o pessoal para fazer o assalto, para transportar a mercadoria até chegar no depósito dele.

O SR. OSCAR ANDRADE – Como é que programava o assalto? Já tinha contato com os embargadores, com as transportadoras. Tinha já contato, informava que a carga saía a tal hora...

O SR. JORGE MÉRES – Tinha. Os próprios seguranças, os batedores, que chamam, não é? Eles mesmo davam o destino, onde eles estavam, quando iam sair, até que horas da noite iriam rodar. E isso facilitava. Os caras pegavam o caminhão, passavam a carga para um outro caminhão e voltavam para São Paulo. Sempre com notas frias ou então dividiam a carga em dois caminhões e iam sem nota.

O SR. OSCAR ANDRADE – E esses roubos envolviam caminhões também, em alguns desses roubos? Sumiam com o caminhão?

O SR. JORGE MÉRES – Os caminhões que prestavam ele mandava tudo para a Bolívia.

O SR. OSCAR ANDRADE – E assassinato de motoristas acontecia?

O SR. JORGE MÉRES – Que fiquei sabendo, na época, ele era contra isso, sempre foi contra a matar motoristas. Porque esses roubos que ele mandava praticar eram mais desvio de carga para dar golpe no seguro. Então o motorista sabia o que estava acontecendo. Ele já ia programado para carregar na indústria já preparado que ia ser roubado no caminho.

O SR. OSCAR ANDRADE – O motorista sabia, então a transportadora sabia também, o dono da empresa. Por exemplo, o nome de algumas empresas.

O SR. JORGE MÉRES – A Transportadora Real trabalhou muito tempo com isso.

O SR. OSCAR ANDRADE – Essa você já tinha dito. Mais alguma?

O SR. JORGE MÉRES – Ela era uma das que mais faziam acerto. A Transportadora União.

O SR. OSCAR ANDRADE – A Transportadora Real é de onde?

O SR. JORGE MÉRES – Ela era de São Paulo, São Luís e Imperatriz.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Jorge, como estamos mais acostumados, quando o relator lhe perguntar, por exemplo, sobre os caminhões, o que é que fazia, se entregava para a Bolívia, explica sempre para ele com os detalhes que você explicou para nós, na CPI do Narcotráfico, que os caminhões novos eram trocados por droga e dinheiro e que os outros, inclusive, às vezes eram usados para pagar aqueles que faziam os roubos, enfim.

O SR. OSCAR ANDRADE – Qual era a rota preferida...

O SR. JORGE MÉRES – Vou começar novamente. Geralmente a saída é de São Paulo porque São Paulo tem a distribuidora Souza Cruz, a que mais distribui cigarros para os outros Estados, então era preferível aquele caminho ali. O reduto dele seria o Estado de São Paulo, porque, ali, ele tinha o controle da Polícia; havia vários policiais envolvidos: polícia civil, polícia militar, polícia rodoviária estadual.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – O senhor teve contato com alguns desses policiais durante o tempo em que ficou como motorista de confiança dele?

O SR. JORGE MÉRES – Tive sim, senhor. Eu tive contato com o Jean, com o delegado que está preso em Campinas.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Responda devagarzinho, porque está sendo gravado. Jean ...

O SR. JORGE MÉRES – Jean; o Dr. Pedro, que era um Delegado do Primeiro Distrito; Dr. Danilo, que também era chefe de equipe da região de Campinas, e havia um comandante da polícia estadual e um coronel que dava apoio. E havia um soldado que está preso; está aqui, em Brasília. Não estou lembrando o nome dele.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Soldado... Era bom dizer também.

O SR. OSCAR ANDRADE – Eles facilitavam, davam cobertura para sumirem com o caminhão para a Bolívia? Qual era a rota?

O SR. JORGE MÉRES – Sim, senhor. A rota deles era a normal: Corumbá. Sempre, porque, o comprador desses caminhões era o Xixito, um produtor de cocaína na Bolívia.

O SR. OSCAR ANDRADE – Boliviano ou brasileiro?

O SR. JORGE MÉRES – Boliviano.

O SR. OSCAR ANDRADE – Xixito?

O SR. JORGE MÉRES – Xixito. Ele produzia cocaína lá e era um receptador de caminhão.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Na Bolívia, os traficantes têm uma proporcionalidade melhor do que na Colômbia. Então, os grandes traficantes às vezes são pequenos produtores e fazem o seu comércio mais próximo da fronteira.

O SR. JORGE MÉRES – Dr. Romeu Tuma, o Xixito é um dos homens que seriam praticamente o Pablo Escobar da Bolívia. É um dos homens mais poderosos na compra de caminhão roubado e no tráfico de drogas, na produção.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Ele misturava os dois comércios?

O SR. JORGE MÉRES – Sim.

O SR. OSCAR ANDRADE – Então, esses receptadores de caminhão, na totalidade, eram bolivianos?

O SR. JORGE MÉRES – Sim, mas havia os brasileiros que faziam a ponte, faziam o negócio. Por exemplo, José Vicente Soares. Ele tinha uma empresa em Corumbá, chamada Paiaguás Importação e Exportação. O José Vicente Soares era o testa-de-ferro do Sozza e comandava essa empresa em Corumbá. Ele recebia esse caminhão, que ia carregado até a empresa dele com mercadorias das quais ele era representante, e repassava o caminhão para o Xixito. Recebia algumas vezes em dinheiro e, algumas vezes, em drogas, armas e munição. Dependia da necessidade do pessoal de São Paulo e do Rio de Janeiro, que faziam encomendas para ele. Quando não havia encomenda, ele recebia em dinheiro.

O SR. OSCAR ANDRADE – Existia uma base, um quartel-general ou algo parecido para encontro dessas quadrilhas? Havia intermediários e onde se localizavam?

O SR. JORGE MÉRES – Para cada Estado havia uma pessoa responsável. Ela se encarregava de arrumar depósito, de arranjar um local para transferir cargas e de arrumar o pessoal para trabalhar.

O SR. OSCAR ANDRADE – Quais os que o senhor se lembra – pessoas e local?

O SR. JORGE MÉRES – Aqui, em Brasília, há o Salgadinho. É um homem muito poderoso em questão de assalto. Ele tem uns 15 homens que trabalham com ele. Ele mora em Brasília.

O SR. OSCAR ANDRADE – Lembra o endereço dele, o local mais ou menos?

O SR. JORGE MÉRES – Eu não me lembro o nome da rua, mas sei ir lá. Eu já me propus a levar a Polícia até lá.

O SR. OSCAR ANDRADE – Quem mais?

O SR. JORGE MÉRES – Em Salvador, ele tinha o Dorneles, o Vander Dorneles; na Paraíba, ele tinha o José Wilson, que era um comerciante de lá; em Pernambuco, há um supermercado muito grande em Petrolândia, em Nova Petrolândia, que também é receptador dele. Compra todas as mercadorias e também comprava caminhão roubado. Em Fortaleza, tem Pessoa, que é um ex-policial rodoviário, ex-comandante da polícia rodoviária, que também é receptador grande e de peso, como ele falava, e, no Maranhão, há três prefeitos.

O SR. OSCAR ANDRADE – Essas pessoas que fechavam os negócios, que intermediavam para os senhores?

O SR. JORGE MÉRES – Sim. Que fecham, tanto intermediavam como também compravam a mercadoria. E a Amorifarma, que é do Roberto Negrão, em São Paulo, e a Abifarma, eles compravam a parte de medicamento.

O SR. OSCAR ANDRADE – Qual a empresa?

O SR. JORGE MÉRES – Amorifarma. Então, comprava a parte de medicamento. Cada cidade, por exemplo, comprava um tipo de mercadoria.

O SR. MOREIRA MENDES – Sr. Presidente, pela ordem.

Já que ele citou que existem três prefeitos no Maranhão, quais seriam esses prefeitos?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Boa pergunta, Senador.

O SR. JORGE MÉRES – Um deles é o prefeito da cidade de Nova Olinda, que se chama William; o prefeito de uma pequena cidade já na divisa do Maranhão com o Pará, antes do Buruqui – não estou lembrado de seu nome, mas ele está preso; foi preso em São Luís; o outro, que é de uma cidade mais para cá, é o Sr. José, não me lembro do sobrenome.

O SR. OSCAR ANDRADE – E o Sr. Juscelino Rezende?

O SR. JORGE MÉRES – Juscelino Rezende é Prefeito de Vitorino Freire. Era comprador de fogões, geladeiras e cigarros roubadas.

O SR. OSCAR ANDRADE – De Sozza?

O SR. JORGE MÉRES – De Sozza.

O SR. OSCAR ANDRADE – Você esteve com ele algumas vezes?

O SR. JORGE MÉRES – Não. Eu não cheguei a fazer essa parte. E em Bacabal, havia um empresário, que está foragido, que também comprava mercadoria – e era um empresário muito forte lá. Ele fugiu.

O SR. OSCAR ANDRADE – O senhor se lembra do nome?

O SR. JORGE MÉRES – No momento, não. Mas, assim que eu me lembra, eu lhe falo, porque são quase 500 pessoas envolvidas, e, às vezes, fica difícil lembrar o nome de todos de momento.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Na CPI do Narcotráfico, o senhor citou esses nomes?

O SR. JORGE MÉRES – Sim. Eu dei todos os nomes, porque na CPI do Narcotráfico, eu fiz um mapa, Dr. Tuma, e o entreguei para a CPI, contendo o roteiro de todas as pessoas envolvidas, os trajetos, as cidades, os nomes das empresas, tudo enfim, e ela trabalhou em cima disso. Oitenta por cento do que estava no mapa foi provado e localizado.

O SR. OSCAR ANDRADE – O roubo da carga propriamente dito, como era executado? Quais equipamentos eles usavam? Que veículos? Que armamentos? Lá na ponta, como o roubo era feito?

O SR. MOREIRA MENDES – Pela ordem, Sr. Presidente. Com a permissão do Relator, ele começou a dizer os Estados, e citou alguns. Para não se perder o raciocínio, quero perguntar ao Jorge se há algum Estado do Centro-Oeste e do Norte envolvido: Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia, Acre, Amazonas...

O SR. JORGE MÉRES – Cáceres, Mato Grosso do Norte, Cuiabá, Campo Grande, Corumbá, Tocantins, Goiânia, todos têm comprador.

O SR. MOREIRA MENDES – Rondônia.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Rondônia tem compradores de mercadoria?

O SR. JORGE MÉRES – Compradores e também pessoas para fazer os supostos assaltos.

O SR. OSCAR ANDRADE – Eram sempre supostos assaltos?

O SR. JORGE MÉRES – Não. Tinha... quando...

O SR. MOREIRA MENDES – Você lembra dos nomes das pessoas especificamente do Estado de Rondônia?

O SR. JORGE MÉRES – Não, senhor.

O SR. MOREIRA MENDES – Ou empresas envolvidas lá?

O SR. JORGE MÉRES – Não, senhor. Porque lá já não era minha parte, eu não viajava para lá. Eu fui até Cáceres algumas vezes. Para Rondônia, já ...

O SR. – (*Inaudível. Intervenção feita fora do microfone.*)

O SR. JORGE – É. Lá era a Resoli que fazia.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Jorge, dá para você fazer a diferença entre o assalto propriamente dito e o suposto assalto?

O SR. CARLOS DUNGA – Sr. Presidente, ainda dentro do mesmo raciocínio.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Pois não.

O SR. CARLOS DUNGA – Durante a sua narrativa, o Jorge cita o Estado da Paraíba e principalmente a cidade de Campina Grande. Desejo saber se ele lembra de algum fato em relação a Campina Grande ou a outra cidade da Paraíba.

O SR. JORGE MÉRES – É. Campina Grande e João Pessoa têm receptadores e têm empresas que pertencem ao William Sozza. Essas empresas ele usava para “esquentar” notas de mercadorias de outros Estados. Então, vinha de lá. Lá, havia uma empresa que se chamava Indústria e Comércio de Alimentos Demil, e uma outra que era representante da Teka, ela era toalhas, cama e mesa; só que não tem envolvimento com a Teka; ela era representante, ele usava o nome da empresa, e há quatro pessoas que compravam mercadoria lá: o Paulão, que era um delegado; também tinha o José Vilson, que também era comprador de mercadoria; e tinha o Luiz Antônio, que era um braço direito da..., que praticava roubos naquela região. Há outras pessoas. Tenho que rever os meus depoimentos para lembrar dos nomes. Faz muito tempo, foi muito depoimento e são muitas pessoas, então fica um pouco...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Perfeito.

O SR. GERALDO CANDIDO – Jorge... Sr. Presidente?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Pois não.

O SR. GERALDO CANDIDO – Já que estamos fazendo o mapeamento dos Estados, você lembra de alguma pessoa ou empresa do Rio de Janeiro?

O SR. JORGE MÉRES – No Rio de Janeiro, o único que era envolvido com o Sozza era o Fernandinho Beira-Mar. Ele comprava mercadoria do Sozza e repassava...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Tinha relação com o Beira-mar?

O SR. JORGE MÉRES – Sim, senhor. Eram amigos e faziam negócios juntos.

O SR. GERALDO CÂNDIDO – Mas não há nome de empresas ou de outras pessoas do Rio?

O SR. JORGE MÉRES – Não, senhor.

O SR. GERALDO CÂNDIDO – Que você saiba não tem, não é?

O SR. JORGE MÉRES – Não. O que eu sei é que era o Fernandinho que resolvia tudo para ele.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Era só bandido mesmo. Não havia fachada.

O SR. CHICO DA PRINCESA – Sr. Presidente, gostaria de saber algum caso de pessoas envolvidas ou empresas no Estado do Paraná. Se o Jorge tem lembrança de algum...

O SR. JORGE MÉRES – No Paraná, tem o Gaucho, que é um dos sócios da transportadora, o cunhado dele...

O SR. OSCAR ANDRADE – Da Real?

O SR. JORGE MÉRES – Da Real.

O cunhado dele. Ele mora em Pinheiros. E ele tem duas carretas que só fazem esse transporte. Não trabalha em nada mais. É só para trabalhar com mercadorias roubadas.

O SR. CHICO DA PRINCESA – Ele mora onde?

O SR. JORGE MÉRES – Ele mora em Pinheiros, no Paraná.

O SR. ROBSON TUMA – Sr. Relator, V. Ex^a me permite um aparte?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Pois não. Dirija-se à Presidência, por favor.

O SR. ROBSON TUMA – Sr. Presidente, seria importante o retorno do Jorge. O Jorge, há muito tempo, prestou o seu depoimento na CPI do Narcotráfico. Naquele momento, ele estava saindo da quadrilha. Tinha acabado de ser preso no sítio do Carlos Eduardo Valdir. Naquela oportunidade, ele conseguiu, com clareza, apontar todos os pontos, nomes, com tranqüilidade, porque era bem recente.

O SR. JORGE MÉRES – Sim, senhor.

O SR. ROBSON TUMA – Mas agora, estou sentindo que ele está tendo algumas dificuldades em lembrar alguns fatos que foram extremamente importantes, porque a CPI do Narcotráfico acabou não tendo tempo para analisar todos os pontos, todos os aspectos e, posteriormente, com o cruzamento das quebras dos sigilos, novos nomes apareceram, novas empresas apareceram, inclusive com algumas delas tivemos oportunidade de conversar e, depois, com o Jorge Mères. Mas não tivemos a oportunidade de finalizar esse trabalho na CPI do Narcotráfico, que está sendo finalizado, porém não conseguimos investigar

a fundo algumas pessoas e empresas, como deveria, e, mais do que isso, convocá-las para depor.

Como o Jorge Méres está sob proteção policial, tem endereço incerto e não conhecido, a Polícia Federal e o Relator – eu poderia acompanhá-los – poderíamos sentar com todas as pastas, principalmente com a referente ao caso de Campinas, onde ficava o coração da organização, para que, conosco, ele faça um mapa de toda a quadrilha e, assim, relembrar os fatos..

O SR. OSCAR ANDRADE – Reviver a memória.

O SR. ROBSON TUMA – Reviver a memória dele.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Tem que fazer o organograma da quadrilha, base, todo o esquema...

O SR. ROBSON TUMA – Temos o cronograma da quadrilha feito como sub-relator. No entanto, seria importante que ele clareasse a sua memória por meio daqueles nomes, principalmente dos que apareceram posteriormente com a quebra do sigilo.

Portanto, é importante um novo contato com o Jorge Méres, para que seu depoimento não fique vago.

Agora, Jorge, seria muito importante se você pudesse, para que todos aqui entendessem – o que conseguimos depois de muito custo entender na CPI do Narcotráfico, porque fazíamos tantas perguntas como estão sendo feitas agora –, que você dissesse como era o organograma da empresa: tinha o Willian Sozza, Artur Eugênio, Beto Zini, o fulano, o sicrano que compravam. Que você tente, pelo menos, o organograma daqueles com quem você tinha contato, para que seja entendido como e o que era a quadrilha, cujo coração era em Campinas, mas que tinha ramificação – como você demonstrou na CPI do Narcotráfico – em praticamente todo o Brasil. Acabamos tendo de ir a quase todos os Estados brasileiros. Então, só para se tenha uma idéia, seria possível tentar lembrar como era o organograma? Quem era o chefe, qual era a função, o que V. Ss faziam?

O SR. OSCAR ANDRADE – Como era o *modus operandi*.

O SR. ROBSON TUMA – O *modus operandi*. Por exemplo, havia aquelas áreas, que eram do William Sozza e do Arthur Eugênio, onde se guardava a mercadoria roubada, que nós estivemos lá. Como se fazia para pegar essas áreas? Como se vendiam aquelas mercadorias roubadas? Enfim, tudo isso, para que todos aqui tivessem uma noção exatamente

do que era a quadrilha, para que, depois, fosse possível entender em cada Estado separadamente.

O SR. JORGE MÉRES – Dr. Robson Tuma, eu já estou acostumado a falar com V. Ex^e e estou à disposição para ajudá-lo, no que for preciso. Agora, eu vim sem saber. Então, eu não li nada, não acompanhei nada, não sabia nem do que se tratava, por que eu vim para cá hoje.

Se V. Ex^e e o Presidente desta CPMI permitirem, refaço aquele organograma todinho. Se V. Ex^e me der mais ou menos uma semana, eu refaço cidade por cidade, pessoas por pessoas, endereço por endereço, nome, barracão, depósito e vou levar – como eu tinha falado da outra vez, que fui com o Dr. Paulo Lacerda – aos locais onde eram feitas todas as coisas.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Sr. Jorge, eu queria propor aqui uma coisa: que continuasse esse preâmbulo, vamos assim dizer, do seu depoimento e nós marcaríamos uma nova data, com o tempo que V. S^a achar conveniente, porque nós já temos também alguns nomes que foram oferecidos nas investigações das companhias especializadas contratadas pelas empresas transportadoras. Aí, dando uma olhada nesses novos nomes, V. S^a poderia lembrar ou não se eles tinham participação ou se acabou aquele sistema e nasceu um novo. Pode ter sido desmontado aquele, e a experiência e o resultado daquele podem ter trazido novos criminosos para essa área. Então, tudo que V. S^a puder esclarecer agora... Nós marcaremos uma nova data, com mais consistência, para o seu depoimento e ofereceremos todos os meios de que V. S^a precisar para trazer a memória de volta para colaborar com esta CPMI.

Não sei se V. Ex^ss concordam.

O SR. ROBSON TUMA – Pela ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Pois não, V. Ex^e tem a palavra pela ordem.

O SR. ROBSON TUMA – Se for permitido e se o Sr. Jorge Méres desejar, nós poderíamos ler alguns nomes, para que ele reavivasse a sua memória. Por exemplo, William Sozza; ele ia reviver a figura do William Sozza, porque era...

O SR. OSCAR ANDRADE – Parece que é a base, é o central, não é?

O SR. ROBSON TUMA – ... Arthur Eugênio. É, William Sozza era um chefe.

O SR. JORGE MÉRES – William era o chefe geral.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Isso aí é para dar a base do depoimento como um preâmbulo.

O SR. ROBSON TUMA – Para que ele já pudesse mostrar um pouco o que era realmente a quadrilha. Por exemplo, a LM, que era a empresa, a Jontec, enfim, tentar dar nomes a nomes, para que ele pudesse reviver a memória. Se for entendimento aqui, para que ele já possa colocar o organograma.

O SR. JORGE MÉRES – Se pudesse ler os nomes, a gente ia se entender bem mais fácil.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Seria bom. É bom, porque a CPMI fica fortalecida com os novos dados e pode iniciar algum tipo de investigação imediatamente, em cima dos fatos que, mais ou menos, já tiveram início na CPI do Narcotráfico.

O SR. ROBSON TUMA – Então vamos lá. William Sozza.

O SR. JORGE MÉRES – Era o chefão geral de todo o crime organizado montado dentro do País, porque ele comandava 14 Estados e 4 países.

O SR. ROBSON TUMA – V. S^a explica o que eram as empresas dele. Quais eram as empresas? A Dog Center, todas as empresas.

O SR. JORGE MÉRES – A Dog Center, a Ponto Zero, Demil, Epaiguaz Comércio e Exportação, Jacaré Materiais de Construção, Sumaré Importação e Exportação. A de São José dos Campos eu não me lembro o nome.

O SR. ROBSON TUMA – A empresa é de quê, em São José dos Campos?

O SR. JORGE MÉRES – A distribuidora Camping, não é? A Paulin, aquela empresa que é do Presidente do Guarani, a de materiais de construção...

O SR. OSCAR ANDRADE – Todas essas empresas eram para atuar nesse estilo de...

O SR. JORGE MÉRES – Sim, elas eram só para esquentar a mercadoria e revendê-la como boa. Comprava-se, por exemplo, cem caixas de uma indústria – vinha uma nota de cem caixas dessa indústria – quente, lícita – e, em cima dela, colocava-se mil – fazia-se a nota no computador e colocava-se mil. Era dessa maneira que ele trabalhava. Abria uma empresa – hoje é fácil abrir uma empresa –, começava a comprar pouquinho naquela empresa e a enchia de mercadorias roubadas.

O SR. ROBSON TUMA – A Dog-Center funcionava como o quê?

O SR. JORGE MÉRES – A Dog-Center funcionava como um espelho. A Dog-Center era distribuidora de alimentos para animais e funcionava como um espelho. Ele a usava, também, para lavar dinheiro.

O SR. ROBSON TUMA – E a ALM Eventos?

O SR. JORGE MÉRES – Também. Era usada para lavar dinheiro.

O SR. ROBSON TUMA – Ela era boate, não é isso?

O SR. JORGE MÉRES – É.

O SR. ROBSON TUMA – E quanto aos sócios da boate, como é que funcionava?

O SR. JORGE MÉRES – O Sr. William Sozza era o dono da boate, mas ele colocou o Geraldo como o seu testa-de-ferro – o Geraldo Udina.

O SR. ROBSON TUMA – O Geraldo, em Campinas?

O SR. JORGE MÉRES – Em Campinas.

A boate era mais para....

O SR. ROBSON TUMA – Como é que ela se chamava? Paradise?

O SR. JORGE MÉRES – Paradise. Era para fazer encontro com o pessoal. O pessoal de estrada, o pessoal de assalto ia lá e se encontrava com ele na boate e ali eles planejavam como ia ser feito, onde ia ser feito, para onde ia a mercadoria. De lá, o pessoal saía para o trabalho. A boate era usada mais como refúgio, o pessoal ficava escondido lá.

O SR. ROBSON TUMA – E quanto a Anselmo Lopes de Mirabaia?

O SR. JORGE MÉRES – Eu sei quem é, mas não estou lembrando...

O SR. ROBSON TUMA – Era de lá, da Paradise, não é?

O SR. JORGE MÉRES – É. Era um dos sócios... Não, não era um dos sócios, era o ex-dono da Paradise; ele a vendeu para o Sozza.

O SR. ROBSON TUMA – Vendeu, mas era....

O SR. JORGE MÉRES – Vendeu e continuou interferindo, continuou lá na Paradise.

O SR. ROBSON TUMA – O Antonio Carlos Viotti?

O SR. JORGE MÉRES – Era um testa-de-ferro do Sozza. Ele tinha garagens e empresas no nome dele para não estar no nome do Sozza.

O SR. ROBSON TUMA – Você lembra quem eram os policiais que davam proteção para o esquema?

O SR. JORGE MÉRES – O Jean, o Danilo, o Lazinho – o delegado Lazinho. E havia mais alguns: o Fernandes, o Luiz Carlos, aqueles dois que se mataram...

O SR. ROBSON TUMA – Todos policiais?

O SR. JORGE MÉRES – Todos policiais.

O SR. ROBSON TUMA – E esses policiais?

O SR. JORGE MÉRES – Ele tinha 40% da polícia de Campinas....

O SR. OSCAR ANDRADE – Alguns já foram afastados da Polícia.

O SR. ROBSON TUMA – Como era a folha de pagamento deles?

O SR. JORGE MÉRES – Quarenta por cento da polícia de Campinas era da folha de pagamento dele.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Uma pergunta: qual era o tipo de proteção que eles vendiam?

O SR. JORGE MÉRES – Informações, ir com a viatura para frente do depósito para não ter o perigo de uma outra polícia passar por lá e ver o caminhão descarregando ou saindo. O caminhão era timbrado e, então, sempre iam viaturas na frente e a polícia não chega...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Deram cobertura a algum assalto a caminhão na rua? Houve algum tipo de proteção mais direta à ação da quadrilha?

O SR. JORGE MÉRES – Sim. Tinha um policial em Campinas que participava dos assaltos. Ele, inclusive, deu um tiro no próprio dedo em um dos assaltos em que o motorista reagiu.

O SR. ROBSON TUMA – Ele foi afastado. É o agente-investigador, não foi isso? O Régis?

O SR. JORGE MÉRES – O Régis.

O SR. CARLOS DUNGA – Sr. Presidente, com a intenção de colaborar com o relator: depois que o ouvi citar a Paraíba... Ele citou duas empresas, a Demil e a Teka, e citou alguns policiais. Eu gostaria de saber se o senhor lembra se havia policial na Paraíba que também dava segurança a essa quadrilha.

O SR. JORGE MÉRES – Havia um policial – ele fica numa barreira... Na chegada de João Pessoa tem uma barreira e tinha um policial que se chamava João – um moreno alto, forte – e o pessoal ligava para ele e dizia o dia em que o caminhão ia passar. Ele ia para a estrada, esperava o caminhão passar, não deixava os outros atacarem o caminhão e o caminhão ia embora com a mercadoria.

O SR. CARLOS DUNGA – Só sabe que era João?

O SR. JORGE MÉRES – É. Esse João....

O SR. CARLOS DUNGA – E as duas empresas eram somente essas?

O SR. JORGE MÉRES – Sim. Que esquentavam a mercadoria lá, eram.

O SR. CARLOS DUNGA – A Demil e a Teka?

O SR. JORGE MÉRES – A Demil e a Teka.

O SR. CARLOS DUNGA – Uma de Campinas e a outra de João Pessoa.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Esse policial, durante as investigações, chegou a ser identificado?

O SR. JORGE MÉRES – Não, doutor, porque eu não fui para a Paraíba

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Você o reconheceria se for necessário?

O SR. JOSÉ MÉRES – Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Então, talvez o Deputado pudesse dar uma mão...

O SR. OSCAR ANDRADE – É policial militar?

O SR. JORGE MÉRES – É policial militar que fica na rodovia.

O SR. CARLOS DUNGA – Estou pedindo a V. Ex^a requerimento nesse sentido.

O SR. OSCAR ANDRADE – Então é policial rodoviário.

O SR. JOSÉ MÉRES – Não. São policiais militares que ficam na rodovia. Lá eles têm um sistema, uma barreira.

O SR. CARLOS DUNGA – Umas barras da própria polícia.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Eu queria, se o Deputado Robson permitisse, se ele lembrar os nomes, que fosse feito o organograma com mais tranqüilidade. Ou seja, V. Ex^a trocaria idéias com ele, com o Sr. Paulo Lacerda e montariam um organograma, que seria distribuído aos outros membros da CPMI, pois penso que será mais tranqüilo para ele uma reunião mais reservada, não secreta. E posteriormente seja distribuído o organograma, objetivando a que se tenha mais tranqüilidade na elaboração.

Então, pediria aos delegados que também colaborem nisso, pois assim seria mais eficaz, já que agora vai ficar um pouco perdido.

O SR. ROBSON TUMA – Essa é a preocupação que temos. Chegou o nosso companheiro que foi sub-Relator da CPI junto comigo, principalmente do caso Jorge Méres, de Campinas... Como acabou o recesso agora e não preparamos absolutamente nada para que os outros companheiros da CPMI do Roubo de Carga tivessem um conhecimento profundo da importante ajuda que pode dar o Sr. Jorge Méres a esta CPMI, tenho medo de que se perca um pouco a riqueza de detalhes que ele pode dar. Daí a minha preocupação.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mas como ele pediu uns dias para poder rever todo o seu

depoimento, suas anotações, penso que poderíamos concordar com o seu pedido e com o auxílio dos dois Deputados e dos delegados que aqui se encontram no sentido de ajudar o Relator na elaboração do organograma.

O SR. OSCAR ANDRADE – As minhas perguntas foram baseadas em conhecimento do Dr. Paulo Lacerda. E com a presença dos dois aqui, que estiveram com o sub-Relator, eu vou fazendo e os senhores estão livres para intervir, para acrescentar algum dado.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Todos os Deputados poderão pedir um aparte para poder...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sr. Presidente, peço um aparte.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Pois não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Penso que seria interessante, mesmo que em uma reunião separada, que se pudesse dar um tempo ao depoente, uns dias inclusive...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – É o que ele pediu.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Exatamente. Para que ele fizesse um relatório onde constaria tudo o que tem na cabeça. O Jorge fez outra vez todo um organograma, então poderia ser refeito, aperfeiçoado e atualizado. Tenho certeza de que com isso vamos receber muitas e importantes informações e a partir daí vão surgir novas investigações, diligências, intimações de testemunhas para depor, enfim, novos nomes vão surgir, com toda certeza.

O SR. JORGE MÉRES – Dr. Pompeu, Dr. Robson Tuma...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Pois não, Senador.

O SR. JORGE MÉRES – As pessoas que estão envolvidas com o crime organizado e as pessoas que estão envolvidas com o roubo de carga, assuntos que fariam com que esta CPMI fosse para a frente, praticamente são as mesmas. Na CPI do narcotráfico muita gente acabou ficando para trás, muita gente foi esquecida no meio desse caminho e pessoas importantes. Nesta CPMI das cargas, elas poderiam ser incluídas para serem ouvidas, o que ia dar um resultado bem melhor. Então, se pegarmos uma parte do que existe nas declarações da CPI do narcotráfico e voltar àqueles nomes, os senhores podem ter certeza de que esta CPMI vai chegar a um final com sucesso, porque vai chegar às pessoas envolvidas e culpadas.

O SR. MOREIRA MENDES – Sr. Presidente, peço a palavra.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Pois não, Senador.

O SR. MOREIRA MENDES – Já que houve liberalidade do Relator, do Deputado Oscar Andrade, que está com a palavra – e, regimentalmente, ele é o primeiro que pergunta –, e há liberalidade inclusive de abrir para que façamos as perguntas a todos os envolvidos, quero perguntar ao Sr. Jorge se ele tem conhecimento de aonde entrava, e se entrava, dentro de todo esse esquema, se, de alguma sorte, alguma companhia de seguro esteve envolvida nessa questão.

O SR. JORGE MÉRES – Corretores, sim. Corretores de seguros, sim.

O SR. MOREIRA MENDES – E tudo isso implica também no seguro. Na medida em que se rouba a carga, aumenta o valor do seguro, enfim. Que o senhor explicasse esse envolvimento de corretores ou companhias de seguro com essa questão.

O SR. JORGE MÉRES – Tinha o Luís Carlos, que trabalhava na Financial – era Bamerindus, antigamente.

Ele fazia o seguro sem ver o caminhão, sem ver a carga, sem ver nada. Fazia só no papel. Aí, a carga, às vezes, nem saía de dentro do depósito, e ia-se em uma delegacia, no Maranhão, no Tocantins ou no Mato Grosso – já um Delegado acertado –, e eles registravam a queixa e mandava, como se o caminhão tivesse passado lá e tivessem roubado, mas a mercadoria nem de dentro do depósito tinha saído, mas o corretor tinha feito o seguro como se tivesse viajado.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – O boletim era frio, então?

O SR. JORGE MÉRES – O Luís Carlos era da Bamerindus. E tem o Paulo, que é da Pancari. A própria Pancari, que é uma das maiores seguradoras...

O SR. OSCAR ANDRADE – Corretora.

O SR. JORGE MÉRES – Ela também tinha uma pessoa envolvida, o Paulo. Ele fazia esse mesmo tipo de trabalho: ele fazia a liberação do seguro, fazia o seguro, sem a mercadoria existir.

O SR. OSCAR ANDRADE – Já tinha sido roubada?

O SR. JORGE MÉRES – Às vezes, nem existia.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Era frio o boletim. O boletim é frio. A ocorrência era fria.

O SR. OSCAR ANDRADE – Quem era da Pancari?

O SR. JORGE MÉRES Paulo.

O SR. OSCAR ANDRADE – Paulo... Lembra o sobrenome?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Era diretor?

O SR. JORGE MÉRES – Ele tinha um nome e "Silva" no final. Não lembro, Senador.

O SR. OSCAR ANDRADE – Ele era operador de conta, não é? Algum nome de...

O SR. JORGE MÉRES – É o que ia fazer os seguros, o que ia no depósito, ver o caminhão carregando e tal, só que não carregava.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Era inspetor de seguros?

O SR. JORGE MÉRES – Era inspetor de seguro.

Então, eles tinham acesso lá dentro, faziam o seguro, lacrava, fazia tudo no parâmetro normal, só que sem sair a mercadoria. Ou então, quando a mercadoria já estava voltando, que já tinha sido roubada. Por exemplo: lá no Mato Grosso...

O SR. OSCAR ANDRADE – Já com BO e tudo?

O SR. JORGE MÉRES – Já com tudo. Aí, fazia-se também o mesmo sistema. E as transportadoras, que nem a Real, ela tem um seguro. Então, ela fazia, ela expedia o manifesto, o romaneio, fazia o seguro, e a mercadoria não saía, ou então, já estava retornando, porque já tinha sido roubada em outro Estado. Para poder entrar de volta no Estado, ela tem que estar com romaneio. Ela estando segurada, a Receita Federal não pede nota, é só o manifesto, porque a responsabilidade é da transportadora. Então, a transportadora tem um papel fundamental nesse tipo de desvio de carga.

O SR. OSCAR ANDRADE – Mais alguma coisa nessa linha, Senador?

Vou entrar, então, para outro assunto correlacionado, Sr. Presidente.

Nos anos de 94, 95 e 96, foram 46 – segundo depoimento seu – 46 carretas Volvo, quatro Scanners, sendo seis em São Paulo e 44 em São Luís, no Maranhão, que foram roubadas, através de documentos oficiais expedidos por juízes dos Estados. Mas essas carretas eram conduzidas até a Bolívia.

O SR. JORGE MÉRES – Sim.

O SR. OSCAR ANDRADE – Esses documentos eram o quê? Como fiel depositário?

O SR. JORGE MÉRES – Era uma carta de fiel depositário expedida por juízes do Maranhão, e que a carreta tinha livre acesso.

O SR. OSCAR ANDRADE – Você lembra o nome desses juízes?

O SR. JORGE MÉRES – Dr. José Ribamar e José Hiller Júnior.

O SR. OSCAR ANDRADE – Dois juízes?

O SR. JORGE MÉRES – Dois juízes.

O SR. OSCAR ANDRADE – Eles expediam o documento de fiel depositário...

O SR. JORGE MÉRES – Expediam, como fiel depositário, e a carreta ia embora.

O SR. OSCAR ANDRADE – Sempre os mesmos?

O SR. JORGE MÉRES – Eles tinham cinco motoristas. Aí, toda semana ia um motorista diferente, para não sair a carta sempre para uma a mesma pessoa.

O SR. OSCAR ANDRADE – Os juízes, então, participavam, também, do roubo dessas cargas?

O SR. JORGE MÉRES – Participava. Antes de ser juiz, ele era delegado, lá no interior do Maranhão, era amigo do Bel, que foi assassinado lá no Maranhão, que era um grande... Ele era um dos chefes do...

O SR. OSCAR ANDRADE – Eles tinham um percentual também do que apurava.

O SR. JORGE MÉRES – Tinha. Do que apurava.

O SR. OSCAR ANDRADE – Quem fazia o acerto com eles?

O SR. JORGE MÉRES – Sempre quem fazia o acerto era o Lauristo, o José Geraldo, o Francisco Caíca, o Sozza esmo.

O SR. OSCAR ANDRADE – Esses são os cabeças, junto com o Sosa?

O SR. JORGE MÉRES – Porque o José Geraldo era responsável pelo Maranhão. Então, era sócio do Willam Tudo o que...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Os juízes estavam envolvidos com o esquema? Esses dois juízes citados?

O SR. JORGE MÉRES – Dr. Tuma, eles expediam as cartas de fiel depositário para os caminhões podem ir para Corumbá.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Sempre os mesmos juízes?

O SR. JORGE MÉRES – Sempre os mesmos juízes.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – E não estava, na vara deles, nenhum processo que dava como apreendido o caminhão?

O SR. JORGE MÉRES – Não, senhor, porque ele expediu a carta de fiel depositário da cidade de São Luís e era juiz na cidade de Santa Inês.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Era tudo fajuto, inclusive a falta do processo para que ele pudesse despachar em processo. Os dois juízes, depois, têm que ser ouvidos aqui.

O SR. OSCAR ANDRADE – Bom, até quando você tem conhecimento de que continuava a expedição dessas cartas? Você só tem conhecimento dessas 46?

O SR. JORGE MÉRES – Não, foram 86 carretas que foram para lá durante esses anos que eu acompanhei o Sozza. Desses 86 carretas, 48 foram golpe de seguro; 10 carretas foi o dono mesmo que vendeu para ele, para mandar para outro lado para receber o seguro, e ele recebia mais 10 mil da carreta; e o restante foi caminhão roubado, porque acerto com motorista, acerto com empresa que estava mandando a carga e a carga sumia e voltava para o próprio dono e o lucro dele era o caminhão, porque ele trocava na Bolívia. Uma carreta volvo, uma NL 10, na Bolívia, hoje, o Xixito está pagando US\$ 36 mil. Então, é muito dinheiro. E um caminhão com um ou dois anos de uso, ele paga em torno de 22, 23 ou 24 mil dólares, dependendo do ano de uso e as condições, se for para trocar em dinheiro... Se for para trocar em produto deles, lá, eles faziam acerto e ele mandava um avião, mandava um carro buscar, ou então entregavam para o Hildebrando, e o pessoal do Hildebrando mandava para lá.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Deputado Oscar, só para não perder o fio da meada. Ele estava esclarecendo essa questão das cartas de fiel depositário. Ouvimos, lá, no Maranhão, um dos juízes ...

O SR. JORGE MÉRES – Sim, o Dr. Willer.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O Dr. Rauler, Riller?

O SR. JORGE MÉRES – É, Dr. José Ribamar Riller Júnior.

O SR. POMPEO DE MATTOS – José Ribamar Riller Júnior, que, aliás, o pai dele é desembargador ou foi juiz também?

O SR. JORGE MÉRES – É, desembargador.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Desembargador. E ele foi enfático em negar a essência dessas cartas de fiel depositário. Na verdade, também não apareceu nenhuma carta de fiel depositário. E havia uma possibilidade, porque as cartas, ao que se sabia, eram rasgadas ao final da viagem...

O SR. JORGE MÉRES – Sim.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Havia a possibilidade da existência de uma dessas cartas que teria

sido guardada. O senhor não tem conhecimento se foi liberado, de lá para cá; se apareceu, ou não, uma dessas cartas?

O SR. JORGE MÉRES – Dr. Pompeu, há duas dessas cartas. Duas carretas foram presas no Mato Grosso – uma no Mirante e a outra em Campo Grande –, que estavam com essas cartas. E essas cartas ficaram na delegacia lá em Campo Grande. E eu até na época pedi para que entrassem em contato. Em Rondonópolis, também foi presa uma carreta na Polícia Rodoviária, na saída de Rondonópolis, e também ficou a carta presa lá. Foi preso o caminhão, o motorista e ficou presa a carta. Seis dias depois, liberaram o motorista, o caminhão... Então, essas cartas ficaram lá para comprovar que, realmente, existiam. E a um menino lá de São Luís mesmo, o Riller deu uma carta de fiel depositário de um Pollo. E essa carta estava com ele lá. Só que, na investigação, passaram a mão na cabeça dele, porque era amigo de gente importante lá. E ficou por isso mesmo. E o juiz contestou.

O SR. POMPEO DE MATTOS – É, o grande drama foi exatamente que não apareceu nenhuma carta. A denúncia ... está claro que o senhor mesmo recebeu carta de depositário do juiz, não é?

O SR. JORGE MÉRES – Sim.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas, infelizmente, não apareceu nenhuma carta. Só para esclarecer isso. Talvez fizéssemos alguma diligência na cidade de Rondonópolis.

O SR. JORGE MÉRES – Rondonópolis, Corumbá e...

O SR. POMPEO DE MATTOS – E Miranda.

O SR. JORGE MÉRES – É, Miranda e Campo Grande, que é onde foram presas as carretas.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não se sabe qual é a delegacia?

O SR. JORGE MÉRES – Em Campo Grande, era o 5º distrito. Hoje, é 9º distrito. E o delegado – que era delegado na época em que foram presas as carretas – é o Dr. Marcelo, que eu coloquei no relatório da outra CPI, porque ele dava cobertura e fez um acerto de US\$ 6 mil para liberar a carreta e liberar os meninos que tinham sido presos. E essas cartas ficaram lá.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Você se referiu, aí, a alguém do Maranhão, que, na sua expressão, foi passada a mão por cima, porque tinha ligação com gente grande. Quem é essa pessoa e quem são os grandes?

O SR. JORGE MÉRES – O Supermercado Lusitana era comprador de mercadoria roubada e sabia

que era roubada. Lá, passaram a mão em cima dele e não fizeram nada. Ele deu um depoimento e nem foi à CPI depor. Disse que não tinha nada, que eu era louco e que eu não sabia o que estava falando. Só que eu mesmo descarreguei dentro do depósito dela. Então, não tem como...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Onde fica esse depósito?

O SR. OSCAR ANDRADE – Ao descarregar, você fez isso sozinho ou alguém foi com você?

O SR. JORGE MÉRES – Tem os chapas.

O SR. OSCAR ANDRADE – Você se lembra dos nomes que serviram de testemunha?

O SR. JORGE MÉRES – Os chapas que descarregaram estão no Maranhão e trabalham no mesmo posto até hoje. Tem um que está preso por homicídio, porque matou um outro chapa lá em uma briga, em uma bebedeira. Está preso. Chama-se João e está na Penitenciária das Pedrinhas. À época, falei que poderiam chamar os chapas, que me reconheceriam. Assim, poderíamos mostrar onde foi descarregado. Só que não fizeram... A CPI do Narcotráfico...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – A Receita não foi fiscalizar?

O SR. JORGE MÉRES – Não. Não fizeram nada.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sr. Presidente, em relação a essa questão, seria importante dizer aqui – até o colega me questiona sobre o assunto – que o Supermercado Lusitana, à época, foi citado e nomeado. Entretanto, havia outros fatores lá em São Luís do Maranhão que não nos permitiram atacar tudo. E a CPI ficou lá apenas três ou quatro dias. Desse modo, a investigação acabou não sendo aprofundada porque estávamos...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – A CPI atinha-se mais à área do narcotráfico.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Exatamente. E esse assunto dizia respeito mais ao roubo de cargas.

É importante fazer um requerimento para se ouvir o dono do Supermercado Lusitana. Como é o nome dele?

O SR. JORGE MÉRES – Não me lembro.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O sócio-proprietário do Supermercado Lusitana, em São Luís do Maranhão.

O SR. JORGE MÉRES – E o gerente dele é da época de 1995 e 1996...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sr. Presidente, aproveitando o ensejo, sugiro à Relatoria ou a qual-

quer um dos membros desta Comissão que requeira a quebra do sigilo bancário dessa empresa e dos seus sócios, solicitando ainda da Receita Federal uma investigação no que se refere à possibilidade de sonegação do depósito.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Faça essa sugestão por escrito.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Farei.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Por favor, peço a V. Ex^ª que faça essa sugestão por escrito.

O SR. JORGE MÉRES – Faremos juntos. Se o senhor quiser anotar as mercadorias que foram descarregadas lá.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Por favor.

O SR. JORGE MÉRES – A primeira carreta foi por ordem...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Antes de dizer isso, você não se lembra mesmo do nome?

O SR. JORGE MÉRES – Dele?

O SR. POMPEO DE MATTOS – Dele.

O SR. JORGE MÉRES – Não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Nem do gerente?

O SR. JORGE MÉRES – Não estou me lembrando, porque já faz muitos anos.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mas há a possibilidade de...

O SR. JORGE MÉRES – De reconhecê-lo? Sim.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Há a possibilidade de reaver a memória e lembrar-se do nome?

O SR. JORGE MÉRES – Sim. Por isso pedi esses dias, para voltar à época.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – O senhor poderá fazer um ofício da empresa e, posteriormente, faremos das pessoas físicas dos citados.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O Supermercado Lusitana Ltda.

O SR. OSCAR ANDRADE – Em São Luís do Maranhão, na Praia do Olho D'Água.

O SR. JORGE MÉRES – Próximo à Praia do Olho D'Água, em frente à ex-delegacia metropolitana, bem ao lado... Até hoje existe o supermercado, que foi reformado e aumentado. Naquela época, havia apenas essa loja, mas agora há outras.

O SR. CARLOS DUNGA – Sr. Presidente, seguindo o mesmo raciocínio, já que ele anunciou duas empresas na Paraíba que seriam vendedoras de mercadoria, gostaria de perguntar se ele se lembra de al-

guma empresa compradora desses produtos no Estado da Paraíba.

O SR. JORGE MÉRES – Não me lembro de empresas que compravam mercadorias lá. Essas empresas eram as que esquentavam as notas. Não me lembro das que compravam lá.

O SR. OSCAR ANDRADE – Independente do Estado da Paraíba, você se lembra das empresas, principalmente grandes empresas, que compravam carga roubada de todo esse esquema? Refiro-me a qualquer tipo de carga. Também gostaria de saber o tipo de carga e principalmente o nome das empresas receptadoras.

O SR. JORGE MÉRES – As empresas envolvidas com medicamentos em São Paulo eram a Abifarma e a Morifarma. A Abifarma é um tipo de sindicato, uma indústria de medicamentos. Tanto fabricava quanto comprava carga roubada, recolocando-a no estoque.

A Morifarma é uma distribuidora de medicamentos que há em Santo Amaro, São Paulo. Ela comprava todo o estoque de medicamentos do Sozza que fosse roubado. Essa mercadoria era roubada da Martins e havia dois motoristas da Martins que faziam acertos...

O SR. OSCAR ANDRADE – Martins caminhões?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Transportadora Martins?

O SR. POMPEO DE MATTOS – É um grande atacadista que vende muito no Norte. Se não me engano, é aqui de Uberlândia.

O SR. OSCAR ANDRADE – Morifarma?

O SR. JOSÉ MÉRES – Morifarma.

O SR. OSCAR ANDRADE – Com a letra "r"?

O SR. JORGE MÉRES – Exato.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Essa Martins é de Uberlândia, não é?

O SR. JORGE MÉRES – Sim, excelência. Ela tinha alguns motoristas, que já ajeitavam.

O SR. POMPEO DE MATTOS – As empresas estariam envolvidas nisso?

O SR. JORGE MÉRES – Não, excelência. O motorista sabia a mercadoria que carregava. Então, ele já ligava para o Tiezinho, que vinha com seu pessoal, encontrava-o no caminho, trocavam de caminhão, abandonavam o veículo e a carga ia para Campinas. Chegando lá, a carga era tirada do caminhão e colocada no depósito, separavam-se os medicamentos por ordem alfabética e mandava-os para a Morifarma.

O SR. OSCAR ANDRADE – Eram Bifarma e Morifarma. Havia mais alguma?

O SR. JORGE MÉRES – De medicamentos, eram essas duas.

O SR. OSCAR ANDRADE – E de cigarros?

O SR. JORGE MÉRES – De cigarros, havia a JRC Cigarros, de propriedade do Sozza, que vendia para outras "esquentadas" e comprava. Havia os compradores "picados". Das panificadoras, quase todas compram.

O SR. OSCAR ANDRADE – Então, eles já esquentavam com a JRC, que era dele.

O SR. JORGE MÉRES – Sim, excelência. Ele depois vendia para o Fernando, um comprador forte e distribuidor em São Paulo.

O SR. OSCAR ANDRADE – V. S^a lembra a qual empresa pertencia o Sr. Fernando?

O SR. JORGE MÉRES – Ele não tinha empresa. Comprava do Sozza, picava e vendia para padarias e supermercados pequenos, em feiras e em praças no centro de São Paulo.

O SR. OSCAR ANDRADE – V. S^a recorda-se do sobrenome do Sr. Fernando?

O SR. JORGE MÉRES – O nome dele está no relatório.

O SR. OSCAR ANDRADE – E quanto a outros tipos de medicamentos – por exemplo, alimentos?

O SR. JORGE MÉRES – Alimentos para supermercados em Sumaré, em São José de Campos.

O SR. OSCAR ANDRADE – V. S^a lembra o nome de algum?

O SR. JORGE MÉRES – Há o Supermercado Real, em Rondonópolis, que era um forte comprador de alimentos; o Supermercado Itaquá, de Itaquaquecetuba, no Estado de São Paulo, de propriedade do Jean Carlos, que tinha uma espécie de hipermercado em Suzano. Ele comprava materiais de construção, tintas, alimentação, sabão, sabonetes – esses produtos que não serviam para outras empresas.

O SR. OSCAR ANDRADE – Quanto a algum supermercado grande, conhecido nacionalmente, V. S^a recorda-se de nomes de gerentes? Pode não se tratar de envolvimento direto do próprio supermercado, mas de algum gerente localizado de algum supermercado maior e mais conhecido. V. S^a tem notícia?

O SR. JORGE MÉRES – O Paes Mendonça comprou óleo. Não era o supermercado, mas o gerente ou alguém de lá, porque a mercadoria era descarregada no pátio e não lá dentro. Quando a mercadoria

é deles, descarrega-se dentro e não no pátio. Então, alguém de lá usava o supermercado para comprar.

O SR. OSCAR ANDRADE – Qual dos Supermercados Paes Mendonça?

O SR. JORGE MÉRES – O da Marginal Tietê, de São Paulo.

O SR. OSCAR ANDRADE – Há mais algum?

O SR. JORGE MÉRES – Existe um em São José dos Campos cujo nome não lembro, pois fui lá só uma vez buscar dinheiro. Ele foi ouvido em São Paulo, e o Senador Romeu Tuma estava lá naquele dia. Essa pessoa tem um supermercado e uma garagem de carros. O Carrefour de São José dos Campos – não o supermercado, mas alguém de lá – encorajava a mercadoria.

O SR. OSCAR ANDRADE – O gerente, por exemplo?

O SR. JORGE MÉRES – Penso que deveria ser, pois era mercadoria em grande quantidade.

O SR. OSCAR ANDRADE – Mas ele vendia no interior do supermercado?

O SR. JORGE MÉRES – Ele descarregava lá.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Se há alguém recebendo no interior do supermercado, então, o Carrefour também está envolvido?

O SR. JORGE MÉRES – Nem sempre, excelência, porque, às vezes, o dono entrega o comando para o gerente, que faz o que quer. Muitas vezes, o dono não sabe de onde nem como chegou a mercadoria. Como ela chega com nota esquentada, para ele é normal. O gerente está embolsando a diferença do valor da mercadoria, porque, se ele comprar da indústria, pagará determinada quantia e, se comprar do ladrão, pagará 50% menos. Então, fica com a diferença. Isso também ocorreu muito no caso de supermercados. Eles compram o que querem.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quem esquentava a nota? Como era o esquema dessa "fritura" da nota?

O SR. JORGE MÉRES – Quando a nota era totalmente fria, esquentava-se com nome de qualquer outra empresa. Quando a mercadoria tinha que sair do Estado, compravam-se 10 ou 100 caixas da indústria que fabricava aquele tipo de produto. O Sozza tinha um especialista em papéis, em computador. Ele tinha equipamento sofisticado. Inclusive foram confiscados equipamentos dele em São Paulo. Ele refazia aquela nota, que, então, ficaria como se estivesse saído da indústria. Ele tinha computador com 30 tipos de letra, para fazer qualquer tipo de nota. Essa nota, dali

para frente, seria esquentada, porque, na realidade, ela só era de dez unidades, mas saía com mil.

O SR. OSCAR ANDRADE – Você lembra a data aproximada, Jorge, principalmente da entrega das cargas roubadas do Paes Mendonça, da Tietê, do Carrefour de São José dos Campos?

O SR. JORGE MERES – Em 93, 94, 95, 96. Ela comprava muito óleo soya, ville, que eram enlatados em Campo Grande e aí desviava-se...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Era desvio ou era roubo mesmo?

O SR. JORGE MERES – Desvio, roubo.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – E o preço era bem aquém?

O SR. JORGE MERES – Era 50% do valor.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Pois não, Deputado.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sr. Presidente, percebo claramente que há uma absoluta interligação de tudo aquilo que está sendo relatado por ele aqui com o que aconteceu lá na CPI do Narcotráfico.

Pergunto à Presidência se já foi convocada a equipe técnica que trabalhou lá.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Já solicitamos inclusive o relatório, que, porém, só vai ser apresentado em outubro, depois das eleições.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Isso facilitaria muito o nosso trabalho aqui. Por exemplo, ele deu uma informação muito importante a respeito desse Supermercado Lusitana. Fiquei sabendo pelo colega Deputado que não deu tempo de analisar a situação desse supermercado. Certamente, deve haver uma série de outros casos.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Há outros dois grandes supermercados citados por ele não mencionados na CPI.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Já vi que a Mesa já tomou as providências cabíveis.

O SR. JORGE MERES – Em Marília tem...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Em São Paulo.

O SR. JORGE MERES – Em São Paulo, há uma fábrica de biscoito que comprava farinha ensacada, desviada do moinho de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Quando se descobriu que essa mercadoria era desviada, o proprietário ou a presidência da empresa colocou o gerente, o subgerente e um funcionário na rua. Mas essas pessoas continuaram comprando farinha no mesmo local, por mais tempo.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor pode declinar o nome delas, se souber?

O SR. JORGE MERES – A Zabete colocou o gerente, o subgerente e um dos funcionários na rua, quando ficou sabendo que a farinha que estava chegando do moinho, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, era desviada e era golpe de seguro. Mas essas pessoas só saíram da empresa. Elas continuaram comprando farinha lá e descarregavam num depósito que existe na entrada da cidade e num posto de gasolina, onde encostava um caminhão do lado do outro, dois caminhões-baús do lado da carreta e passavam a farinha para os baús e os baús sumiam.

O SR. OSCAR ANDRADE – Mas não iam mais para a indústria?

O SR. JORGE MERES – Não mais para a indústria, mas os nomes estão relacionados.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor não lembra?

O SR. JORGE MERES – Não lembro, não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Há uma coisa aqui interessante que ele apontou. Em todos os depoimentos, os empresários de transporte queixaram-se do alto custo do seguro, em razão do aumento do roubo de cargas. Ele está dando aqui uma informação do golpe do seguro. Quer dizer, a mercadoria nunca foi roubada, mas desviada com acerto de corretores e inspetores de seguro.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Exatamente por isto fiz aquela pergunta: para identificar essa questão.

O SR. JORGE MERES – É porque ela funciona, Excelência...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Tem a chancela da seguradora.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Da seguradora.

O SR. OSCAR ANDRADE – Não, da corretora.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Da corretora ou do inspetor.

O SR. OSCAR ANDRADE – A seguradora pagava.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sim, mas só que ela aumenta o valor do...

O SR. OSCAR ANDRADE – Ela aumenta, porque precisa sobreviver.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O que induz a aumentar o preço?

O SR. OSCAR ANDRADE – A quantidade de sinistros.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Se alguém tem interesse para aumentar a quantidade de sinistros, aumenta-se o valor do seguro.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Vamos falar com o Diretor de resseguros do Banco do Brasil, Sr. Duirbe, que esteve aqui conosco, e ver se há algum tipo de investigação com esse aspecto que Jorge Méres está colocando, que é o do desvio com a cônivência de inspetores ou de corretoras, de que forma eles tomaram providências a respeito disso, já que na CPI do Narcotráfico o senhor já se referiu a isso. O senhor já tem quatro, cinco meses, não tem, Deputado?

O SR. JORGE MERES – Oito meses. Senador Romeu Tuma, carregava, por exemplo, açúcar em Olímpia, no Estado de São Paulo, para levar para Campo Grande. Carregava açúcar Guarani no Rio Grande do Sul para levar para Campo Grande. Nunca chegou uma carga de açúcar, mas a seguradora pagou todas as vezes em que nunca chegou a carga. Mas o açúcar saía da Guarani do Rio Grande do Sul, parava em Campinas, refazia a nota, vendia por um preço cheio e dava queixa de que a carga não tinha chegado. Carregava-se no Mato Grosso e fazia-se o mesmo sistema: chamava-se o corretor de seguro, ele fazia o seguro da carga, a carga chegava a Campinas, descarregava, trocava de nota, ia para outro Estado, e a seguradora pagava.

O SR. OSCAR ANDRADE – Mas, para fazer isso, tinha que ter um boletim de ocorrência, o motociclista tinha de estar conivente, essas coisas?

O SR. JORGE MERES – Sim, faz, um delegado está ganhando R\$1.000 para fazer uma ocorrência de seguro. Uma ocorrência normal como se o caminhão tivesse sido roubado.

O SR. POMPEO DE MATTOS – É o chamado...

O SR. OSCAR ANDRADE – BO preventivo?

O SR. POMPEO DE MATTOS – É o famoso BO que na CPI dos Remédios revelaram, mas na verdade é o boletim de ocorrência que é o "Bom para Otário" porque eles só registram ocorrência inclusive que está sendo detectada lá no Rio Grande do Sul também. Porque registram a ocorrência, a carga nem sai do armazém, não vai para lugar nenhum, daí fazem de conta que roubaram a carga, não fazem de conta, registram, aí fazem de conta que vão fazer a verificação, não fazem a verificação, não fazem de conta, fazem o seguro, e fazem de conta que vistoriaram, e aí pagam o seguro e o seguro...

O SR. JORGE MERES – A seguradora, se ela não encontrar a mercadoria em 30 dias, ela tem que pagar.

O SR. OSCAR ANDRADE – Está aí, Senador, o desinteresse da seguradora. Ela é a única que perde nessa história, nesse caso. Mesmo ela aumentando o preço.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Nobre Deputado, veja bem, não estou prejulgando ninguém, mas o que é que induz ao aumento do valor do prêmio? O aumento do roubo de cargas: quanto mais roubo de carga, ou desvio, ou qualquer coisa parecida tiver, mais justificativa tem para as companhias aumentarem o valor do prêmio.

O SR. OSCAR ANDRADE – O que é natural.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas em tese poderiam ter manipulado com isso também, por que não?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – No começo, as seguradoras levaram um prejuízo enorme, porque foram, digamos, "sacaneadas". Mas de uma altura em diante, as seguradoras, vendo como funcionava o esquema, procuraram se precaver, naturalmente, e aumentaram o prêmio do seguro, ou seja, o valor pago para ter o seguro, e àquelas cargas seguradas dão um atendimento especial para não ser roubadas. Então, hoje as seguradoras não estão com tanto prejuízo como estavam, mas no começo as seguradoras, pagaram, sim, o pato, pagaram muito caro.

O SR. OSCAR ANDRADE – Perderam, perderam sim.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Perderam milhões dentro deste País.

O SR. JORGE MÉRES – Mas os próprios seguranças, as próprias pessoas que fazem a segurança da carga quando está sendo transportada, eles mesmos faziam acerto com o pessoal do Sozza. Por exemplo, saiu uma carga de cigarros de São Paulo para ir para Cáceres, no Mato-Grosso. Ela sai com quatro pessoas fazendo a segurança dela. Quatro homens armados acompanhando o caminhão.

O SR. OSCAR ANDRADE – Batedores.

O SR. JORGE MÉRES – Sim, batedores. Eles já ligavam, já falavam, às vezes o motorista não estava sabendo, eles marcavam o local para parar, eles param, se afastavam do caminhão, os outros chegavam e tomavam o caminhão. Aí a carga tinha seguro, o que acontecia? A empresa perde, e ele recebe duas vezes, ou três vezes o valor de uma carga só, porque aí ele refaz o seguro daquela carga, porque ele tinha uma distribuidora de cigarros, ele refaz o seguro daquela carga, ele vende aquela carga e toma nova-

mente, dessa maneira é que ele trabalhava, ele roubava dele mesmo. Novamente, ele ganhava duas vezes o seguro, três vezes o seguro.

O SR. OSCAR ANDRADE – Quem era especialista nisso?

O SR. JORGE MÉRES – O mentor de tudo era o Sozza, de fazer a documentação...

O SR. OSCAR ANDRADE – Vê se você lembra qual uma transportadora de carga que era conivente e que trabalhava com ele muito nisso.

O SR. JORGE MÉRES – A União foi destituída do cigarro por causa disso. A transportadora União, era carregar e perder. Todos os motoristas da União davam as informações, entregavam o caminhão e iam embora. Pegavam o carro, iam para casa e, dali há dois dias, apareciam em casa ralados. Se jogavam no chão, se ralavam nos arames e diziam que tinham sido assaltados. Iam ao delegado que já estava sabendo da situação, fazia a ocorrência do jeito dele, ele só assinava e pronto.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Como é que você tem conhecimento detalhado disso? Você alguma vez presenciou, viu?

O SR. JORGE MÉRES – Não, eu passava vinte e quatro horas de 96 até 98, passei praticamente vinte e quatro horas por dia ao lado do Sozza, sentado ao lado dele, de manhã, a noite, de madrugada e tudo o que ele fazia eu sabia.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Você perdeu a sua primeira mulher e casou outra vez?

O SR. JORGE MÉRES – Casei.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Nesse tempo?

O SR. JORGE MÉRES – Agora.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Depois. Antes não, nesse período de 96 a 98 você era casado?

O SR. JORGE MÉRES – Não, eu fiquei...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Você tem filhos?

O SR. JORGE MÉRES – Tenho.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Filhos do primeiro casamento?

O SR. JORGE MÉRES – Do primeiro casamento.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Os seus filhos ficavam com quem?

O SR. JORGE MÉRES – Com o meu pai.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Desde essa época já estavam com o seu pai?

O SR. JORGE MÉRES – Não, ficaram comigo um bom tempo e, depois, porque era perigoso deixei as minhas duas filhas com o meu pai.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mais alguma pergunta?

O SR. OSCAR ANDRADE – Tenho. De empresa receptadora você não lembra mais? Depois pode dar uma olhada...

O SR. JORGE MÉRES – Tem bastante empresas, Doutor. Depois posso passar ao senhor.

O SR. OSCAR ANDRADE – Nome de gerência também se você lembrar.

Empresa de transporte envolvida? Você também vai precisar de um tempo? Você me falou da União e da Real. A Real era do...

O SR. JORGE MÉRES – A Real, a Paiaguaz, a União, a ... Tem uma grande que faz transporte para todos os Estados e ela foi muito usada para...

O SR. OSCAR ANDRADE – De cigarro?

O SR. JORGE MÉRES – Não, ela faz todo tipo de mercadoria.

O SR. OSCAR ANDRADE – A Mira?

O SR. JORGE MÉRES – A Mira só no Estado de Mato Grosso fazia a ponte de Campo Grande a Corumbá.

O SR. OSCAR ANDRADE – Ela era conivente? Era do esquema?

O SR. JORGE MÉRES – Em 80% ela tem pessoas envolvidas com o facilitamento do transporte de cargas sem nota.

O SR. OSCAR ANDRADE – E o proprietário Roberto Mira?

O SR. JORGE MÉRES – O Roberto Mira eu não conheço, não ouvi falar mas a empresa é dele. Naquele trajeto de Campo Grande a Corumbá ela manda muita mercadoria sem nota, mercadoria que chega de São Paulo roubada, desviada e não procura saber de quem que é

A Transportadora Facenda tem matriz em Cuiabá e a filial em São Paulo atrás da fábrica da Nadir Figueiredo, na Vila Maria. Era a antiga Trans-Santos, no mesmo depósito da Trans-Santos. Ela montou uma empresa lá e toda a mercadoria que ia para a Paiaguaz passava por ela. O gerente sabia, fazia o seguro, as coisas todas direitinho e a mercadoria saía da transportadora, chegava em Campinas, descarregava, o caminhão ia embora para Corumbá vazio.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Como é o nome desta?

O SR. JORGE MÉRES – Transportadora Facenda. A matriz dela é em Cuiabá e a filial é em São Paulo.

O SR. OSCAR ANDRADE – Sr. Presidente, tenho apenas uma pergunta para finalizar.

Você tem conhecimento de assassinato de pessoas como queima de arquivo de todo esse esquema.

O SR. JORGE MÉRES – Há 22 pessoas que foram assassinadas para calar a boca, outros para não contar, outros porque estavam enrolados demais com o crime organizado e outros porque roubaram o próprio patrão. Eles mandavam matar.

O SR. OSCAR ANDRADE – Vinte e duas pessoas. Você tem isso nominado, relacionado?

O SR. JORGE MÉRES – Tenho oito relacionados porque foi mais ou menos uma seqüência, um que falou do outro, aquele porque falou do que estava atrás e, consequentemente, foram matando...

O SR. OSCAR ANDRADE – Foram matando todos?

O SR. JORGE MÉRES – Foram matando para morrer o assunto.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Durante a CPI do Narcotráfico, houve mortes em consequência de depoimentos, de investigações?

O SR. JORGE MÉRES – Três.

O SR. OSCAR ANDRADE – Isso tudo já está no relatório da CPI do Narcotráfico, datas, quantos foram mortos, as pessoas...?

O SR. JORGE MÉRES – Essas três pessoas que morreram foram por causa dos depoimentos delas e mandaram afastar, para não complicar a situação deles. Aí mandaram eles calarem a boca.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Tu conheces o Ananias?

O SR. JORGE MÉRES – Sim.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Onde tu conhecestes o Ananias?

O SR. OSCAR ANDRADE – O Ananias Elisário da Silva?

O SR. JORGE MÉRES – Não sei se é Elisário. Ele é empresário em São Paulo.

O SR. OSCAR ANDRADE – Você está perguntando o que vai depor agora?

O SR. POMPEO DE MATTOS – O Ananias que matava motorista.

O SR. JORGE MÉRES – Não, eu conheci o Ananias que era empresário.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Onde?

O SR. JORGE MÉRES – Em São Paulo. Ele tinha uma empresa na Avenida dos Estados.

O SR. OSCAR ANDRADE – Ele era do esquema?

O SR. JORGE MÉRES – Era do esquema.

O SR. OSCAR ANDRADE – Empresa de quê?

O SR. JORGE MÉRES – Ele vendia madeira, vendia material de construção. Tinha um delegado em São Paulo que era amigo dele e fazia as ocorrências das cargas que sumiam lá dentro.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Carga de quê?

O SR. JORGE MÉRES – De tudo, o que pegasse.

O SR. OSCAR ANDRADE – Lembra o sobrenome dele?

O SR. JORGE MÉRES – Não lembro.

O SR. OSCAR ANDRADE – Qual empresa?

O SR. JORGE MÉRES – Era um depósito de madeira. Ela tem até o nome de uma cidade do Amazonas. Ela fica na Avenida dos Estados, bem no início dela, logo depois da Marginal Tietê, quando entra para pegar ela.

O SR. OSCAR ANDRADE – Empresa de material de construção?

O SR. JORGE MÉRES – Não, só madeira, compensado, produto de lei, que ia do Pará, do Amazonas, de Mato Grosso para lá. Ele tinha um amigo, um delegado, que era do antigo, de uma delegacia que mudou o nome, em São Paulo, que foi extinta... Deixe-me lembrar. O nome do delegado era Mário Vermelho. Ele fazia parte do esquema, ajeitava viaturas, ajeitava locais para guardar mercadoria, abria empresas.

O SR. OSCAR ANDRADE – Você está preso?

O SR. JORGE MÉRES – Não, estou sob proteção.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Para confirmarmos o requerimento, por favor. Jorge, as empresas que tu citaste, que queremos que sejam chamadas aqui, além da empresa Lusitana, de São Luís do Maranhão, que recebem carga roubada.

O SR. JORGE MÉRES – A Lusitana, do Maranhão. No caso, naquela época, o gerente da Zabet, do biscoito, fábrica de macarrão, quem era eu não sei, se era o supermercado... O Paes Mendonça, de São Paulo, o Carrefour, de São José dos Campos, a Lusitana...

O SR. POMPEO DE MATTOS – O Carrefour de São José dos Campos. Quem era o gerente?

O SR. JORGE MÉRES – Não sei o nome dele, porque eu não fazia parte da...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas era o gerente que fazia isso?

O SR. JORGE MÉRES – Ele que fazia as compras, porque ele comprava direto do Sozza.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Comprava do Sozza?

O SR. JORGE MÉRES – Comprava.

Supermercado Real, de Rondonópolis, Supermercado Itaquá, de Itaquaquecetuba.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Itaquaquecetuba é na periferia de São Paulo, na região leste.

O SR. JORGE MÉRES – Tinha a Abifarma e a Morifarma.

O SR. JORGE MÉRES – E um hipermercado que tem em Suzano, de propriedade do Luís Antônio Gomes, não sei o resto do nome. Em Suzano. E medicamentos, a Abifarma e Morifarma. E a Pauli, em Campinas.

O SR. OSCAR ANDRADE – O que é Pauli?

O SR. JORGE MÉRES – É uma representante de laticínios.

O SR. OSCAR ANDRADE – Pauli. É conhecida. Laticínios.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Pauli, em Campinas. Vou repetir.

O SR. OSCAR ANDRADE – Gostaria de fazer apenas duas perguntas...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Vou repetir: biscoitos Zabet, Carrefour, de São José dos Campos, que comprava do Sozza, não é?

O SR. JORGE MÉRES – Isso.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Supermercado Real, de Rondonópolis, o Super Itaquá, de Itaquaquecetuba, Hipermercado de Luiz Antônio...

O SR. JORGE MÉRES – É. De Suzano.

O SR. POMPEO DE MATTOS – De Suzano. Hipermercados... Biscoitos Zabet, Carrefour de São José dos Campos, Supermercado Real de Rondonópolis, Super Itaquá, de Itaquaquecetuba, Hiper São Luiz em Suzano. Qual o outro?

O SR. OSCAR ANDRADE – O Paes Mendonça, não é isso?

O SR. JORGE MÉRES – O Paes Mendonça da Marginal Tietê.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O que é? É mercado?

O SR. JORGE MÉRES – Mercado.

O SR. OSCAR ANDRADE – Hipermercado.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Hipermercado Paes Mendonça?

O SR. JORGE MÉRES – Isso.

O SR. POMPEO DE MATTOS – De onde?

O SR. JORGE MÉRES – Da Marginal Tietê.

O Real, o nome do dono é Júnior.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O Real de Rondonópolis?

O SR. POMPEO DE MATTOS – É. O nome dele é Júnior.

O SR. JORGE MÉRES – O Itaquá é o Jean.

Do outro V. Ex^a já colocou. E dos outros, não sei os nomes dos gerentes.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sim. E V. S^a falou das farmácias também.

O SR. JORGE MÉRES – Farmácias. Morifarma...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Um momento. Farmácia Morifarma, de onde?

O SR. JORGE MÉRES – De Santo Amaro.

Distribuidora de Medicamentos Bifarma, Laboratório e Distribuidora Bifarma.

O SR. POMPEO DE MATTOS – De onde?

O SR. JORGE MÉRES – De Santo Amaro também. Depois de Santo Amaro. São Bernardo.

O SR. POMPEO DE MATTOS – São Bernardo. Seriam esses?

O SR. JORGE MÉRES – De momento, são os que mais compravam.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Apenas para deixar gravado, faremos um requerimento pedindo para ouvir essas pessoas. E, se for o caso, quebrar o sigilo bancário, fiscal e telefônico. Vamos subscrever o documento juntos.

O SR. JORGE MÉRES – Dr. Pompeu, aquele material de construção do Beto Zimermann, não me lembro do nome do material de construção agora, mas está nas outras...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Material de construção de...

O SR. JORGE MÉRES – É. Da propriedade dos Zimermann. Roberto Zimermann, Presidente do Guaraná.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Roberto Zimermann. Vou colocar aqui. Biscoitos Zabet, Carrefour, de São José dos Campos, o gerente, que comprava do Sozza, Supermercado Real, de Rondonópolis, Sr. Júnior, o Super Itaquá de Itaquaquecetuba, Sr. Jean, Hiper, de Suzano, de Luiz Antônio, o Laticínios Pauli, em Campinas, o Hipermercado Paes Mendonça na Marginal Tietê, Farmácia Morifarma, Santo Amaro, Laboratório e Distribuidora de Medicamentos Bifarma de São Bernardo e Material de Construção de Roberto Zimermann. Está bom.

O SR. OSCAR ANDRADE – Morifarma não é farmácia não. É uma distribuidora.

O SR. POMPEO DE MATTOS – É distribuidora?

O SR. OSCAR ANDRADE – É uma distribuidora. São várias farmácias.

O SR. MOREIRA MENDES – Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Pois não.

O SR. MOREIRA MENDES – Sr. Presidente, tendo o Relator concluído suas perguntas, e como sou, se não me engano, o primeiro inscrito....

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – É o primeiro inscrito.

O SR. MOREIRA MENDES – Gostaria de registrar, em primeiro lugar, a importância do depoimento do Sr. Jorge. Seguramente, vamos precisar do seu comparecimento outras vezes aqui, talvez quem sabe até para uma acareação com outras pessoas citadas. Mas, para encerrar minha participação, gostaria de perguntar ao depoente se tem conhecimento de roubo em meu Estado, pois são duas as mercadorias que têm sido objeto de roubo de carga, com caminhão e tudo, diversas vezes. A primeira é a cassiterita, que sai dali e vai direto para a Bolívia, com caminhão e tudo, e a outra é café já preparado para exportação. Você conhece algo disso? Se positivo, dê detalhes.

O SR. JORGE MÉRES – Não, excelência, lá era outra pessoa que cuidava da região. O meu acesso para aquele lado era até Cáceres, e ali, quem cuidava dessa parte, era o Osmarzinho Laranja. Ele foi preso, fugiu da cadeia e está foragido. Ele era o responsável por aquela região. Eu não sei quem eram as pessoas lá que faziam...

O SR. MOREIRA MENDES – E até Mato Grosso, até Cáceres, que já é no caminho para Rondônia. Toda essa cassiterita e o café roubado saíam por porto de Cáceres, para entrar na Bolívia. Você tem conhecimento de algum envolvimento com a Polícia de Mato Grosso, se eles participavam?

O SR. JORGE MÉRES – O delegado de Mirassol do Oeste é conhecido na cidade por Paulão. Ele fazia parte do esquema dos caminhões e cargas roubadas. Esses caminhões passavam pela fazenda Água Boa na época da seca e entravam na Bolívia. Essa fazenda já foi localizada. A dona é envolvida com uma traficante conhecidíssima que se chama Branca. Parece que a dona dessa fazenda já foi ouvida pelo pessoal da região, mas não se chegou a nada.

O SR. MOREIRA MENDES – Sr. Presidente, eu me dou por satisfeito com a resposta dele. Eu quero

apenas requerer, se ainda não foi ouvido na CPI do Narcotráfico, procurar mais informações sobre esse delegado Paulão, a que o depoente se referiu, e essa Dona Branca, fazendeira que permitia, através da sua fazenda Água Boa, transitar com carga roubada lá no Mato Grosso.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Eu penso que V. Ex^a poderia requerer. Se houver os depoimentos que sejam satisfatórios, nós daremos por prejudicado, mas é importante que já se fizesse.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sr. Presidente, pelas lembranças dos depoimentos colhidos na CPI do Narcotráfico, e eu acompanhei todos eles, eu não me lembro de ter sido ouvido na CPI esse delegado Paulão. Eu me lembro das referências feitas em relação a essa S^a Branca, mas não me recordo de ela ter sido ouvida. Seria interessante formularmos um requerimento pedindo para que fossem ouvidos.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Até para podermos identificá-los corretamente.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O delegado Paulão é de qual cidade?

O SR. JORGE MÉRES – De Mirassol do Oeste.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mirassol do Oeste, MT?

O SR. JORGE MÉRES – Mato Grosso. E que se indicasse a dona da fazenda Água Boa.

O SR. POMPEO DE MATTOS – A dona da fazenda Água Boa. Em que Município?

O SR. JORGE MÉRES – É para frente. É uma fazenda entre Mirassol e a Bolívia.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Na fronteira com a Bolívia?

O SR. JORGE MÉRES – Sim.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Vamos fazer essa localização.

O SR. JORGE MÉRES – Dr. Pompeu, eu não sei se o senhor se lembra, mas a Branca tinha sido transferida para Maceió. É a mesma mulher daquela confusão toda em que o juiz foi, liberou e trouxe. Ela é amiga da dona da fazenda. E a Branca é uma traficante; aquela que gerou aquela confusão em Maceió.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Eu sei. Houve toda aquela confusão em Maceió. Mas essa é a Branca. A dona da fazenda não foi ouvida.

O SR. JORGE MÉRES – É amiga dela.

O SR. POMPEO DE MATTOS – É amiga dela, então vamos ouvir a amiga dela, porque a Branca já transitou na CPI.

O SR. JORGE MÉRES – Já transitou. E teria que voltar, Dr. Pompeu, o senhor estava presente, ao Vander Dorneles.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quem?

O SR. JORGE MÉRES – Ao Vander Dorneles, em Salvador, por causa do cunhado dele.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O Vander.

O SR. JORGE MÉRES – É, porque o cunhado dele é uma das pessoas que praticam os roubos e desvios de carga no Estado da Bahia e mandam para São Paulo.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Vander de quê?

O SR. JORGE MÉRES – Vander Dorneles. Ele foi ouvido lá, e ninguém conseguiu convencê-lo.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Qual é a cidade dele?

O SR. JORGE MÉRES – Ele está preso em Feira de Santana, porque o cunhado dele, que está foragido, que fazia a ligação com o Sozza e todas as cargas desaparecidas no Estado e que vinham para São Paulo.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Qual é o presídio de Feira de Santana?

O SR. JORGE MÉRES – Não sei.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Qual é o nome do cunhado dele?

O SR. JORGE MÉRES – Ôh, doutor, nós falamos tanto naquele homem...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Ele está sumido, não é?

O SR. JORGE MÉRES – Está sumido. Onivaldo.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Já foi decretada a prisão preventiva de William Sozza, que está foragido. Se pudéssemos novamente colocar o scrach dele por aí, talvez ele pudesse ser localizado.

Não havendo mais quem queira questioná-lo, agradeço sua colaboração e ficamos na expectativa de que, dentro de alguns dias, V. S^a nos dê o sinal de que está pronto para vir depor já com a memória mais clara.

O SR. OSCAR ANDRADE – Vamos fazer daquela forma, Sr. Presidente?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Fazer uma reunião com o Dr. Paulo Lacerda, com o outro delegado e aqueles que têm conhecimento dos fatos, para atualizar os dados e trazê-los para a CPI, para que nos próximos depoimentos já tenhamos os elementos necessários para esclarecer toda a matéria.

O SR. OSCAR ANDRADE – Uma reunião com o Dr. Paulo Lacerda, com o Deputado Robson Tuma, ou

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Agradeço a sua presença.

Estejam à vontade.

Mantenham a segurança dele.

O SR. MOREIRA MENDES – Sr. Presidente, vou ausentar-me um instante, para dar **quorum** à Comissão de Relações Exteriores.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Sim, também vou pedir ao Sr. Deputado que presida para...

Vamos suspender a presente reunião, por quinze minutos, para que haja **quorum** na Comissão de Relações Exteriores.

Depois, convocaremos o Sr. Ananias, outro deponente.

(Suspende-se a reunião por quinze minutos.)

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Está reaberta a reunião da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito.

Solicito que seja conduzido a este recinto o deponente Ananias Elisário da Silva. (Pausa.)

Há algum suporte para que ele não precise ficar algemado, para deixar a mão livre, ou é melhor assim? (Pausa.) V. S^{as}s acham mais seguro assim? (Pausa.) Vou deixar a critério de V. S^{as}s.

Seu nome é Ananias Elisário da Silva?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – V. S^a está bem? Está tranquilo?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Graças a Deus, tranquilo.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Com condições de colaborar com a CPI?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Acho que o que eu tinha que colaborar já colaborei.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Aqui é a CPI do Roubo de Cargas, de forma que há outro aspecto sobre o qual gostaríamos de ouvi-lo. Peço a colaboração de V. S^a com toda a tranquilidade e serenidade. À medida que o Relator for perguntando, eu gostaria que V. S^a fosse respondendo com serenidade.

Se V. S^a quiser fazer alguma declaração, poderá fazê-lo agora, sem nenhum constrangimento.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – A declaração que tenho a fazer é que estou esse tempo todo preso, sem condenação, sem nada. Vejam o que

podem fazer por mim: ou condena de uma vez, ou me manda embora para qualquer lugar. É só isso que eu espero da Justiça. Já estou há quase cinco anos preso, sem condenação nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – V. S^a está sendo processado por quais motivos?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Senhor?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – O senhor sabe os motivos por que está sendo processado?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu sei que é por causa do suspeito de um roubo de um caminhão que foi roubado no Recife.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Só isso?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Que eu sei só.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Prisão preventiva?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Era um mandado de prisão de Pernambuco.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mas preventiva?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É preventiva; acho que é; sei não.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Se o senhor não tem condenação, o senhor deve estar sob prisão preventiva da Comarca de...?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Fui preso aqui mesmo no Céu Azul; a preventiva vem de Vitória de Santo Antônio, Pernambuco.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – E lá que há suspeita do roubo de caminhão?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sim, senhor, disse que é lá.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – E os homicídios de que o senhor está sendo acusado?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não sei não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – O senhor tem três esclarecidos como responsável por esses.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Homicídio?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – É.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu não.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Tem um homicídio na sua responsabilidade?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, senhor; homicídio que tive foi em Teresina.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Então tem.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Mas não é roubo de carga.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mas tem homicídio. Estou perguntando dos homicídios. Não estou falando de latrocínio.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Tem o de Teresina e o de Belém, atropelamento de carro.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – E o que mais?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Só.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Só um?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Belém foi atropelamento de caminhão e em Teresina, outro.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Outro atropelamento?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, lá foi homicídio mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Homicídio?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Foi sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Qual foi o motivo?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O motivo foi que comprei uns bagulhos de um cara lá e ele me enrolou para pagar. Ele falou que ia me matar; então, antes de ele me matar, matei ele.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Os bagulhos eram roubados?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, senhor. Comprei para ele. Os pneus eu comprei no Paraguai para ele e uma pistola.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Uma arma?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Uma arma, sim senhor.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Uma arma proibida?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É, sim senhor.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – O senhor comprou dele?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não; comprei no Paraguai e trouxe para ele. Aí ele ficou uns três meses e não me pagou.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Comprou onde?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Comprei em Ponta Porã.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Ponta Porã mesmo ou no Paraguai?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Do lado de lá. Em Ponta Porã é tudo fronteira.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mas foi do outro lado ou desse lado?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu carregava lá e descarregava para cá.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Armas? O senhor fazia comércio de armas?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não; pedia o moço que sempre tinha no caminhão um revólver, uma pistola, sempre tinha.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – E vendia?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Vendia, comprava. Todo motorista de caminhão sempre tem um revólver no carro, uma pistola. Não é que eu estivesse comerciando armas.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mas, se o senhor compra e vende, está comerciando então.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Em comércio você tem bastante; compra bastante. É ou não é?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Negativo. Se você compra duas ou três, pelo visto...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu não vivia daquilo. Não era meu ganha-pão não era aquilo.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Então, era um hobby, um prazer vender.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Chegava um amigo meu e encomendava: "Fulano, se você vai ao Paraguai, compra quatro pneus para mim". Eu comprava, levava quatro pneus velhos na carreta rodando e trazia quatro pneus novos e vendia para ele. Tirava pelo menos a despesa do óleo diesel.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Fazia um pequeno contrabando.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É um quebra-galho. Não é contrabando, Senador; é um quebra-galho, como todo chofer de caminhão faz. Entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Todo caminhoneiro faz?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Até café levava para o Paraguai e trazia; levava fogão – comprava fogão e vendia no Paraguai. Levava café, cerveja em lata e vendia lá dentro; comprava relógio,

comprava uísque e trazia de volta; fazia alguns quebra-galhos no final do ano.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Nunca foi preso por esse motivo?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Nunca foi importunado por isso?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Atravesava tranquilamente sem nenhuma molestação?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Passo a palavra ao Relator.

O SR. OSCAR ANDRADE – Sr. Presidente, Srs. Deputados. Sr. Ananias, inicialmente gostaria que o senhor esclarecesse qual o seu nome de nascimento.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Ananias Elisário da Silva.

O SR. OSCAR ANDRADE – Constam nos órgãos especiais registro em nome de Ananias Elisário da Silva.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Isso.

O SR. OSCAR ANDRADE – Cláudio Mariano Severo.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Certo. Esse é fantasma.

O SR. OSCAR ANDRADE – Esse o senhor tem também?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Identidade, CPF, conta bancária; tinha tudo.

O SR. OSCAR ANDRADE – E Raimundo Almeida Barros?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não conheço; nunca nem ouvi falar.

O SR. OSCAR ANDRADE – Não existe esse não?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Para mim esse é fantasma.

O SR. OSCAR ANDRADE – Mas seu nome verdadeiro é Ananias?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Ananias Elisário da Silva.

O SR. OSCAR ANDRADE – Quando o senhor começou a trabalhar como motorista de caminhão?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Quando foi?

O SR. OSCAR ANDRADE – É.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Em 1976.

O SR. OSCAR ANDRADE – Em 1976. E esses crimes aconteceram quando?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O senhor fala desses de que estão suspeitando de mim?

O SR. OSCAR ANDRADE – Isso.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Em 95, 96.

O SR. OSCAR ANDRADE – Do roubo de caminhão?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É esse que carreguei aqui e levei para o Recife.

O SR. OSCAR ANDRADE – Descarregou aqui em Brasília?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Carreguei em São João D'Aliança.

O SR. OSCAR ANDRADE – Para Recife?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Para Recife.

O SR. OSCAR ANDRADE – O caminhão sumiu?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O caminhão desapareceu.

O SR. OSCAR ANDRADE – Caminhão, carga e tudo?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não; o caminhão foi descarregado.

O SR. OSCAR ANDRADE – O senhor descarregou?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não; eu descarreguei o meu caminhão, como o outro, que está lá, descarregou também. Esse outro, que descarregou lá também, é que sumiu. E é desse caso que estão suspeitando que eu matei o motorista e sumi com o caminhão. Não sei para onde foi.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – O seu ficou?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu fui para Aracaju com o carro vazio. Lá, carreguei de Aracaju para a empresa Adubos Araguaia aqui em Anápolis.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Carga normal?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Normal; carga de uréia para a Adubos Araguaia, para a fábrica de adubos, vem com uréia e cloreto para fazer adubo.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Com nota e tudo?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Com nota e tudo.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – A empresa que te deu a carga qual era?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Carreguei pela Transpio.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Era uma transportadora?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É. Daqui para lá. E de lá para cá carreguei pela... De Salvador, com filial em Laranjeiras, a Transleis, se não me engano.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Transleis?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É isso. Lá tinha muito transportador oposto. Para todo lugar tinha carga: para cá para Brasília, para Patos de Minas, para a Adubos Araguaia.

O SR. OSCAR ANDRADE – E com relação a cargas desviadas? Você saía com nota fiscal para um lado e entregava no outro?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu carregava 27 mil quilos de feijão. Eu comprava mais três mil quilos. Eu comprava para revender. Sem nota fiscal, sem nada. Levava como excesso, sem nota.

O SR. OSCAR ANDRADE – Por conta e risco próprios?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sim senhor.

O SR. OSCAR ANDRADE – Mas você não chegou a pegar carga com destino a uma cidade e depois entregou em outra?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Exato. Sonegação de imposto.

O SR. OSCAR ANDRADE – Isso era comandado por quem? Por que acontecia isso?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Porque os impostos lá no Nordeste são mais baratos do que os de cá.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Era desvio de carga ou...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, não era desvio de carga. Eu usava um documento de uma granja do senhor. O senhor tinha uma granja em Natal...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Eu não.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu digo como exemplo. Aí descarregava em Feira de Santana. Usavam seus documentos, seus papéis para tirar lá.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Qual empresa fazia isso?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Várias empresas. A maioria.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – De onde?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – De tudo quanto é lugar.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Você poderia se referir às empresas? Estou perguntando...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Quem sou eu para falar alguma coisa?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Por que você não quer falar?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Já falei o que eu tinha que falar, doutor, quando fui preso. Tem todo o meu depoimento na CPE, está tudo na CPE, está tudo na CPE, batido pelo juiz lá.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Você contou quais eram as empresas?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Já falei tudo que eu tinha que falar, está tudo lá.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Onde?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Na CPE.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Em Salvador?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, aqui.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Na CPI?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Na CPE, Coordenação de Polícia Especializada.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Aqui em Brasília?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É, em Brasília.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Então podemos requerer o seu depoimento lá.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Meu depoimento está todo lá. Inclusive disseram que foi equipe de Brasília fazer averiguação na estrada: nos postos em que eu parava, nas oficinas, nos postos em que eu abastecia, lá no Recife.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Fizeram todo o levantamento de todas as suas rotas?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Fizeram. Dei toda a rota que eu fazia indo e voltando, o percurso que eu fazia, os postos onde eu abastecia. Na Rio-Bahia, na 101, todo mundo me conhecia.

O SR. OSCAR ANDRADE – Mas consta que o senhor cometeu vários latrocínios.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É o que eles dizem.

O SR. OSCAR ANDRADE – Mas o que o senhor me diz a respeito disso?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Quando eu fui preso eles alegaram que eu tinha cometido 80 latrocínios, que eu fazia parte de uma quadrilha interestadual. Estou até hoje sozinho na cadeia.

O SR. OSCAR ANDRADE – Não é hora então de falar sobre o restante do pessoal?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu vou falar o quê se eu não sei de nada. Se eu estou esse tempo todo na cadeia, e eles estão investigando, foram para Pernambuco, foram não sei para onde e não acharam nada contra a minha pessoa... Ou, se acharam, não sei o que está acontecendo. É o que eu falei para o senhor: não sou santo, não sou nenhum santiño, mas não sou esse bicho todo que fizeram de mim não. Perdi até minha própria família por causa da própria polícia e da própria imprensa. Nessa altura até a família revolta contra o cara.

O SR. OSCAR ANDRADE – Você tem tido contato com sua família?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – A minha mulher há 45 dias me largou na cadeia. Alegou que eu tinha mais de 15 anos de cadeia para puxar.

O SR. OSCAR ANDRADE – Você tem filho?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Tenho, sim senhor. Os filhos de vez em quando vêm na cadeia me ver.

O SR. OSCAR ANDRADE – Eles estão satisfeitos com essa posição?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Satisfeitos?! Era melhor que eu tivesse morrido. Já estaria esquecido. Na morte se chora só na hora, depois a pessoa se conforma; e, na cadeia, sempre tem um lamento na vida. Então, antes eu tivesse morrido há muito tempo, que era bem melhor.

O SR. OSCAR ANDRADE – O senhor não estaria pagando por crimes que o senhor não cometeu em função de outras pessoas ligadas ao senhor?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu não posso falar nada para o senhor. A justiça divina é que vai dizer, com o tempo. Já estou esse tempo na cadeia, se ficar mais dez anos, quinze ou vinte anos...

O SR. OSCAR ANDRADE – Temos que ajudar a justiça divina.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Aqui se faz aqui se paga. Eu acho o seguinte: se estão me jogando tanto crime que fizeram e jogaram nas minhas costas...

O SR. OSCAR ANDRADE – O senhor trabalha para alguma quadrilha?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Nunca trabalhei para ninguém.

O SR. OSCAR ANDRADE – Nenhuma?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não. A quadrilha minha era eu mesmo.

O SR. OSCAR ANDRADE – O senhor era líder?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Líder do que?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Você era autônomo? Seu caminhão recebia carga autônoma, não tinha...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Exato.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Não trabalhava para nenhuma transportadora, para nenhuma empresa?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu carregava para várias transportadoras. Se tivesse frete bom...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Você recolhia a carga, vendia seu serviço como autônomo?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Exato, comprava, revendia, quando estava ruim de frete eu comprava sal no Mossoró, vendia para boiadeiro, vendia em São João, vendia lá no Mato Grosso. Porque o sal é barato, o frete é mais caro que o sal, então eu comprava e revendia.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Você pegava uma carga e completava com mercadoria sua.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Se agüentou esse tempo todo na cadeia, se desse uma chance para mim e ficasse averiguando minha pessoa. Estou esse tempo todo na cadeia e não resolveu nada. Porque cadeia, o senhor sabe, não reeduca ninguém.

O SR. OSCAR ANDRADE – E o seu caminhão?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Meu caminhão vendi pro Celso, porque se eu fosse um cara cabeça ruim talvez até tivesse morrido na cadeia, entendeu?

O SR. OSCAR ANDRADE – Qual é a chance que você quer?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu? Qual é a chance que eu quero...

O SR. OSCAR ANDRADE – Você disse: “Se eu tivesse uma chance”...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – A chance de me reintegrar à sociedade, trabalhar como eu trabalhava antes. Que alguém me desse uma liberdade para que eu pudesse trabalhar e ver um fundamento para a minha vida, daqui para frente como eu ia fazer... Como eles acham que eu era líder interestadual...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mas você está pagando para trás.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Pois é, exato, mas não tudo que eles jogaram nas minhas costas, porque não sou nenhum santinho.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Então esclareça o que realmente você quer.

O SR. OSCAR ANDRADE – O Inquérito nº 2.485, na Delegacia de Polícia de Marambaia, em Belém.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sim, senhor. Esse aí, doutor, se eu não matasse esse cara, eu ia matar um monte de gente no ponto de ônibus.

O SR. OSCAR ANDRADE – Esse é o que você matou porque ele ia te matar?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, esse foi atropelado.

O SR. OSCAR ANDRADE – Esse foi atropelamento?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Foi. Eu matei ciente, matei ele ciente, porque se eu não pego ele na pista, eu ia pegar um monte de gente no ponto de ônibus ou, se eu saísse para a esquerda, ia bater com outro ônibus de frente. Bati nele ciente, puxei a carreta mil metros à frente, parei a carreta, peguei um táxi, fui à delegacia e voltei como se fosse patrão do cara do caminhão.

O SR. OSCAR ANDRADE – Você deu assistência?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Dei toda a assistência. Matei ciente ele; matei, não, atropelei, porque era ele ou o pessoal no ponto de ônibus ou ia bater com a carreta no ônibus que vinha de frente comigo.

O SR. OSCAR ANDRADE – Ele atravessou, não é?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É lógico. Então eu fui ciente, não tinha para onde escapar.

O SR. OSCAR ANDRADE – E o Inquérito nº 27/88? Delegacia de Polícia do Município de Teresina, também pela prática de homicídio, 121?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Luís Carlos de Oliveira.

O SR. OSCAR ANDRADE – Esse foi o que você matou porque não lhe pagou?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Foi porque... que nem o promotor perguntou, e eu falei que fiquei cego na hora. “Cego, mas acertou o tiro no rapaz”. Agora, o senhor vê: ele podia até não me matar, mas pelo jeito que ele pegou a pistola e ficou dentro do carro dele...

O SR. OSCAR ANDRADE – Foi o caso da pistola que você trouxe com os pneus?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Foi. Foram quatro pneus P-44 da Pirelli que eu comprei para ele e uma pistola e uma caixa de Leite Ninho, que eu trouxe e dei para ele.

O SR. OSCAR ANDRADE – E ele não te pagou?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não me pagou e, depois, me mandou receber da Polícia Federal. Como vou trazer um bagulho desse e receber da Polícia Federal? O cara tem que fazer o negócio, o cara é homem ou não é.

O SR. OSCAR ANDRADE – E do Estado do Paraná: Inquérito nº 52/84, art. 331, 312, com opção de desacato à autoridade? Como ocorreu esse fato? Qual delegacia?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – “Oche.”

O SR. OSCAR ANDRADE – Não lembra, não.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Esse, não senhor.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Você trabalhou no Paraná?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Morei lá.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Não lembra de...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Comecei... As primeiras carretas de petróleo que saíram da Petrobrás de Auracária para o Paraguai eu puxava, para Itaipu, para Assunção, e também na divisa da Argentina.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Não lembra de nenhum fato com autoridade que você desacatou?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, senhor.

O SR. OSCAR ANDRADE – E sua prisão em flagrante em 18 de março de 1990 pela 4ª Delegacia de Polícia de Presidente Prudente? Como foi isso?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Lá eu fui absolvido. Fui buscar uma carreta de feijão, aí deu um desacerto no caminho, fomos presos.

O SR. OSCAR ANDRADE – Foi preso por quê?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Porte de arma.

O SR. OSCAR ANDRADE – Porte ilegal?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Exato.

O SR. OSCAR ANDRADE – Documento falso também?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Isso, exatamente.

O SR. OSCAR ANDRADE – Foi quando apareceu o Cláudio aí?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Foi, isso mesmo.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Você usava o nome de Cláudio à época, não é?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Como você conseguiu tirar esse documento falso? Foi por certidão de nascimento?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O senhor sabe, doutor, nesse mundo velho o jeito arruma qualquer coisa.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mas nos conta.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Mas só que é o seguinte: eu tinha esse documento não foi para roubar nem nada não, porque não tenho nenhum processo, tirei foi para casar.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Nos conta como conseguiu esse documento falso.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Essa é uma história muito longa.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mas não faz mal, estamos aqui para ouvi-lo.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Quem arrumou para mim até morreu já.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mas conta. Foi numa delegacia de polícia?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Foi fabricado o documento?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Na delegacia não teve nada, não.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Foi fabricado?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Foi num cartório. Fui no cartório e tirei registro, no interior do Piauí.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Tirou o registro de nascimento, aí você providenciou...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Fui na secretaria, tirei a identidade, CPF. Tirei outra carteira de motorista quente. No Detran, fiz todos os exames.

O SR. OSCAR ANDRADE – Passou de novo?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Essa – viu, Senador – é uma lei antiga do Getúlio que permitiu o registro porque nas regiões onde não havia cartório, as crianças nasciam e não tinham como registrar, então vinham depois de velho e faziam o registro. Eu tenho a impressão de que é uma coisa que tem que acabar porque acho que permanece da mesma forma.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Carteira de motorista quando é fria, você consegue também.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Você consegue fazer um registro novo e tira todos os documentos, apagando o seu nome anterior.

O SR. OSCAR ANDRADE – Ananias, aquela questão de carga, porque a nossa CPMI é sobre roubo de cargas. Aquela de desvio, você tem alguma coisa para contar para a gente?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Tenho não, senhor.

O SR. OSCAR ANDRADE – Não tem nada para colaborar?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não. Roubo de cargas eu nem fazia...

O SR. OSCAR ANDRADE – Não sabe da empresa que fazia aquilo ou desviou, essa coisa toda?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Isso aí... Quem sou eu para querer... Ave Maria! Eu sempre fazia... E, se eu tiver um caminhãozinho e puder trabalhar, eu vou comprar...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Ananias, você vai me desculpar, mas você não está muito folgado aí, falando de todo o mundo?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu? Pior já...

O SR. OSCAR ANDRADE – Eu mandei pôr a alarma para a frente para você ficar mais tranquilo.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Se você não quer colaborar, tudo bem. Negue-se a responder, mas não comece a achar que aqui só há trouxa. Aqui não há trouxa, não. Você fala direito: "Não quero falar."

Não sou obrigado". É outra coisa. Mas não generaliza, dizendo que todo mundo faz. Quem faz?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Todo mundo é uma expressão. É quem mexe com transporte. O senhor sabe que, em transporte, há sempre uma coisinha por trás do pano.

O SR. OSCAR ANDRADE – Nós estamos aqui por isso, Ananias.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Mas eu não vou resolver nada, não.

O SR. OSCAR ANDRADE – Mas você pode ajudar.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Você tem de ajudar. Você não é vítima disso? Ou não?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Quem sou eu para ajudar!

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – A sua queixa aqui está representando como se fosse uma vítima do sistema.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É. Infelizmente. Então me botaram como "laranjão" de primeira.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mas você chegou a chupar a laranja...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Esta é uma oportunidade de você se redimir disso e até se ajudar. Na medida em que você colaborar conosco aqui, você poderá se ajudar.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não sou eu, doutor, que vou acertar isso, nem desacertar, não.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Um pedacinho de cada um.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas, colaborando, você pode beneficiar a si mesmo. Você tem de entender isso.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Quem viver verá, entendeu?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Você não é santo, mas pede ao santo para lhe ajudar a se redimir e a entrar num caminho bom, ajudando as autoridades a acabar com o sistema.

O SR. OSCAR ANDRADE – Você só responde por um crime, então?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Isso é coisa que vem do começo do mundo. Isso nunca vai acabar, doutor. Neste país em que vivemos hoje em dia, isso nunca vai acabar, nunca.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Ananias, por que você não nos ajuda, não colabora? Sabemos o que você está sabendo, e você sabe que nós já estamos sabendo. Por que, então, não abrimos o jogo? Você sabe muita coisa, Ananias.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu? Sei de nada, não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sabe sim.

O SR. OSCAR ANDRADE – Ananias, você queria conversar conosco para nos ajudar, em uma reunião fechada, sem imprensa, sem testemunha?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, não tenho nada a esconder, não. Quem tiver alguma coisa neste Brasil todo que venha e jogue na minha frente! É bom que a imprensa toda veja. Não tenho nada a esconder, não.

O SR. OSCAR ANDRADE – Sr. Presidente, de minha parte, penso que...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Deputado, V. Ex^a que tem mais conhecimento da participação dele...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sr. Presidente, inclusive, fui eu quem propôs a oitiva.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – V. Ex^a requereu a convocação dele.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Primeiramente, eu queria lhe apresentar uma pessoa que o senhor conhece. (Pausa.)

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Esse aí é o que descarregou lá no Recife.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Descarregou no Recife?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Descarregou.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Onde é que ele carregou?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Aqui em São João da Aliança.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O que você é dele?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu? Nada.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Onde é que tu o conhecestes?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Num armazém, em São João da Aliança.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quando?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Num sábado em que cheguei lá para carregar. Não lembro do mês, não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Lembra o ano?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Em 1995 ou 1996, se não me engano.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Em 1995 ou 1996. E o mês?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não me lembro, não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Como sabe que era sábado e não lembra o mês?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Só me lembro do dia, mas do mês não me lembro, não. Lembre que foi num sábado, porque cheguei na sexta-feira, carreguei no sábado e saí na segunda-feira. Eles carregaram no sábado e chegaram no sábado.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O que havia depois daquele sábado? Havia algum feriado?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Um domingo normal.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E segunda-feira?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Exato.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E terça-feira?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Normal, tudo normal.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Tudo normal?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Tudo normal.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não era o sábado em que se iria decidir o Carnaval?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não. O Carnaval foi depois. O Carnaval foi quando fui preso. Eu descarreguei em Recife, vim para Aracaju e lá fiquei na sexta-feira, no sábado, no domingo, na segunda-feira, na terça-feira e na quarta-feira. Descarreguei no Recife da sexta-feira para o sábado e vim para Aracaju. Fiquei sem carregar em Aracaju.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E não era o Carnaval nessa época?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Era o Carnaval, depois que eu descarreguei; eu estava em Sergipe já.

O SR. OSCAR ANDRADE – Uma semana depois.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Na mesma semana mesmo. Eu descarreguei no Recife na sexta-feira e dormi na divisa de Maceió e Pernam-

buco. Aí, no sábado, às oito horas da manhã, eu estava em Laranjeira. Aí fiquei sábado, domingo, segunda-feira, terça-feira, quarta-feira. Cheguei na quinta-feira em Aracaju.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Pois não. Então descarregaram no sábado aqui em Brasília?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Aqui em São João da Aliança.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Em São João da Aliança, no sábado?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – No sábado.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Para Recife?

Quem carregou primeiro, o senhor ou ele?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Carregamos todos juntos. Só que eu fiquei em casa e eles foram embora na frente, no sábado.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Eles quantos?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Se não me engano, foram seis ou oito carretas. Aracaju e Recife.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E tinham traçado o caminho por onde ir?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor não sabia do caminho por onde ir?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu descarreguei a minha carreta e fui para casa. Saí na segunda-feira, de tarde, de casa. E eles foram embora no sábado, os motoristas todos.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Onde o senhor voltou a se encontrar com eles?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Só no armazém lá em Recife, da Piogrão.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Em que dia?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Na sexta-feira. Cheguei de manhã cedo, na sexta-feira, e ele estava lá para descarregar.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E ele chegou quando lá?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Ele chegou de quinta para sexta-feira. Amanheceu lá, e eu cheguei na sexta-feira pela manhã.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quer dizer que o senhor, então... Ele saiu no sábado e o senhor, na segunda-feira, e chegaram quase juntos?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não. Eu cheguei na sexta-feira. E ele estava lá de quinta

para sexta-feira. Agora, o dia em que ele chegou eu não sei.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Tudo bem! O senhor sabe o valor do frete?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor não lembra o valor do frete?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Faz tanto tempo!

O SR. POMPEO DE MATTOS – Da carga o senhor lembra?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Milho.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Nessa cidade de São João da Aliança, onde foi carregado?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O milho?

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sim.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – No armazém da Piogrão.

O SR. POMPEO DE MATTOS – No armazém da...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Piogrão.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E a Brasgrão?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Brasgrão é lá onde descarregou, no Recife.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – São empresas ligadas?

O SR. POMPEO DE MATTOS – É do mesmo dono?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sim, senhor. Piogrão, Brasgrão e Transpio.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Tanto o Piogrão como a Brasgrão são do mesmo dono, e a transportadora é dele também.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – A Transpio também.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E qual é o nome dele?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É Celso.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – É para quem o senhor vendeu o caminhão.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sim, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – É Celso Luiz Froza.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Foi para quem ele vendeu o caminhão.

O SR. POMPEO DE MATTOS – De onde era o Sr. Celso?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Do Sul.

O SR. POMPEO DE MATTOS – De qual cidade?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – De Garibalde. Só que ele morava aqui, residia aqui.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Está bem. Onde é que o senhor o conheceu?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Aqui.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Há quanto tempo?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Há uns dois anos daquela época.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Antes.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu carreguei a primeira carreta com ele foi em Barreiras.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Está bem.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não me lembro se foi em 93 ou 92.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Há quatro anos antes.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu carreguei em Barreiras. Só que lá, quem tomava conta era um rapaz...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Então o senhor conheceu o Celso quatro anos antes, e ele já tinha...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – A transportadora dele eu conhecia já. Agora, pessoalmente, eu o conheci em 1994 ou 1995. A transportadora eu já conhecia há muito tempo por nome, porque eu carregava na filial dele. Ele tinha filial em Barreiras e em Sergipe, a Transpio, sabe?

O SR. POMPEO DE MATTOS – Inclusive, eu já quero que seja protocolado o requerimento para convocar o Sr. Celso Luiz Froza, de Garibalde.

O senhor conhecia a transportadora há quatro anos e o Celso há dois anos. E esse cidadão que desapareceu, o Dauro Luiz Ferreira?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Esse eu conheci lá no dia, no armazém, quando nós carregamos...

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor não conhecia ele antes?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Nunca tinha visto ele?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E quando o senhor chegou lá, quem estava conversando com ele? Com quem o senhor conversou? Eram o senhor, ele e quem mais?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu, ele e as meninas lá do escritório.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quem é a menina do escritório?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – A Carminha. Tinha mais outra que trabalhava lá. Tinha umas duas.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O que o senhor lembra da Carminha?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – A Carminha era a gerente lá, do armazém. E tinha mais uma que trabalhava na cozinha e mais outra que trabalhava no escritório com ela também.

Almoçamos juntos.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor almoçou junto com quem?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Com ele, com a Carminha e com mais outras meninas também, que eu não lembro. Esqueci o nome delas.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Isso na sexta-feira?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Na sexta-feira.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Onde?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Em Recife.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E esse almoço foi em um restaurante?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Foi lá perto.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Do lado.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Perto de lá tem um monte de restaurantes, perto da empresa lá.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Almoçaram o senhor, a Carminha...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – E mais as meninas do escritório. Ele queria ficar lá porque tem um churrasco no armazém no sábado, entendeu? Eu falei: "Não vou ficar aqui, porque é véspera de carnaval, e eu tenho carga certa lá em Aracaju". E ele estava paquerando uma guria lá; queria ficar lá. E eu falei: "Eu vou para Aracaju".

O SR. POMPEO DE MATTOS – Vamos voltar um pouco. Quando o senhor carregou ali – eles saíram na frente, os seis caminhões – quem foi com o senhor?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O meu irmão.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E quem mais?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Só.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Só o senhor?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Do armazém até aqui, veio o rapaz do escritório comigo. O escritório lá de São João da Aliança, que trabalha aqui na Candangolândia.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E vieram fazer o que aqui?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É que ele trabalha no escritório daqui. A sogra dele morava lá. Ele tinha ido para lá e veio comigo no caminhão.

Altair é o nome do rapaz.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Altair é o nome do rapaz?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Isso.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Então foi o senhor e o seu irmão?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Isso.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Como é o nome do seu irmão?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Cícero.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E o seu filho?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Meu filho, não. Ele estava em casa.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Ele não viajou com o senhor?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Ele estava na casa da mãe dele no Paraná.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Ele não acompanhou o senhor?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor conhece o Marco Agostini?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Marcus?

O SR. POMPEO DE MATTOS – Márcio Agostini.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – É o motorista de Bento Gonçalves.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não conheço.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Jacaré, de Félix da Cunha?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Também não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Dercí Flores da Cunha?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Só tem um lá que conheci... o Beto, que foi lá dar depoimento. Ele é de ...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sim.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Às vezes, conheço pelo apelido, porque tem o índio lá, o Jacaré, o Beto, o Luiz Pancaço, o (?) Antunes.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Pois é. É a respeito do Jacaré que estou perguntando-lhe.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Conheço muitos motoristas só pelo apelido.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Então, o senhor conhecia o Jacaré, que era do bolo, que carregou junto com o Senhor.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não me lembro, não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não lembra? Está bem. Há quanto o senhor conhecia a Carminha?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Na época em que comecei a puxar lá por Recife.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sim, mas em que época?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Há uns dois anos, por aí.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Há dois anos. O senhor já era amigo dela?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sempre tive que trabalhar no escritório da empresa, não é?

O SR. POMPEO DE MATTOS – Ela não conhecia o Dauro?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Acho que não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Ficou conhecendo ali com o senhor. Quando o senhor almoçou com o Dauro, o caminhão dele já estava descarregado ou não?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Ele estava vazio, porque ele estava descarregando.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Como?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Ele estava vazio. Ele foi até no banco fazer um depósito. Ele e uma moça do escritório, que trabalhava na firma. Não me lembro do nome dela. Ele saiu com a moça, foi ao banco fazer um depósito, depois voltou. Até achei que ele tivesse ido embora. Depois, ele voltou ao escritório. Ele disse que ia me esperar para sair,

porque não sabia sair do armazém até na saída da 101.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Aí o senhor saiu com ele?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Aí nós saímos juntos do depósito do armazém até o posto de controle.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E o senhor foi até o posto com ele.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Fomos até o posto.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Está bem. E lá no posto?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu estava tomando banho, ele chegou e disse: "Arrumei uma carga de açúcar para carregarmos para Contagem."

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quem disse?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O Dauro.

Ele disse: "Se tu quiser ficar carregado, tu fica aí. Eu vou para lá, porque tenho carga certa para carregar para o Araguaia." Aí ele ficou lá no posto, e eu saí e vim embora.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor saiu. Ele telefonou lá no posto?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Telefoniou.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Para onde?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Lá para o Sul.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Lá para a casa dele?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Creio que sim.

O SR. POMPEO DE MATTOS – A que horas era isso?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Se não me falha a memória, era entre sete e oito horas da noite. Não me lembro da hora certa não. Tinha até um pessoal lá do Sul, do Mercado União, que estava encostado lá no posto também. Mercado União, de uma cidade perto de Novo Hamburgo, acho que era Novo Hamburgo. Tinha umas quatro cargas do Mercado União.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor chegou a ligar lá para o Rio Grande do Sul.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Liguei. Depois de uma semana, liguei de Montes Claros para

a firma. Ele até me disse que o pessoal tinha ligado lá e deixou telefone, para eu ligar, e falar com o pessoal da SOS Caminhoneiro, e eu liguei. Não me lembro com quem falei. Liguei duas vezes, se não me engano.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E aí o que o senhor disse?

(falha na gravação)

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quanto tempo faz que o senhor tinha o caminhão?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Um ano e meio.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor conhece o Altair?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É esse rapaz da empresa, do escritório da empresa.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Qual é o rapaz?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Esse que trabalha no escritório da Transprio.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O Celso?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O Celso é uma pessoa.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sim. E o Altair trabalha no escritório do Celso.

O SR. POMPEO DE MATTOS – É outra pessoa. É isso que queria dizer. O Senhor conhece o Altair então. Como é o nome do Altair?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Só lembro do primeiro nome. Ele é que fazia o manifesto das cargas para nós, fazia cheque.

O SR. POMPEO DE MATTOS – É esse que o senhor trouxe a Brasília?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Isso. Trouxe a Brasília.

O SR. POMPEO DE MATTOS – As peças estão casando. Onde é que anda o Altair?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não sei. Deve estar trabalhando com o Celso. Até hoje estou preso ... eu não sei.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Depois desse episódio, quanto tempo depois o senhor foi preso?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Fui preso no mês de fevereiro. Logo em seguida, foram só uns dois, três meses.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas isso já era fevereiro.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Fui preso em fevereiro. Foi nessa época que conversei com o Altair.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Como assim, conversou com o Altair?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Quando eu vim, que eu liguei da estrada para ele, porque ele me telefonou lá do Sul.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Falou com quem lá no Sul?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não me lembro para quem foi. Foi lá para a SOS Caminhoneiro.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Daí?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não me lembro mais não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor foi preso ...

O SR. OSCAR ANDRADE – Por que o senhor ligou para o SOS Caminhoneiro?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Porque eles pediram que, quando eu chegasse, entrasse em contato com eles. Eles queriam saber qual foi o último que descarregou com a pessoa lá no Recife. Aí a firma me informou que foi o Ananias e pediu que quando ele chegasse lá, que ele ligasse para eles lá.

O SR. OSCAR ANDRADE – Mas por que eles queriam saber?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Para saber porque ele não havia descarregado, para onde ele tinha ido, se tinha encontrado com ele no caminho, naquela semana ou não.

O SR. OSCAR ANDRADE – E não disseram mais nada, apenas isso?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não. Só isso.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor chegou a informar lá para o SOS Caminhoneiro que o Dáuuro estaria viajando?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Informei que ele ficou no posto e que tinha pegado ordem para carregar na usina lá, perto do Cabo ali. Foi isso que eu disse.

O SR. OSCAR ANDRADE – E ele te convidou para também transportar essa carga?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Convocou para carregar açúcar para Contagem.

O SR. (Não identificado.) – A que horas se deu isso?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – À noite, entre às 19h e 20h, porque lá no Posto Contorno é cheio de salinhas para as transportadoras, de carros

pequenos que oferecem carga para Aracaju, Salvador, Feira de Santana, Contagem, Belo Horizonte, para a Coca-Cola.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Despachantes?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Pequenas transportadoras; é tipo um agenciador de carga das usinas. Eu, como tinha carga certa em Laranjeiras, vim para Laranjeiras carreguei uréia da Adubos Araguaia, em Anápolis.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor sabe o nome do Altair?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Completo não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não seria Altair Siebel?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não me lembro.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Gostaria que fosse colocado também Altair Siebel.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Ele trabalhava com o Celso no escritório a essa época.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Gostaria que fosse assim: Altair, que trabalha com o Celso...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Isso, lá no escritório, à época.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E Altair Siebel.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Ele tem relação com o roubo de carga?

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quero ver se é o mesmo. Exatamente. Que é de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Esse não é do Sul; esse é mineiro. Sei que ele é mineiro.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Qual o nome da sua esposa?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Núbia.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor chegou a se casar com ela, não é? Casamento falso?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Casei com o nome de Cláudio com ela. Foi quando tirei documentos para casar com ela.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas era falso o casamento?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Era falso...

O SR. OSCAR ANDRADE – Esse é o que foi feito com a certidão.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Isso.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Ela sabia que era falsificado?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Ela chegou a ficar sabendo?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Chegou.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Antes de o senhor ser preso ou depois?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Antes.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Ela sabia?

O SR. OSCAR ANDRADE – Mas por que o senhor tirou essa certidão para casar?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Porque eu era casado no Paraná e ficava muito enrolado para desquitar. A outra ainda queria casar.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Esse foi o motivo de o senhor ter documentação falsa?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Foi.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Foi objetivando se afastar da bigamia?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sei lá; não entendo dessas coisas não. Ela queria casar de papel passado, o recurso foi ajeitar isso no Piauí e casar.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Ele está dando uma aula de “sacanagem”.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Qual a sociedade de que o senhor mantinha com o Celso? O senhor mantinha uma sociedade com ele? O senhor era sócio dele?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E o Paulo? O senhor conhece o Paulo?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O Paulo é irmão dele.

O SR. POMPEO DE MATTOS – É irmão do Celso, não é?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Toma-va conta do armazém lá em Recife.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Que, aliás, quero saber também o nome. Paulo Frosa, não é? Que é irmão dele, não é?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Porque vocês trabalharam juntos uns dois anos, não é?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não tínhamos sociedade; puxava a carga porque ele ...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas você vivia ali no armazém; estava sempre ali no armazém?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu morava ao lado do armazém.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas como o senhor disse que carregou no armazém e veio para Brasília se o senhor morava ao lado do armazém?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Vim para Brasília na segunda-feira.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não, não foi isso que o senhor disse. Está gravado. O senhor disse que carregou, pegou o Altair...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sim, eu carreguei e fiquei em casa. O Altair foi para lá no final de semana e ficou o sábado e o domingo lá, na casa da sogra dele. Na segunda-feira, eu viajei e ele veio comigo. Eu vim por aqui, porque estava com excesso de peso. Ele estava com pouco peso de balança e foi por Formosa. Eu, como estava com excesso de peso, fui por aqui, por Montes Claros, por Unaí, João Pirneiro, Paracatu, devido à balança.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor e o seu irmão? O seu irmão viajava sempre com o senhor?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não; ele veio para cá, porque estava afim de trabalhar com o Celso.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Estavam formando um time?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não tem formação de nada não!

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não tem nada de formação? Então, o senhor, embora vivesse lá, quantas cargas o senhor puxou para o Celso nos últimos seis meses?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Várias cargas.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Teria como comprovar?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Tem os conhecimentos de frete.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O Celso tem?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Deve ter tudo na empresa. Deram uma busca em minha casa, acharam que eu sempre guardei a segunda via da nota fiscal, do manifesto, e eu não guardei.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Porque a informação que temos é que o senhor era um *free lancer* do Celso, para seguir os caminhoneiros que ele ia largar, para pegar os caminhões deles.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não é nada disso é só talvez pessoas que tenham inveja do

cara, entendeu? Isso nunca aconteceu. Nunca. O senhor pode investigar a fundo.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Então, explique-me melhor qual a sua atividade na Brás Grãos, o senhor que estava quase sempre lá dentro.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Porque eu carregava lá com ele. Na entressafra, puxava da lavoura para o armazém, da roça. Saí com carretas, porque ele puxava a carga o ano todo. Comprava e revendia. E o frete na entressafra sempre abaixa. Às vezes, ele não aumentava, mas segurava sempre o mesmo patamar de frete.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Vários motoristas diziam que o primeiro que lá o primeiro que encontravam era o senhor.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – E se eu morava lá?

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sim, mas o senhor morava ali. Explique-me como é “eu morava lá”?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Porque eu descarregava, e, se eu não tivesse carga àquela hora, eu tinha que ir para lá, porque a minha casa era lá. Aí eu esperava.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas onde é a sua casa?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Em São João da Aliança.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Eu sei. Mas morava em que lugar? Do lado do depósito?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Do armazém até lá em casa daria o quê, uns 400 metros.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quatro quadras?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É. Na mesma rua, perto do posto principal.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Morava o senhor e quem mais?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu e a mulher.

O SR. POMPEO DE MATTOS – A Dona Núbia?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É. E um filho de sete anos que estava com ela.

O SR. POMPEO DE MATTOS – É o filho dela, com ela?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, era filho com outra, lá do Piauí.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Que o senhor levou para lá? Era enteado dela?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Era.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sim.

E, quando o senhor viajava, quem acompanhava o senhor?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Ela viajava muito comigo, depois, começava com essa história, e ficava em casa.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E, quando ela não ia, quem ia? O senhor não viajava sozinho.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O meu filho sempre estava comigo.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Como é o nome do seu filho?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Fernando.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Fernando do quê?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Luiz da Silva.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Fernando Luiz da Silva.

E ele está morando onde?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Curitiba.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Em Curitiba?

Aliás, a propósito, o senhor responde a um processo lá em Curitiba, não é?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Hum?

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor responde a um processo lá no Paraná, não é?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Se eu respondo a um processo no Paraná?

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor responde a processo lá no Paraná.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Respondo.

O SR. POMPEO DE MATTOS – A quantos?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Hâ?

O SR. POMPEO DE MATTOS – A quantos?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Que eu saiba...1.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Que o senhor sabe. E que o senhor não sabe? Quantos mais?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não sei.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Esse não estava na lista, não é?

O SR. OSCAR ANDRADE – Está na lista.

O SR. (Não identificado) – O senhor está sendo processado por que crime?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Por causa de uma carreta de petróleo.

O SR. OSCAR ANDRADE – Sr. Ananias, você me tinha dito que não existia nada lá. Eu lhe perguntei, dei até o número do...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O senhor falou foi Raimundo.

O SR. OSCAR ANDRADE – Não, isso foi lá atrás, no início. Mas, depois, perguntei-lhe sobre o Inquérito Policial nº 052/84, no Estado do Paraná, de corrupção e desacato à autoridade.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, isso aí, não!

O SR. (Não Identificado) – Mas é esse. O de Curitiba é esse.

O que o senhor tem é o de carreta de petróleo.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – De petróleo. É.

O SR. POMPEO DE MATTOS – É desvio de carga, não é?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Desvio. Eu comprei os pneus da carreta, aí o cara, quando deixou para fazer o balanceamento de pneu, levei os pneus para vender lá na loja, aí o cara da carreta do caminhão foi procurar os pneus para comprar e foi justamente na loja em que deixei os pneus. Aí acharam os pneus lá de volta.

O SR. OSCAR ANDRADE – O motorista da carreta vendeu os pneus para você?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Isso.

O SR. OSCAR ANDRADE – A carreta não era dele, não?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Senhor?

O SR. OSCAR ANDRADE – A carreta não era dele?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Disse que era dele, do Paraguai. Disse que era dele.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Era contrabando?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Senhor?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Os pneus eram contrabandeados?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, porque eles traziam pneu novo e voltavam com pneu velho, rodando para vir para cá.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mas era lá do Paraguai?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Isso. Lá de...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Se você responde que é contrabando...

O SR. OSCAR ANDRADE – É contrabando.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – É por contrabando, provavelmente você quis comprar o policial que o prendeu em flagrante. Pelo menos, a dedução dos dois crimes que estão apontados aqui. E deve ter sido prisão em flagrante, pelo visto aí.

O SR. OSCAR ANDRADE – Não, em flagrante foi em Presidente Prudente.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Lá, fiquei três meses preso em Presidente Prudente.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mas esse do Paraná?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Fui absolvido.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E, em Presidente Prudente, porque o senhor foi preso? Flagrante de quê?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Documento falso.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Queria que algum dos deputados ou senadores requeresse cópia desse processo do Paraná, para que possamos realmente ter conhecimento.

O SR. POMPEO DE MATTOS – De que aí há um gancho.

Vamos assinar juntos, Senador!

Ananias, qual é o seu relacionamento com o Jovino?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O Jovino tem a firma lá em Recife, lá em Itória. Inclusive trabalha com ... de cal.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Como é o nome do Jovino?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Jovino... Não me lembro do sobrenome dele, não! É conhecido por Itaparica.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Você é sócio dele?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Conhece-o há quanto tempo?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É de 1989 a 1990.

O SR. POMPEO DE MATTOS – 1989 a 1990. O que ele faz lá, o Jovino?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Ele é transportador.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Também é transportador. Jovino do quê que é?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – A gente chama de Itaparica.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Jovino do quê, o nome dele?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não lembro o sobrenome dele, não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Ele mora em...?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Em Vitoria do Santo Antão. Ele morava na Bahia, depois, mudou para Vitoria.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Vitoria de Santo Antão é na Bahia também?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, em Pernambuco.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E mora lá ainda?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Até agora, não sei, não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Jovino mora em Vitoria de Santo Antão?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É. Morava lá.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Como é o nome da transportadora dele?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Transitaparica.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Transitaparica. Temos informações de que você tinha uma sociedade, era o braço direito dele para fazer os negócios de transporte também. Não é verdade, o senhor nega?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Isso aí está tudo no depoimento lá na CPE. O senhor pega lá, levanta os depoimentos, o senhor vai ver tudo lá.

O SR. OSCAR ANDRADE – O senhor nega?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O que? Que eu era o braço direito dele? Nego.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sumiu algum caminhão carregando carga da transportadora dele?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Se sumiu, eu não sei não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sabe sim. Tu fizaste sete, oito anos com ele.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Que eu saiba não, se sumiu caminhão, eu não sei não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Nunca sumiu nenhum caminhão de carga com ele?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sumiu o que eu vendi para ele. Ele não me pagou o frete, eu peguei de volta. O meu conhecimento foi esse.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Tu vendeste um caminhão para ele...

O SR. OSCAR ANDRADE – Mas, tu não vendeu não foi para o Celso?

O SR. POMPEO DE MATTOS – Então, esse é o segundo caminhão. Um, tu vendeu para o Celso.

O SR. OSCAR ANDRADE – É rolo de seguro, você disse?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É uma longa história.

O SR. OSCAR ANDRADE – Mas conta aí, estamos aqui para ouvir.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Tudo é longa história. Está guardando para escrever um livro da sua vida.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Minha vida já acabou já. Está tudo acabado.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mas como é o rolo do seguro? É fácil?

O SR. OSCAR ANDRADE – Se você colaborar, pode...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Então, o caminhão foi vendido no golpe do seguro?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu já falei demais. Não tenho mais nada a falar não. Só me resta agora é...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Você não quer colaborar mesmo?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu já colaborei demais.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Nada, zero. Aqui você está na saca-rolha.

Pensei que você fosse vir com mais tranquilidade, ajudar e ter os benefícios da sua colaboração.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – A corda só estoura para o mais fraco.

O SR. OSCAR ANDRADE – Você sabe que se você colaborar você tem benefícios.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Como só está na mão do mais fraco...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Ajudar o mais forte para que você seja reconhecido como mais fraco.

Você guarda, provavelmente, os parceiros, aqueles que são mais fortes, com medo, por qualquer razão e não colabora, até para que o Juiz possa analisar melhor a possibilidade de te por na rua.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu não tenho mais nada pior mas não...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Conta o que tu sabe do Jovino então. Quem é o Jovino? Conta para nós quem é o Jovino.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – A CPE foi lá e já deve saber quem é ele. Isso tem lá na CPE.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quem é ele?

O senhor negociou seis, sete, oito anos com ele. Conta para nós quem é ele. Ele desvia carga?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Ele é empresário sucedido lá no Pernambuco, como muitos que tem lá.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Ele desvia carga?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Que eu saiba, não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Ele faz rolo com seguro de carga?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Que é do meu conhecimento, não sei não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas ele não fez uma contigo?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, eu vendi o caminhão. Ele não me pagou o caminhão, eu fui lá peguei o caminhão de volta.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas, não era com o seguro que você disse que ia contar?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, o seguro quem fez foi eu mesmo.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor está dizendo que o senhor é o pequeno, e o senhor está chamando para o senhor o problema, quando a gente sabe que não é só o senhor que está nesse rolo.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu já estou enterrado até o pescoço. Só falta empurrar o resto.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Deputado, a própria resposta dele, essa evasiva, dá o sinal claro de que realmente o comprometimento das pessoas citadas está sob a proteção dele...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Eu quero a convocação do Sr. Jovino. Entregue o requerimento junto com o Deputado, que mora em Vitória de Santo Antão, na Transtagaparica. É isso?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor faria uma acareação com ele?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Com qualquer um, qualquer pessoa.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Onde o senhor foi preso?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – No Céu Azul, aqui.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Aqui em Brasília? Que dia, o senhor lembra?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não lembro não, senhor. Só lembro que era dia de sábado.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – O senhor estava tranqüilo, trabalhando. O senhor tem advogado?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Tinha aí, mas faz tempo que não vejo mais ele.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Nesse dia que o senhor estava lá com o Dauro, que dia da semana era?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sexta-feira.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Véspera da sua prisão?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Se alguém tiver aquela maquininha de computador, vê o dia 15 e 16-2-1996 que dia da semana era.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Uma sexta-feira.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Como era o nome da cidade?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Vitória de Santo Antônio.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E que horas o senhor saiu de lá?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Nesse dia, eu estava ... Dia 16, o senhor está falando que fui preso aqui?

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não. Dia 16.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não lembro que dia foi não. Sexta-feira estava no armazém em Recife, à tarde.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Dia 16-2-96. Sexta-feira. O senhor confirmou e nós confirmamos a data.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu estava no Recife.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor estava no Recife? Qual é a cidade?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Recife mesmo.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Na cidade de Recife. Quantos quilômetros são de Recife até Vitória de Santo Antônio?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Se não me falha a memória, uns cinqüenta e poucos quilômetros.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quando o senhor saiu de Recife, para onde o senhor foi?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Para Aracaju, para Laranjeiras, antes de Aracaju.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Aracaju. Dá quantos quilômetros dali?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Da onde? Para Recife?

O SR. POMPEO DE MATTOS – É.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Talvez uns quatrocentos, quinhentos quilômetros.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Que horas o senhor chegou lá?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Cheguei umas nove horas do sábado.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor viajou a noite inteira?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não. Dormi perto de Maceió.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Dormiu perto de Maceió. O senhor e quem?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sozinho.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor disse o senhor e seu irmão.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Meu irmão voltou. Do caminho ele voltou.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Do caminho da onde?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Daqui do posto JK.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas o senhor disse que ele tinha viajado com o senhor?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Ele viajou comigo. Ele veio até aqui em Brasília. Aí Celso não tinha serviço para trabalhar aqui, e ele foi comigo para viajarmos juntos. Chegou no JK, encontrou um pessoal de Prudente carregado de sal. Com medo de no

carnaval se enrolar, pegou e voltou com o pessoal de Prudente para o Mato Grosso de volta.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O que é que tem o Carnaval?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Poderia se enrolar para descarregar ou carregar às vésperas de Carnaval, no Recife.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Era véspera de Carnaval?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Era, semana de Carnaval.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Perguntei antes para o senhor se era véspera de Carnaval e o senhor disse que não era.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Era semana do Carnaval.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Era o sábado que antecedia o Carnaval.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – No sábado, cheguei em Aracaju. Era semana de Carnaval. Fiquei sábado, domingo não carreguei, passei segunda e terça, carreguei na quarta-feira.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Foi isso que disse.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Foi na semana do Carnaval. Só que depois que carreguei... Quando descarreguei não era semana, era véspera.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quando o senhor descarregou era semana do Carnaval?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Em Recife não, já tinha uma semana antes, porque descarreguei na sexta-feira e cheguei em Aracaju no sábado. Não deu tempo de carregar no sábado. Era semana de Carnaval. Passei segunda, terça e quarta.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sim, mas o que tem a ver isso com o seu irmão?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Porque ele ia ficar lá enrolado na estrada...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas como é que ele sabia que o senhor ia ficar enrolado se o senhor só tinha ido para Recife?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É porque a finalidade dele vir para cá foi para arrumar emprego na transportadora.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não, não. Vouclarear, para as coisas ficarem claras. O seu irmão veio para cá para arrumar emprego na transportadora.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Foi.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não arrumou?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não arrumou.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Foi com o senhor de viagem?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Foi comigo para lá.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Esse dia que ele foi de viagem, era duas semanas antes do Carnaval?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eram duas semanas. Saí de casa na segunda-feira.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor saiu daqui na segunda-feira...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Na segunda-feira à tarde...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Para ir a Recife?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Cheguei lá na sexta-feira, de manhã.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Com o objetivo de lá voltar para...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Aracaju.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não é para voltar para Brasília?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Voltar para Aracaju, para em Aracaju carregar para Goiás, para Anápolis.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E o senhor já tinha negócio marcado?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Estava certo. Era descarregar e voltar.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E o Dauro?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O Dauro não tinha carga certa.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Como é que o senhor tinha e ele não tinha se estavam viajando juntos?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Trabalhava com o Celso, pegava a carga do Celso. Eu tinha as cargas certas para voltar.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E ele não quis ir junto para não se enrolar na semana do Carnaval?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, ele não quis ir junto porque ele arrumou para carregar o açúcar lá, e eu não fiquei para carregar o açúcar porque tinha as cargas certas lá.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não, o seu irmão?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sim, exatamente. A finalidade dele vir para cá foi ver se arrumava emprego com o Celso.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Coisa engraçada. O senhor, depois que esteve no Recife, passou pelo município de Vitória de Santo Antão?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Passei. Fazia aquela rota ali.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não. O senhor estava em Recife, na sexta-feira. Saiu dali e foi para onde?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Para Aracaju.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Qual é o caminho?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Saí por Vitória, de Gravatá entrei e saí para Palmares, de Palmares para Maceió, Maceió – 101.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Vitória de Santo Antão fica longe?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Passa também. Tanto de quem vem por Vitória, como de quem vem pela 101, de quem vem pela beira da praia, em Penedo, pela balsa.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas o senhor passou em Vitória de Santo Antão?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Passei, sim, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Uma hora o senhor diz que sim, outra hora o senhor diz que não.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Passei sim, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Recém o senhor disse que não passou em Vitória de Santo Antão.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Deputado, V. Ex^e. me dá licença. O senhor poderia descrever o seu itinerário? Descreva o itinerário.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Descreva bem. Qual é a primeira cidade depois do Recife.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Indo ou voltando?

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor saiu do Recife e foi para Aracaju, não foi?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Foi, sim, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor vai me dizer cidade por cidade. Qual é a primeira cidade que o senhor passou?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Vitória de Santo de Antão.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Que horas o senhor saiu do Recife?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Saí eram umas quase dez horas da noite, mais ou menos.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E aí?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Aí passei na casa de uma “nega”, lá em Vitória de Santo Antão; de Vitória, subi viagem...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Passou na casa de quem?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – De uma “nega” que eu tinha lá.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Que é uma “nega”?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Uma mulher. Uma mulher que eu tinha lá.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Ah, uma mulher?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Pode ser uma negra, uma branca?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – “Nega” é o modo de falar.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sim, entendi.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Não precisa dizer o nome.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Era um caso seu lá.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Era.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor é meio caixeiro-viajante?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Como sempre os caminhoneiros sempre têm uns rabos-de-saia, né?

O SR. POMPEO DE MATTOS – Aí o senhor ficou lá até que horas?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Até uma hora da manhã, por aí. Não me lembro mais, não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Uma e meia, duas horas?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E aí viajou?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Toquei direto e vim parar no Pichilau. Eram umas cinco horas da manhã.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Tocou direto até aonde?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Até no Posto Pichilau.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O que é Posto...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É um posto que tem lá em Alagoas.

O SR. POMPEO DE MATTOS – É um posto de gasolina?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É um posto grande na entrada de Maceió.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Tocou direto?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Aí dormi lá um pouquinho e quando foi umas seis e meia, sete horas – dormi uma hora e meia, duas horas –, saí. Quando foi nove horas, estava em Aracaju.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor me disse agora há pouco que o senhor tinha tocado e dormido lá no posto...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Posto Pichilau.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sim, mas o senhor chegou lá de manhã.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Cheguei lá eram umas três e meia, quatro horas da manhã, aí dormi até seis horas.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quantos quilômetros dá de Vitória de Santo Antão até Recife?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – A Pichilau? Dá uns 140, 150 km, por aí, de Vitória até o Posto Pichilau.

O SR. POMPEO DE MATTOS – De Vitória?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Vitória de Santo Antão. Você pode ver no mapa, se não for mais um pouquinho, é menos.

O SR. POMPEO DE MATTOS – 140 km. O senhor vê como as coisas começam a se modificar. O senhor, lá de Vitória de Santo Antão, ligou para alguém?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Liguei.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Para quem?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Liguei para casa.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor sempre negou isso, agora está admitindo? O senhor negou isso outras vezes.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Que eu neguei?

O SR. POMPEO DE MATTOS – É.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Doutor, o senhor sabe como é, né? São tantas coisas, tantas...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Tanta coisa, não; isso que é importante, o senhor negou.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Até nem lembro; o apurinhamento é tão grande, a tortura psicológica é tão grande que você nem sabe o que fala.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas foi nesse horário, entre seis da tarde e a manhã do outro dia, nesse período, na madrugada, que sumiu o Dáurio, foi nesse período que sumiu. E o senhor ligou para casa. O senhor tinha bebido, quando ligou para sua casa?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, tinha tomado uns “ribites” para poder rodar.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Uns “ribites”?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quantos “ribites”?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Um ou dois.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mais uns parafusos juntos?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Um martelo em cima?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Nada disso.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quantos “ribites” o senhor tinha tomado?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Dois só.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Sr. Ananias, onde o senhor nasceu?

O SR. POMPEO DE MATTOS – A gente não quer, Sr. Ananias, é que o senhor minta para a gente, estamos enjoados de mentirosos. O senhor não pode mentir aqui para nós.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu vou falar o quê?

O SR. POMPEO DE MATTOS – A verdade. O senhor ligou para sua casa?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Liguei, liguei.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Temos provas de que o senhor ligou para sua casa, e o senhor estava bêbado quando ligou para casa de madrugada. O senhor disse que estava na casa de uma amante e da casa da amante ligou para sua casa?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Liguei do orelhão a cobrar.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Do orelhão.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não foi de casa de amante, não; liguei do orelhão.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Ligou para quê?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Nada.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Desencargo de consciência.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Arrependimento.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Da morte que ele matou.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Que eu matei?

O SR. POMPEO DE MATTOS – Por que o senhor ligou de madrugada...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Se o senhor está dizendo que eu matei, então me condena logo então.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não estou lhe condenando.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Vamos com calma.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não tenho mais nada para falar não, doutor. O senhor está igual lá na CPE, está pior do que na CPE.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Estou lhe perguntando.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Se o senhor tem certeza de que matei, então é só bater o martelo: 30 anos de cadeia.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Se eu tivesse certeza, era outra questão.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Sr. Ananias, responde só as perguntas: não ou sim.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Ave-Maria! Puxando quase cinco anos nesse veneno aí, agora me traz para cá para... Me condena: cem ou duzentos anos de cadeia, pena de morte. Demorou.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não precisa, não.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É pena de morte logo de uma vez.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Sr. Ananias, só para você relaxar: onde você nasceu?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não tenho nada a falar. Chega.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Onde você nasceu? Isso aí não te confunde a cuca.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Onde nasci?

Nasci na fazenda, lá perto de interior de São Paulo, em Caioá.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Você é paulista?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sou paulista, filho de alagoano, neto de pernambucano.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Você tem sotaque nordestino?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sou filho de alagoano e neto de pernambucano. Ave-Maria! Me condena no que o senhor quiser aí, doutor. Manda a caneta para cima aí.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Ninguém está lhe condenando. Queremos saber as coisas.

Onde foi encontrada a carreta do Dauro?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não sei de nada, não; sei que estou preso até hoje.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Onde foi encontrada a carreta?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sei lá. Se estou preso, como vou saber?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mas o processo é por causa do desaparecimento do Dauro? O crime era prisão preventiva?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O pior já passei, o que vier para mim agora é lucro.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Prisão preventiva em razão do desaparecimento, Deputado?

O SR. POMPEO DE MATTOS – É.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – V. Ex^a tem cópia do processo?

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não tenho toda ela, não; tenho parte.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Precisa pedir o processo.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Já foi pedido inclusivo.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Tantos caminhões que desaparecem toda a semana, todo o dia. De Sul a Norte desaparece caminhão e carreta, são muitos.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas queremos até, Sr. Ananias, paraclarear: se o senhor tinha ou não razão. Queremos buscar a verdade. O senhor sabe onde foi parar o caminhão do Dauro, Sr. Ananias?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sei não, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor sabe que ele foi parar lá no galpão do Jovino, né? O senhor já declarou isso, não declarou?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Então, você não sabe já? Não está tudo aí? Então, não precisa falar mais nada.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não, eu quero saber se é verdade.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Trate o Deputado com respeito, Sr. Ananias. Se ele está lhe chamando de senhor, trate-o por senhor também. Ninguém está querendo que você perca a paciência.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu já passei em delegacia, já passei o que tinha que passar. Para mim, agora, não resta mais nada, não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sr. Ananias, o senhor sabe que o caminhão do Dauro foi parar lá no ...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu já vi delegado atrás de mim me levar para o carnaval ...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Eu queria pedir para o senhor só responder ao que eu vou lhe perguntar.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu não tenho nada para falar mais não, doutor. Chega. Eu não tenho mais nada a falar. Nada mais. Agora, seja o que Deus quiser, o que façam comigo está bom demais.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor não pode, Sr. Ananias, achar que nós queremos execrar alguém. Nós queremos é que o senhor tenha oportunidade de fazer sua defesa.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Se quiser, pode me levar ...

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor tem uma oportunidade ímpar ...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Quem sou eu para me defender?

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas o senhor pode, a verdade está com o senhor. Não está com o senhor a verdade? Então, o senhor exponha a verdade. O caminhão ... O senhor comeu o churrasco junto com o Dauro? Esse churrasco de que o senhor falou...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não só eu comi como muita gente comeu, tanto aqui em São Paulo como lá. O senhor sabe. Está tudo aí nos depoimentos.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não, não. Eu não tenho o depoimento.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Está tudo na CPE. Então, o senhor mande pedir que o senhor vai ver tudo. Não, está tudo escrito lá.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Eu quero saber do senhor o que o senhor disse. De repente, lá, eles botaram coisas erradas, Sr. Ananias.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Se botaram, não tem mais nada a fazer não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não, mas é a oportunidade que o senhor tem para esclarecer. De repente, lá não tem ...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não botaram, porque eu li o depoimento. Não, não fizeram nada disso, não. O que botaram foi o que eu falei, tenho certeza.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Tá. Então, o senhor comeu o churrasco?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu fui no juiz de novo, ele perguntou se eu queria mudar o depoimento e eu falei: "Não tenho nada a mudar, não, doutor."

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor comeu o churrasco com ele, então?

Perfeito. O senhor sabe que a carreta do Dauro foi encontrada lá no galpão do Jovino, não foi?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu não sei de mais nada.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não, mas isso o senhor sabe. Ou o senhor não sabe?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Isso aqui está pior do que delegacia.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Quer mais água, Sr. Ananias?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Eu vou lhe fazer outra pergunta. A que horas o senhor comeu o churrasco com o Dauro?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Hora do almoço, né? Foi na hora do almoço.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não, isso ... o senhor almoçou. O senhor disse que almoçou e que o churrasco era um outro churrasco que ia ter depois ...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, isso é o que ele falou. Para os caras, que não carregasse, ficasse lá, que ia fazer o churrasco lá.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Ah, aí. Eu vi que o senhor não estava sendo claro. Agora, o senhor esclareceu. Viu como é importante esclarecer, né?

Então, o churrasco que o senhor comeu foi no almoço ao meio-dia, é isso?

Está bom. Almoço ao meio-dia. A carga de açúcar. O senhor falou com o Dauro a que horas?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Senhor?

O SR. POMPEO DE MATTOS – O Dauro falou que ia carregar a carga de açúcar para o senhor. Que horas eram quando ele falou isso para o senhor?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Ele ia carregar no outro dia.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sim, mas a que horas ele falou?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Ele falou hora, não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Foi depois do almoço. Foi depois do almoço.

O SR. OSCAR ANDRADE – Onde foi parar a carga de açúcar?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sei não, doutor.

O SR. OSCAR ANDRADE – Não teve notícia dela, não? Só do caminhão?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Deputado, posso fazer uma proposta? Eu tenho um elenco de pessoas que o Senador vai sugerir a oitiva. Depois, nós poderíamos fazer uma acareação, porque ele está meio intransigente na cooperação. Eu creio que podemos, depois, partir para uma acareação com os nomes apontados por ele e buscar cópia dos inquéritos. Seria mais fácil um novo interrogatório com uma acareação para esclarecer as dúvidas. É só uma sugestão.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Perfeito, está correto. A sugestão é pertinente e inteligente, inclusive, mas eu só queria concluir algumas perguntas aqui, porque acho que importante, até para que o Ananias possa se defender.

Sr. Ananias, o senhor sabe quantos dias ficou a carreta guardada lá no galpão do Jovino?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sei não, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor sabe que foi feita uma modificação na carreta. O senhor sabe quem pagou essa modificação? Foi paga a oficina para mudar as características da carreta. Não sabe quem é que pagou? Não sabe se foi o Celso que pagou?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sei não, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Nem a empresa dele?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Mas ele viu a carreta com as modificações? Ele chegou a ver a carreta com as modificações?

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor chegou a ver a carreta com as modificações, seu Ananias?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não vi nada não, doutor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor não viu a carreta?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Se viu ou não viu, Ananias! Qual é o prejuízo que o senhor tem em dizer se viu ou não a carreta? O senhor chegou a ver ou não a carreta?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Vi não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Não viu? Nem antes nem depois?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor chegou a ir a Camaçari dali?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Passei por Camaçari.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Passou por Camaçari.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Minha sogra morava lá, meu sogro morava lá.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quantos dias o senhor...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O senhor sabe tudo aí. Não preciso falar. Está tudo aí. Tenho certeza de que está tudo aí.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas eu não sei, seu Ananias. Quero saber do senhor. Estou lhe perguntando!

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O senhor sabe, sim.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas, se eu soubesse, eu não lhe perguntava. O senhor é que sabe. Eu nem sabia que o seu sogro mora lá. E outra coisa: o senhor tem dois sogros.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eles já investigaram minha vida todinha. Eles sabem tudo.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quem sabe?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O pessoal da CPE.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas eu não sou da CPE; sou da CPMI.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É... mas faz parte da mesma família.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não, não. Não misture.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – CPI, CPE...

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor está desconfiado.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Quer mais água, Ananias?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor não fica desconfiado?

O senhor ficou quantos dias na casa do seu sogro? Ou o senhor nem chegou à casa do seu sogro?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Quer um cafezinho, Ananias?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Quero não, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sr. Ananias, o senhor chegou à casa do seu sogro ou não, em Camaçari?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Já falei demais. Não vou declarar mais nada. O que falei está tudo no depoimento lá.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não, mas o que estou lhe perguntando não está no depoimento.

O senhor chegou a ir à casa de seu sogro, lá em...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O pessoal da CPE foi lá na casa do velho, meu sogro, mas que não...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas eu não sei... eu não sei quem é... eu fiquei sabendo de CPE, seu Ananias, hoje, que o senhor está falando, que eu nem sabia nem o que era CPE, aliás, nem sei o que é que é CPE.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – É a CPI do narcotráfico.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não, é CPE

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – É a Central de Polícia Especializada.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Eu não sabia nem o que é que era isso. Eu não sei, seu Ananias. E eu estou perguntando ao senhor, que é uma oportunidade que o senhor tem para se defender. O senhor é que está dizendo que a CPE – Central...

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não quero me defender mais não, doutor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Tá, então vou lhe fazer mais algumas perguntas.

O senhor esteve em São João da Aliança?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Tive, se eu morava lá...

Se eu morava lá, como é que...

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor morava em São João da Aliança?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – É.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E o senhor se mudou de lá?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Mudei pra cadeia.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mudou de quê?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Mudei de São João pra cadeia.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sim, mas o senhor saiu antes. Antes de vir pra cadeia o senhor saiu de lá, não saiu?

Onde é que o senhor foi preso?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Em Céu Azul.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor morava lá, mas não foi preso lá.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu morava lá?

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor disse que morava lá.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Em Céu Azul?

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não. Em São João da Aliança. Mas o senhor não foi preso lá. O senhor saiu de lá para alguma viagem ou saiu porque o senhor estava fazendo algum frete, alguma coisa... que é que o senhor estava fazendo?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Minha vida o senhor sabe dela de cor e salteado, não preciso falar mais nada.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Vou concluir. Tem uma coisa mais leve para o senhor.

O senhor saiu da sua casa, o senhor chegou a voltar a sua casa de noite?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não lembro não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não lembra?

Onde é que o senhor guardou seu revólver? O senhor escondeu ele.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O revólver eu deixei na casa de um pessoal lá em Céu Azul.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Deixou lá em Céu Azul? Onde?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Deixei na casa de uma ex-cunhada minha.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Deixou na casa de uma ex-cunhada sua?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Tá tudo no depoimento aí, tudo.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Ele foi apreendido?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Depois de 6 meses esse revólver foi entregue lá na CPE. Seis meses não, uns 4 meses.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E onde é que estava o revólver?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Ah, eu deixei lá, agora onde é que tava...disse que acharam lá não sei aonde, no quintal não sei aonde...eu tava preso...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Acharam aonde?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Acharam enterrado lá.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Acharam enterrado aonde?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Ah, na casa do pessoal lá.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Na casa da cunhada.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Na casa da ex-cunhada minha.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E quem é que enterrou esse revólver, o senhor sabe?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não sei.

O SR. POMPEO DE MATTOS – E onde é que estava enterrado?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Sei não, eu estava preso!

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sim. O senhor disse que foi enterrado. Contaram para o senhor onde foi enterrado?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – A pessoa que deu o depoimento lá na CPE contou.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – E o senhor reconheceu como sua, na apreensão?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O revólver?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Sim.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não vi ele mais.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Não foi mostrado para o senhor?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quem foi a pessoa que levou o revólver lá na CPE?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Os agentes foram lá pegar.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sim. Mas quem mostrou onde estava o revólver?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não sei.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Como descobriram um revólver enterrado? Alguém teve que dizer onde ele estava.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Mas eu estava preso, como vou saber isso!

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas se o senhor sabe?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Eu não sei não. A pessoa que deu o depoimento lá é que deve saber.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor conhece o Delegado Colombo.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não. Conheço não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – A Transcanavieira, de quem é?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Do Jovino, já falei.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas o senhor disse que a do Jovino é a Transtaparica.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Mas é tudo uma só. Os homens trocam de firma mais do que trocam de roupa.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Foi na Transcanavieira ou foi na Transtaparica que foi encontrado o caminhão do Dauro.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não sei.

O SR. POMPEO DE MATTOS – As duas são do Jovino?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Isso aí o senhor tem como investigar.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Isso ele declarou no início do depoimento que era do Jovino.

O SR. POMPEO DE MATTOS – A Transcanavieira também é do Jovino.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Pelo menos era; não sei agora.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Nunca pertenceu ao senhor essa Transcanavieira?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Quem sou eu para ter transportadora.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Mas, às vezes, só estava no seu nome.

Não esteve no seu nome?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Se tem não sei. Às vezes pode até estar no meu nome sem eu saber.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Então, é possível que ela pudesse estar no seu nome?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não posso afirmar nada para o senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Acho que devemos chamar o Sr. Jovino, o filho dele e também o irmão dele.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Perfeito. O senhor requer e depois, se precisar fazer a acareação, nós a programaremos.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sr. Ananias, eu não sou tão sabido assim como o senhor acha. Estou me informado porque queremos esclarecer. Acho que o senhor é uma vítima de todo esse processo. Acho também que o senhor foi usado nesse processo. Daqui a pouco vão aparecer coisas em seu nome que não são suas, porque eles lhe usaram. E o senhor está pagando sozinho coisas que outros devem. E está se martirizando, se sacrificando.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Não, eu não.

O SR. POMPEO DE MATTOS – O senhor poderia nos dizer quem é o grande.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – O pior já passei.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Então, está bom.

O SR. OSCAR ANDRADE – O que de pior o senhor já passou?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Na época da prisão. Tudo se transtornou: a família revol-

tada; os amigos achando que você é uma outra pessoa; a imprensa, que falou outras coisas, inclusive que eu tinha 80 latrocínios, que matei não sei quem, que fiquei com um cadáver embaixo da cama do caminhão,... tudo isso foi muito ruim. A minha mãe quase morreu – ainda hoje vive doente. Para mim, minha vida já acabou. Eu não tenho nada a perder!

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Indago se há algum Senadores ou Deputados que ainda deseja fazer perguntas? (Pausa.)

Concedo a palavra ao Senador Moreira Mendes.

O SR. MOREIRA MENDES – Sr. Presidente, Sr. Relator, percebe-se claramente a disposição do deponente em não colaborar com a Comissão e com o andamento da investigação.

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Muitas pessoas pior do que eu estão aí fora aprontando.

O SR. MOREIRA MENDES – Quero apenas corroborar os requerimentos já feitos pelo Deputado Pompeo e subscrevê-los.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Pediria licença ao Deputado Givaldo Carimbão que pudesse fazer o seu questionamento.

O SR. GIVALDO CARIMBÃO – Sr. Presidente, lamentavelmente também fui vítima do roubo de cargas e sou de Alagoas, Maceió, ligado à igreja católica e compramos a televisão Rede Vida, em uma grande campanha para conseguir o recurso mas lamentavelmente quando a carga vinha de São Paulo para Maceió, no Espírito Santo a carga é roubada e até hoje não se sabe. Lamentavelmente, a Rodoviária Cinco Estrelas, que foi a empresa responsável não assumiu a responsabilidade, apesar do seguro pago, nota fiscal e tudo em dia.

Então, gostaria de entregar a V. Ex^e os documentos e inclusive a seguradora se nega a receber e liguei por cinco vezes, tanto para a seguradora quanto para a Cinco Estrelas fazendo de mim de gato e sapato, dizia que era do Congresso Nacional, Deputado Federal, identificando-me e lamentavelmente esse povo não dá satisfação. Paga-se o seguro e nós colocamos a carga e pagamos enfim todos os preços que se cobra e o que acontece?

Irresponsavelmente a Cinco Estrelas, uma empresa de nome nacional, contrata quem quer que seja, entrega isto, rouba, mata, faz e acontece e nós ficamos aí e eu sou Deputado Federal. Imagine um do povo qualquer.

Por cinco vezes, Sr. Presidente, liguei para a Cinco Estrelas, para a seguradora e não houve sa-

tisfação dela, mesmo dizendo que era Deputado Federal, do Congresso Nacional, da CPMI e dizem para denunciar o que quiser, fazem da gente isso mesmo como Deputado Federal. Imaginem lá fora. A carga foi roubada no valor de R\$200mil da Rede Vida de televisão, que não serve para nada, porque a Anatel tem que homologar o equipamento para ser colocado na televisão. Tivemos que fazer uma nova campanha para tentar colocar a televisão no ar em Maceió, era um equipamento de cinco quilos que baixou para um quilo e o motorista que está depondo neste momento Joyce dos Santos, de Campos, Rio de Janeiro.

Consegui ligar para o Delegado da Polícia no Rio de Janeiro, que me deu toda a atenção, colocou mais de 30 policiais, tentou pegar esse cidadão, ainda pulou alguns muros e até hoje não se foi resolvido. O pior é que essa denúncia que quero trazer para V. Ex^a e para os companheiros da Comissão é para que a imprensa divulgue é que, como Deputado Federal, liguei cinco vezes para a empresa Cinco Estrelas, para a seguradora, que não deu a mínima atenção e quando eu disse que iria levar o caso para a CPMI ela falou que poderia levar. Isso é um absurdo e são caras desse tipo que não colaboraram com depoimentos, fazem descaso, deixando a sociedade alheia aos problemas.

Então, Sr. Presidente, tirei algumas cópias que passarei às mãos de V. Ex^a para que possa juntar às investigações parabenizando-o pois acho que nós da Câmara Federal e do Senado temos dado uma grande contribuição em Alagoas e está aqui o nosso companheiro Deputado Federal Pompeo de Mattos que em Alagoas acompanhou a CPI do Narcotráfico. Quando passou por Alagoas deu uma limpada, o que contribuiu com o país, esse exemplo de cidadania que o Congresso Nacional tem dado tentando limpar as mazelas do País.

Passo a V. Ex^a para que possa juntar esse documento.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Tomaremos as providências e inclusive acredo que alguns dos participantes irão requerer algum tipo de providência.

O SR. GIVALDO CARIMBÃO – Inclusive estou solicitando que o proprietário da Cinco Estrelas e da seguradora que venham aqui, para não fazer mal caso.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Peço ao secretário que arrecade a documentação para que sejam tomadas as providências.

Sr. Ananias, o senhor acredita em Deus?

O SR. ANANIAS ELISÁRIO DA SILVA – Tem que ter um criador deste universo.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Em nome desta crença que o senhor tem pediria que desafogasse essa angústia demonstrada aqui, essa revolta e que pudesse pensar, colaborar e apontar aqueles que realmente o levaram a esta situação.

Sinto aqui que pela sua reação ao responder às vezes com um pouco de grosseria aos questionamentos que lhe foram feitos, porque ele deve ser interrogatórios repetidos, que o sr. pense e traga ao conhecimento aqueles que foram realmente responsáveis por todos os fatos que levaram a essa situação prisional que o senhor hoje responde por crimes que não cometeu. Alguém o fez e o senhor está respondendo por eles.

Se o senhor não colaborar tristemente será, sem dúvida nenhuma, condenado, e não haverá como redimir-se após a condenação. Esta CPMI é um fórum próprio, em que V.S^a pode falar a verdade, publicamente, perante as televisões, perante a imprensa em geral, ou reservadamente em reunião secreta, se assim o quiser. Se solicitar a esta Presidência, será concedido um depoimento secreto, em que V. S^a será, sem dúvida, resguardado e preservado. Pergunto se alguém tem mais alguma pergunta a fazer? (Pausa.)

Então dou por terminada a reunião, e coloco o Sr. Ananias à disposição de sua escolta. (Pausa.)

Gostaria de marcar outra reunião mesmo durante esse período de meia força do Congresso; pode ser terça-feira ou na outra semana, para que tenhamos número, porque, se não tiver, não vai resolver.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Sr. Presidente, a única hipótese de termos número para formar uma nova reunião seria dia 23, sem ser a próxima quarta-feira, na outra.

O SR. OSCAR ANDRADE – Semana que vem não tem?

O SR. POMPEO DE MATTOS – Não tem sessão da Câmara e nem do Senado semana que vem. Na outra semana, tem sessão da Câmara. Poderíamos fazer na quarta-feira...

O SR. MOREIRA MENDES – Mas, aí, não tem no Senado.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Aí, não vale a pena. Para nós, da Câmara, não tem problema.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – O Senado, a partir de quinta-feira, só em setembro, se não me engano, dia 14. Mas isso não impede, e faço um apelo para aqueles que puderem, a equipe que está

em apoio, os delegados, o nosso analista, para que possam, junto com o Relator, analisar todos esses documentos que já estão chegando e tentarmos buscar, se não o relatório da CPI do Narcotráfico, pelo menos alguns depoimentos que poderão esclarecer as dúvidas que ficaram com o depoimento do Sr. Jorge Méres.

O SR. POMPEO DE MATTOS – Então, fica em aberto?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Fica em aberto, nós marcaremos, e haverá uma comunicação a todos os componentes assim que reiniciarmos os trabalhos legislativos. Poderia haver alguma diligência em algum Estado que fosse mais próximo...

O SR. OSCAR ANDRADE – A diligência de São Paulo, Sr. Presidente, que já está aprovada...

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Nós podemos marcar.

O SR. MOREIRA MENDES – Eu até me disponho a participar dessa diligência em São Paulo depois do dia 17.

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Dia 23 então. Ao invés daqui, faríamos em São Paulo.

O SR. OSCAR ANDRADE – Mas afí teríamos trabalho aqui.

O SR. MOREIRA MENDES – Sr. Presidente, para tentar compatibilizar os interesses: se ficar certa essa diligência em São Paulo no dia 17, 18 ou 19, eu poderia participar e não atrapalharia...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Poderíamos fazer na quinta-feira. Seria uma diligência de um dia só? Ou dois dias?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Deixaríamos para depois então, para fazer...

O SR. POMPEO DE MATTOS – Quem seria ouvido em São Paulo?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Faremos um cronograma e comunicaremos a todos amanhã. Decidimos amanhã, está bom?

O SR. OSCAR ANDRADE – Sr. Presidente, V. Ex^a não quer marcar um horário para nos reunirmos?

O SR. PRESIDENTE (Romeu Tuma) – Fica a critério da Ordem do Dia. Amanhã, uma reunião administrativa às 17 horas? Podemos em cinco minutos resolver isso. (Pausa.)

Fica marcada uma reunião administrativa para amanhã às 17 horas.

(Levanta-se a reunião às 19h53min.)

(I) CONSELHO DE ÉTICA E DECORO PARLAMENTAR
 (Eleito em 30-6-1999)

Presidente: Ramez Tebet (*)
 Vice-Presidente: Juváci da Fonseca (*)

Titulares	Suplentes
PMDB	
UF/Ramal	UF/Ramal
1. Casildo Maldaner - SC/2141	1. Maraci Pinto - RR/1301
2. Ramez Tebet - MS/2221	2. Gerson Camata - ES/3203
3. Nabor Júnior - AC/1478	3. Jader Barbalho - PA/2441
4. Ney Suassuna - PB/4345	4. Renan Calheiros - AL/2261
5. Amir Lando - RO/3130	5. Carlos Bezerra - MT/2291
PFL	
UF/Ramal	UF/Ramal
1. Geraldo Almoff - SC/2041	1. José Agripino - RN/2361
2. Francelino Pereira - MG/2411	2. Carlos Patriotino - TO/4058
3. Paulo Souto - BA/3173	3. Djalma Bessa - BA/2211
4. Juváci da Fonseca - MS/1128	4. Freitas Neto - PI/2131
PSDB	
UF/Ramal	UF/Ramal
1. Lício Alcântara - CE/2301	1. Astero Paes de Barros - MT/1246
2. Osmar Diss - PR/2124	2. Ricardo Santos - ES/2022
3. José Roberto Arruda - DF/2014	3. Romero José - RR/2111
Bloco da Oposição	
UF/Ramal	UF/Ramal
1. Lauro Campos - DF/2341 (PT)	1. José Eduardo Dutra - SE/2391 (PT)
2. Heloísa Helena - AL/3197 (PT)	2. Marina Silva - AC/2183 (PT)
3. Jefferson Péres - AM/2061 (PDT)	3. Roberto Salomão - RJ/4229 (PSB)
Membro Nota	
Romero Temer (Corregedor de Senado) - SP/2051 (PFL)	

(*) Eleitos em 24.11.99.

(1) Ao Serviço de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento, vinculado à Secretaria-Geral da Mesa, compete providenciar o expediente de seus dirigentes e conceder suporte administrativo, de informática e de instrução processual referentes às suas atribuições institucionais definidas na Constituição Federal (art. 220 a 224), na Lei nº 8.380, de 1991, no Regimento Interno e, especificamente, nas Resoluções nºs 17 e 20, de 1993, e 40, de 1995. (Resolução nº 9/97).

Fone: 311-3285



SENADO FEDERAL

**SECRETARIA - GERAL DA MESA
SUBSECRETARIA DE COMISSÕES**

Diretora: CLEIDE MARIA BARBOSA F. CRUZ

Ramais: 3490 - 3491 Fax: 1095

**SERVIÇO DE APOIO ÀS COMISSÕES ESPECIAIS E
PARLAMENTARES DE INQUÉRITO**

Chefe: LUIZ CLÁUDIO DE BRITO

Ramais: 3511 - 3514 Fax: 3606

Secretários: FRANCISCO NAURIDES BARROS (Ramal 3508)
DULCÍDIA FRANCISCA RAMOS (Ramal 3623)
WILL DE MOURA WANDERLEY (Ramal 3510)
JANICE DE CARVALHO LIMA (Ramal 3492)

SERVIÇO DE APOIO ÀS COMISSÕES MISTAS

Chefe: SÉRGIO DA FONSECA BRAGA

Ramais: 3507 - 3520 Fax: 3512

Secretários: JOAQUIM BALDOÍNO DE B. NETO (Ramal: 4256)
CLEUDES BOAVENTURA NERY (Ramal: 4256)
HAMILTON COSTA DE ALMEIDA (Ramal: 3509)

SERVIÇO DE APOIO ÀS COMISSÕES PERMANENTES

Chefe:

Ramais: 4638 - 3492 Fax: 4573

Secretários: CAE - DIRCEU VIEIRA MACHADO FILHO (Ramal: 4605)
- LUIZ GONZAGA DA SILVA FILHO (Ramal: 3516)

CAS - JOSÉ ROBERTO ASSUNÇÃO CRUZ (Ramal: 4608)
- ELISABETH GIL BARBOSA VIANNA (Ramal: 3515)

CCJ - ALTAIR GONÇALVES SOARES (Ramal: 4612)
- GILDETE LEITE DE MELO (Ramal: 3972)

CE - JÚLIO RICARDO BORGES LINHARES (Ramal: 4604)
- PAULO ANTONIO FIGUEIREDO AZEVEDO (Ramal 3498)

CFC - JOSÉ FRANCISCO B. DE CARVALHO (Ramal: 3935)
- AIRTON DANTAS DE SOUSA (Ramal 3519)

CI - CELSO ANTONY PARENTE (Ramal: 4607)

CRE - MARCOS SANTOS PARENTE FILHO (Ramal: 3496)
- MARCOS ANTONIO MORAES PINTO (Ramal 3529)

COMISSÕES PERMANENTES
(Arts. 72 e 77 RISF)

1) COMISSÃO DE ASSUNTOS ECONÔMICOS - CAE

Presidente: NEY SUASSUNA
 Vice-Presidente: BELLO PARGA
 (27 titulares e 27 suplentes)

PMDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
AGNELO ALVES	RN	2461/2467	1. GERSON CAMATA	ES	3203/3204
JOSÉ FOGAÇA	RS	1207/1607	2. PEDRO SIMON	RS	3230/3232
JOSÉ ALENCAR	MG	4018/4621	3. ROBERTO REQUIÃO	PR	2401/2407
RENAN CALHEIROS	AL	5151/	4. ALBERTO SILVA	PI	3055/3057
MAGUITO VILELA	GO	3149/3150	5. MARLUCE PINTO	RR	1301/4062
GILBERTO MESTRINHO	AM	3104/3106	6. MAURO MIRANDA	GO	2091/2097
RAMEZ TEbet	MS	2221/2227	7. WELLINGTON ROBERTO	PB	3194/3195
NEY SUASSUNA	PB	4345/4346	8. AMIR LANDO	RO	3130/3132
CARLOS BEZERRA	MT	2291/2297	9. JOÃO ALBERTO SOUZA(3)	MA	4073/4074

PFL

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
JORGE BORNHAUSEN	SC	4200/4206	1. JOSÉ AGRIPIÑO	RN	2361/2367
FRANCELINO PEREIRA	MG	2411/2417	2. JOSÉ JORGE	PE	3245/3246
EDISON LOBÃO	MA	2311/2317	3. ROMEU TUMA	SP	2051/2057
BELLO PARGA	MA	3069/3072	4. BERNARDO CABRAL	AM	2081/2087
JONAS PINHEIRO	MT	2271/2272	5. MOREIRA MENDES	RO	2231/2237
FREITAS NETO	PI	2131/2137	6. GERALDO ALTHOFF	SC	2041/2047
PAULO SOUTO	BA	3173/3175	7. MOZARILDO CAVALCANTI	RR	1160/1163

PSDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
RICARDO SANTOS	ES	2022/2024	1. SÉRGIO MACHADO	CE	2281/2287
ANTERO PAES DE BARROS	MT	1248/1348	2. JOSÉ ROBERTO ARRUDA	DF	2011/2017
LÚDIO COELHO	MS	2381/2387	3. LUIZ PONTES	CE	3242/3243
ROMERO JUÇÁ	RR	2111/2117	4. LÚCIO ALCÂNTARA	CE	2111/2117
PEDRO PIVA	SP	2351/2355	5. OSMAR DIAS	PR	2121/2137

(1) BLOCO DE OPOSIÇÃO (PT, PDT)

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
EDUARDO SUPLICY - PT	SP	3213/3215	1. ANTONIO C. VALADARES -PSB (1)	SE	2201/2207
LAURO CAMPOS - PT	DF	2341/2347	2. SEBASTIÃO ROCHA - PDT	AP	2241/2247
JOSÉ EDUARDO DUTRA - PT	SE	2391/2397	3. PAULO HARTUNG-PPS (1)	ES	1129/1031
ROBERTO SATURNINO - PSB (1)	RJ	4229/4230	4. MARINA SILVA - PT	AC	2181/2187
JEFFERSON PERES - PDT	AM	2061/2067	5. HELOISA HELENA - PT	AL	3197/3199

PPB

TITULAR	UF	Ramais	SUPLENTE	UF	Ramais
LUIZ OTÁVIO (2)	PA	3050/4393	1. ERNANDES AMORIM	RO	2255/2257

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

(2) Desfilhou-se do PPB, em 15/12/1999.

(3) Licenciado, a partir de 22/05/2000.

Reuniões: Terças-feiras às 10:00 horas

Secretário: Dirceu Vieira Machado Filho

Telefones da Secretaria: 311-3516/4605

Sala nº 19 – Alc Senador Alexandre Costa

Telefone da Sala de Reunião: 311-32 55

Fax: 311-4344 - E-mail: dirceu@senado.gov.br

Atualizado em : 10/03/2000

2) COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS - CAS

Presidente: OSMAR DIAS
 Vice-Presidente: HELOÍSA HELENA
 (29 titulares e 29 suplentes)

PMDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
CARLOS BEZERRA	MT	2291/97	1. RENAN CALHEIROS	AL	2261/67
GILVAM BORGES	AP	2151/57	2. JOSÉ SARNEY	AP	3430/31
JOSÉ ALENCAR	MG	4018/4621	3. ALBINO BOAVENTURA	GO	2091/2097
HENRIQUE LOYOLA	SC	2141/47	4. JADER BARBALHO	PA	2441/47
MAGUITO VILELA	GO	3149/50	5. JOÃO ALBERTO SOUZA (2)	MA	4073/74
MARLUCE PINTO	RR	1301/4062	6. AMIR LANDO	RO	3130/3132
PEDRO SIMON	RS	3230/3232	7. GILBERTO MESTRINHO	AM	3104/06
VAGO			8. JOSÉ FOGAÇA	RS	1207/1607
VAGO			9. VALMIR AMARAL	DF	4064/65

PFL

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
JONAS PINHEIRO	MT	2271/77	1. EDISON LOBÃO	MA	2311/17
JUVÉNCIO DA FONSECA	MS	1128/1228	2. FREITAS NETO	PI	2131/37
DJALMA BESSA	BA	2211/17	3. BERNARDO CABRAL	AM	2081/87
GERALDO ALTHOFF	SC	2041/47	4. PAULO SOUTO	BA	3173/75
MOREIRA MENDES	RO	2231/37	5. JOSÉ AGRIPIÑO	RN	2361/67
MARIA DO CARMO ALVES	SE	4055/57	6. JORGE BORNHAUSEN	SC	4200/4206
RIBAMAR FIQUENE	MA	4073/74	7. VAGO		
MOZARILDO CAVALCANTI	RR	1160/1163	8. VAGO		

PSDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
ANTERO PAES DE BARROS	MT	1248/1348	1. ARTUR DA TÁVOLA	RJ	2431/37
LUIZ PONTES	CE	3242/43	2. RICARDO SANTOS	ES	2022/24
LÚCIO ALCÂNTARA	CE	2301/07	3. PEDRO PIVA	SP	2351/53
OSMAR DIAS	PR	2121/25	4. JOSÉ ROBERTO ARRUDA	DF	2011/17
SÉRGIO MACHADO	CE	2281/85	5. TEOTÔNIO VILELA FILHO	AL	4093/96
ROMERO JUCÁ	RR	2111/17	6. ÁLVARO DIAS	PR	3206/07

(1) BLOCO DE OPOSIÇÃO (PT, PDT)

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
GERALDO CÂNDIDO - PT	RJ	2171/77	1. EMILIA FERNANDES - PDT	RS	2331/37
MARINA SILVA - PT	AC	2181/87	2. LAURO CAMPOS - PT	DF	2341//47
SEBASTIÃO ROCHA - PDT	AP	2241/47	3. ROBERTO FREIRE-PPS (1)	PE	2161/64
HELOÍSA HELENA - PT	AL	3197/99	4. JOSÉ EDUARDO DUTRA - PT	SE	2391/97
TIÃO VIANA - PT	AC	3038/3493	5. JEFERSON PERES - PDT	AM	2061/67

PPB

TITULAR	UF	Ramais	SUPLENTE	UF	Ramais
LEOMAR QUINTANILHA	TO	2071/77	ERNANDES AMORIM	RO	2251/57

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

(2) Licenciado, a partir de 22/05/2000.

Reuniões: Quartas-feiras de 9:00 às 11:00 horas (*)

Secretário: José Roberto A. Cruz

Telefones da Secretaria: 311-4608/3515

Sala nº 09 – Ala Senador Alexandre Costa

Telefone da Sala de Reunião: 311-3359

Fax: 311-3652 - E-mail: jrac@senado.gov.br

(*) Horário de acordo com deliberação do Colégio de Presidentes de Comissões e Lideranças Partidárias
 Horário regimental: Quartas-feiras às 14:00 horas

Atualizada em: 1º/09/2000

2.1) - COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS
SUBCOMISSÃO PERMANENTE PARA ACOMPANHAMENTO E INVESTIGAÇÃO DE CASOS DE
- EXPLORAÇÃO DO TRABALHO E PROSTITUIÇÃO INFANTO-JUVENIS

**PRESIDENTE: SENADORA MARLUCE PINTO
VICE-PRESIDENTE: SENADORA MARIA DO CARMO ALVES
RELATORA: SENADORA HELOÍSA HELENA**

MARLUCE PINTO VAGO (2)	RR-1301/4062
GERALDO ALTHOFF	SC-2041/47
MARIA DO CARMO ALVES	SE-4055/57
OSMAR DIAS	PR-2121/25
HELOÍSA HELENA (PT)	AL-3197/99
SEBASTIÃO ROCHA (PDT)	AP-2241/47
EMÍLIA FERNANDES (PDT)	RS-2331/37

(I) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

(2) Vide Resolução nº 51/2000, do Senado Federal.

**SECRETÁRIO: JOSÉ ROBERTO A CRUZ
SALA N° 09 - ALA SEN. ALEXANDRE COSTA
TEL (5) DA SECRETARIA: 311-3515/4608
FAX: 311-3652
E-MAIL: jrac@senado.gov.br
REUNIÕES: SALA N° 11A - ALA SEN. ALEXANDRE COSTA
TEL: DA SALA DE REUNIÕES: 311-3359**

**2.2) - COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS
SUBCOMISSÃO PERMANENTE DO IDOSO**

**PRESIDENTE: VAGO (2)
VICE-PRESIDENTE:**

VAGO (2)	
MARLUCE PINTO	RR-1301/4062
JUVÉNCIO DA FONSECA	MS-1128/1228
DJALMA BESSA	BA-2211/17
ANTERO PAES DE BARROS	MT-1248/1348
SEBASTIÃO ROCHA	AP-2241/47
LEOMAR QUINTANILHA	TO-2071/77

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

(2) Vide Resolução nº 51/2000, do Senado Federal.

**SECRETÁRIO: JOSÉ ROBERTO A CRUZ
SALA N° 09 - ALA SEN. ALEXANDRE COSTA
TEL (s) DA SECRETARIA: 311-3515/4608
FAX: 311-3652
E-MAIL: jrac@senado.gov.br
REUNIÕES: SALA N° 09 - ALA SEN. ALEXANDRE COSTA
TEL DA SALA DE REUNIÕES: 311-3359**

DESIGNADA EM: 06/10/1999

**2.3) - COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS
SUBCOMISSÃO DA SAÚDE**

**PRESIDENTE:
VICE-PRESIDENTE:
RELATOR:**

**MARLUCE PINTO RR-1301/4062
MAURO MIRANDA* GO-2091/97
JOÃO ALBERTO SOUSA* MA-4073/74**

**GERALDO ALTHOFF SC-2041/47
MOZARILDO CAVALCANTI RR-1160/63**

**LÚCIO ALCÂNTARA CE-2301/07
ANTERO PAES DE BARROS MT-1248/1348**

**SEBASTIÃO ROCHA(PDT) AP-2241/47
TIÃO VIANA(PT) AC-3038/3493**

**SECRETÁRIO: JOSÉ ROBERTO A CRUZ
SALA N° 09 - ALA SEN. ALEXANDRE COSTA
TEL (s) DA SECRETARIA: 311-3515/4608
FAX: 311-3652
E-MAIL: jrac@senado.gov.br
REUNIÕES: SALA N° 09 - ALA SEN. ALEXANDRE COSTA
TEL DA SALA DE REUNIÕES: 311-3359**

*** LICENCIADO**

DESIGNADA EM: 26/04/00

ATUALIZADA EM: 22/08/00

**2.4) - COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS
SUBCOMISSÃO DA QUESTÃO HABITACIONAL**

**PRESIDENTE:
VICE-PRESIDENTE:
RELATOR:**

MAURO MIRANDA*	GO-2091/97
CARLOS BEZERRA	MT-2291/97
PEDRO SIMON	RS-3230/32
DJALMA BESSA	BA-2211/17
MARIA DO CARMO ALVES	SE-4055/57
SÉRGIO MACHADO	CE-2281/85
ROMERO JUCÁ	RR-2111/19
SEBASTIÃO ROCHA(PDT)	AP-2241/47
GERALDO CÂNDIDO(PT)	RJ-2171/77

**SECRETÁRIO: JOSÉ ROBERTO A CRUZ
SALA N° 09 - ALA SEN. ALEXANDRE COSTA
TEL (s) DA SECRETARIA: 311-3515/4608
FAX: 311-3652
E-MAIL: jrac@senado.gov.br
REUNIÕES: SALA N° 09 - ALA SEN. ALEXANDRE COSTA
TEL.DA SALA DE REUNIÕES: 311-3359**

*** LICENCIADO**

DESIGNADA EM: 01/06/2000

ATUALIZADA EM: 22/08/2000

3) COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA – CCJ

Presidente: JOSÉ AGRIPIÑO

Vice-Presidente: RAMEZ TEBET

(23 titulares e 23 suplentes)

PMDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
AMIR LANDO	RO	3130/3132	1. CARLOS BEZERRA	MT	2291/2297
RENAN CALHEIROS	AL	2261/2262	2. AGNELO ALVES	RN	2461/2467
IRIS REZENDE	GO	2032/2039	3. GILVAM BORGES	AP	2151/2157
JADER BARBALHO	PA	2441/2447	4. HENRIQUE LOYOLA	SC	2141/2142
JOSÉ FOGAÇA	RS	1207/1607	5. NEY SUASSUNA	PB	4345/4346
PEDRO SIMON	RS	3230/3232	6. WELLINGTON ROBERTO	PB	3194/3195
RAMEZ TEBET	MS	2221/2227	7. JOSÉ ALENCAR	MG	4018/4621
ROBERTO REQUIÃO	PR	2401/2407	8. VAGO		

PFL

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
BERNARDO CABRAL	AM	2081/2087	1. MOREIRA MÊNDES	RO	2231/2237
JOSÉ AGRIPIÑO	RN	2361/2367	2. DJALMA BESSA	BA	2212/2213
EDISON LOBÃO	MA	2311/2317	3. BELLO PARGA	MA	3069/3072
FRANCELINO PEREIRA	MG	2411/2417	4. JUVÉNCIO DA FONSECA	MS	1128/1228
ROMEÚ TUMA	SP	2051/2057	5. JOSÉ JORGE	PE	3245/3246
LEOMAR QUINTANILHA (PPB)	TO	2071/2077	6. MOZARILDO CAVALCANTI	RR	1160/1163

PSDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
ÁLVARO DIAS	PR	3206/3207	1. VAGO		
ARTUR DA TAVOLA	RJ	2431/2437	2. PEDRO PIVA	SP	2351/2353
LÚCIO ALCÂNTARA	CE	2301/2307	3. LUIZ PONTES	CE	3242/3243
JOSÉ ROBERTO ARRUDA	DF	2011/2017	4. ROMERO JUCÁ	RR	2111/2117
SÉRGIO MACHADO	CE	2281/2287	5. TEOTÔNIO VILELA FILHO	AL	4093/4095

(1) BLOCO DE OPOSIÇÃO (PT, PDT)

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
ANTONIO C. VALADARES-PSB (1)	SE	2201/2204	1. SEBASTIÃO ROCHA - PDT	AP	2241/2247
ROBERTO FREIRE - PPS (1)	PE	2161/2167	2. MARINA SILVA - PT	AC	2181/2187
JOSÉ EDUARDO DUTRA - PT	SE	2391/2397	3. HELOÍSA HELENA - PT	AL	3197/3199
JEFFERSON PERES - PDT	AM	2061/2067	4. EDUARDO SUPlicy - PT	SP	3215/3217

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

Reuniões: Quartas-feiras às 10:30 horas (*)

Sala nº 03 – Ala Senador Alexandre Costa

Secretário: Altair Gonçalves Soares

Telefone da Sala de Reunião: 311-3541

Telefones da Secretaria: 311-3972/4612

Fax: 311-4315 - E-mail: altairg@senado.gov.br

(*) Horário de acordo com deliberação do Colegiado de Presidentes de Comissões e Líderes Partidários

Horário regimental: Quartas-feiras às 10:00 horas.

Analisada em: 1º/09/2000

3.1. COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA

SUBCOMISSÃO PERMANENTE DESTINADA A ACOMPANHAR E FISCALIZAR AS "INDICAÇÕES APONTADAS" NO RELATÓRIO FINAL DA "CPI DO JUDICIÁRIO" E RECEBER NOVAS DENÚNCIAS E INFORMAÇÕES RELACIONADAS COM O OBJETIVO DA INVESTIGAÇÃO.

**PRESIDENTE:
VICE-PRESIDENTE:
RELATOR:
(7 TITULARES E 7 SUPLENTES)**

TITULARES

SUPLENTES

PMDB - 3

PFL - 2

PSDB - 1

BLOCO OPOSIÇÃO (PT-PDT) - 1

**SECRETÁRIO: ALTAIR GONÇALVES SOARES
SECRETÁRIA ADJUNTA: GILDETE LEITE DE MELO
TELEFONES DA SECRETARIA: 311-3972/4612**

**SALA N° 03 - ALA SEN. ALEXANDRE COSTA
TEL. SALA DE REUNIÕES: 311-3541
FAX: 311-4315
E.MAIL- altairgs@senado.gov.br**

**Criada Conforme Requerimento nº 12-CCJ, de 1999,
nos termos do Art. 73, do RISF.
Aprovado em 15/12/1999.**

- **Retirada as indicações pelas Lideranças**
- **em 6 e 13.9.2000.**

4) COMISSÃO DE EDUCAÇÃO - CE

Presidente: FREITAS NETO
 Vice-Presidente: LUZIA TOLEDO
 (27 titulares e 27 suplentes)

PMDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
AMIR LANDO	RO	3130/3132	1. MAGUITO VILELA	GO	3149/3150
AGNELO ALVES	RN	2461/2467	2. NEY SUASSUNA	PB	4345/4346
GERSON CAMATA	ES	3203/3204	3. RAMEZ TEBET	MS	2221/2227
IRIS REZENDE	GO	2032/2039	4. ALBERTO SILVA	PI	3055/3057
JOSÉ SARNEY	AP	3430/3431	5. JADER BARBALHO	PA	2441/2447
PEDRO SIMON	RS	3230/3232	6. VALMIR AMARAL	DF	1961/1966
ROBERTO REQUIÃO	PR	2401/2407	7. JOSÉ FOGAÇA	RS	1207/1607
GILVAM BORGES	AP	2151/2157	8. ALBINO BOAVENTURA	GO	2091/2092
HENRIQUE LOYOLA	SC	2141/2142	9. VAGO		

PFL

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
HUGO NAPOLEÃO	PI	3085/3087	1. GERALDO ALTHOFF	SC	2041/2047
FREITAS NETO	PI	2131/2137	2. FRANCELINO PEREIRA	MG	2214/2217
DJALMA BESSA	BA	2212/2213	3. JONAS PINHEIRO	MT	2271/2277
JOSÉ JORGE	PE	3245/3246	4. MOZARILDO CAVALCANTI	RR	1160/1163
JORGE BORNHAUSEN	SC	4200/4206	5. ROMEU TUMA	SP	2051/2057
RIBAMAR FIQUENE	MA	4073/4074	6. EDISON LOBÃO	MA	2311/2317
BELLO PARGA	MA	3069/3072	7. MARIA DO CARMO ALVES	SE	4055/4057

PSDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
ÁLVARO DIAS	PR	3206/3207	1. CARLOS WILSON (2)	PE	2451/2457
ARTUR DA TÁVOLA	RJ	2431/2437	2. OSMAR DIAS	PR	2121/2125
RICARDO SANTOS	ES	2022/2024	3. VAGO (Cessão ao PPS)		
LÚCIO ALCÂNTARA	CE	2301/2307	4. LÚDIO COELHO	MS	2381/2387
TEOTÔNIO VILELA FILHO	AL	4093/4095	5. ANTERO PAES DE BARROS	MT	1248/1348

(1) BLOCO DE OPOSIÇÃO (PT, PDT)

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
SEBASTIÃO ROCHA -PTD	AP	2241/2247	1. GERALDO CÂNDIDO - PT	RJ	2117/2177
HELOÍSA HELENA - PT	AL	3197/3199	2. ANTONIO C. VALADARES - PSB (1)	SE	2201/2207
EMILIA FERNANDES - PTD	RS	2331/2337	3. LAURO CAMPOS - PT	DF	2341/2347
ROBERTO SATURNINO - PSB (1)	RJ	4229/4230	4. TIÃO VIANA - PT	AC	3038/3493
MARINA SILVA - PT	AC	2181/2187	5. JEFFERSON PERES - PDT	AM	2061/2067

PPB

TITULAR	UF	Ramais	SUPLENTE	UF	Ramais
EDUARDO SIQUEIRA CAMPOS (PFL)	TO	4070/4071	1. LEOMAR QUINTANILHA	TO	2071/2077

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

(2) Filiou-se ao PPS, em 23/9/1999. Licenciado, a partir de 26/05/2000.

Reuniões: Terças-feiras às 17:00 horas (*)

Secretário: Júlio Ricardo B. Linhares

Telefones da Secretaria: 311-3498/4604

(*) Horário de acordo com deliberação do Colegiado de Presidentes de Comitês e Líderes Partidários.
 Horário regimental: Quintas-feiras às 14:00 horas

Sala nº 15 – Ala Senador Alexandre Costa

Telefone da Sala de Reunião: 311-3276

FAX: 311-3121

Atualizado em: 5/07/2002.

4.1) – COMISSÃO DE EDUCAÇÃO
SUBCOMISSÃO DE RÁDIO E TV

PRESIDENTE:
(09 TITULARES)

TITULARES

AMIR LANDO	RO-3130/32
GERSON CAMATA	ES-3203/04
PEDRO SIMON	RS-3230/32

DJALMA BESSA	BA-2211/17
ROMEU TUMA	SP-2051/57

ÁLVARO DIAS	PR-3206/07
ARTUR DA TÁVOLA	RJ-2431/37

GERALDO CANDIDO - PT	RJ-2171/77
EMILIA FERNANDES - PDT	RS-2331/37

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

REUNIÕES: SALA N° 15 - ALA SEN. ALEXANDRE COSTA

SECRETÁRIO: JÚLIO RICARDO B. LINHARES

TEL (s) DA SECRETARIA: 311-3498/4604

TEL. DA SALA DE REUNIÃO: 311-3276

FAX: 311-3121

E-MAIL: julioric@senado.gov.br

ATUALIZADA EM: 27/03/2000

4.2) - COMISSÃO DE EDUCAÇÃO

SUBCOMISSÃO DO CINEMA BRASILEIRO

**PRESIDENTE: SENADOR JOSÉ FOÇAÇA
RELATOR: SENADOR FRANCELINO PEREIRA
(06 TITULARES E 06 SUPLENTES)**

TITULARES

JOSE FOGAÇA	RS- 1207/1607	1- AGNELO ALVES	2461/6
MAGUITO VILELA	GO- 3149/50	2- GERSON CAMATA	3203/0
FRANCELINO PEREIRA	MG- 2414/17	1- MARIA DO CARMO ALVES	4055/5
LÚCIO ALCÂNTARA	CE- 2303/08	1- ÁLVARO DIAS	3206/0
ROBERTO SATURNINO-PSB(1)	RJ- 4229/30	1- SEBASTIÃO ROCHA	2241/47
LUIZ OTÁVIO (2)	PA-3050/4393	1- LEOMAR QUINTANILHA	2071/79

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

(2) Desfilhou-se do PPB, em 15/12/1999.

REUNIÕES: 5ª FEIRA ÀS 9:00 HORAS

SECRETÁRIO: JÚLIO RICARDO B. LINHARES

TELEFONES DA SECRETARIA: 311-3498/4604

FAX: 311-3121

E-MAIL: julioric@senado.gov.br

SALA N° 15 - ALA SEN. ALEXANDRE COS

TEL. DA SALA DE REUNIÃO: 311-3276

ATUALIZADA EM: 27/03/2000

5) COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL – CRE

Presidente: JOSÉ SARNEY

Vice-Presidente: CARLOS WILSON

(19 titulares e 19 suplentes)

PMDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
GILBERTO MESTRINHO	AM	3104/3106	1. AGNELO ALVES	RN	2461/2467
JADER BARBALHO	PA	2441/2447	2. GERSON CAMATA	ES	3203/3204
JOÃO ALBERTO SOUZA (2)	MA	4073/4074	3. HENRIQUE LOYOLA	SC	2141/2142
JOSÉ SARNEY	AP	3430/3431	4. MAGUITO VILELA	GO	3149/3150
MAURO MIRANDA	GO	2091/2097	5. MARLUCE PINTO	RR	1301/4062
WELLINGTON ROBERTO	PB	3194/3195	6. JOSÉ ALENCAR	MG	4018/4621
JOSÉ FOGAÇA	RS	1207/1607	7. PEDRO SIMON	RS	3230/3232

PFL

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
BERNARDO CABRAL	AM	2081/2087	1. HUGO NAPOLEÃO	PI	3085/3087
ROMEU TUMA	SP	2051/2057	2. JOSÉ AGRIPIÑO	RN	2361/2367
JOSÉ JORGE	PE	3245/3246	3. Djalma Bessa	BA	2212/2213
MOREIRA MENDES	RO	2231/2237	4. GERALDO ALTHOFF	SC	2041/2047
MOZARILDO CAVALCANTI	RR	1160/1163	5. PAULO SOUTO	BA	3173/3175

PSDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
ARTUR DA TÁVOLA	RJ	2431/2437	1. LÚCIO ALCANTARA	CE	2301/2307
ÁLVARO DIAS	PR	3206/3207	2. JOSÉ ROBERTO ARRUDA	DF	2011/2017
LÚDIO COELHO	MS	2381/2387	3. ROMERO JUCÁ	RR	2111/2117
PEDRO PIVA	SP	2351/2353	4. SÉRGIO MACHADO	CE	2281/2287

(1) BLOCO DE OPOSIÇÃO (PT, PDT)

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
LAURO CAMPOS – PT	DF	2341/2347	1. SEBASTIÃO ROCHA – PDT	AP	2241/2247
EDUARDO SUPlicy – PT	SP	3215/3217	2. ROBERTO SATURNINO – PSB(1)	RJ	4229/4230
TIÃO VIANA – PT	AC	3038/3493	3. EMILIA FERNANDES – PDT	RS	2331/2337

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

(2) Licenciado, a partir de 22/05/2000.

(3) Vide Resolução nº 51/2000, do Senado Federal.

Reuniões: Terças-feiras às 17:30 horas (*)

Secretário: Marcos Santos Parente Filho

Telefone da Secretaria: 311-3259/3496/4777

(*) Horário de acordo com deliberação do Colegiado de Presidentes de Comissões e Líderes Partidários.

Horário regimental: Quintas-feiras às 10:00 horas.

Sala nº 07 – Ala Senador Alexandre Costa

Telefone da Sala de Reunião: 311-3367

Fax: 311-3546

Autorizada em: 17/09/2000

6) COMISSÃO DE SERVIÇOS DE INFRA-ESTRUTURA – CI

Presidente: EMILIA FERNANDES

Vice-Presidente: ALBERTO SILVA

(23 titulares e 23 suplentes)

PMDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
ALBERTO SILVA	PI	3055/3057	1. CARLOS BEZERRA	MT	2291/2297
GERSON CAMATA	ES	3203/3204	2. IRIS REZENDE	GO	2032/2039
MARLUCE PINTO	RR	1301/4062	3. JOSÉ SARNEY	AP	3430/3431
MAURO MIRANDA	GO	2091/2097	4. RAMEZ TEBET	MS	2221/2227
GILVAM BORGES	AP	2151/2152	5. ROBERTO REQUIÃO	PR	2401/2407
VALMIR AMARAL	DF	1961/1966	6. GILBERTO MESTRINHO	AM	3104/3106
VAGO			7. VAGO		
VAGO			8. VAGO		

PFL

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
JOSÉ AGRIPINO	RN	2361/2367	1. JONAS PINHEIRO	MT	2271/2277
PAULO SOUTO	BA	3173/3175	2. JORGE BORNHAUSEN	SC	4200/4206
MOZARILDO CAVALCANTI	RR	1160/1163	3. HUGO NAPOLEÃO	PI	3085/3087
VAGO			4. MARIA DO CARMO ALVES	SE	4055/4057
JUVÊNCIO DA FONSECA	MS	1128/1228	5. RIBAMAR FIQUENE	MA	4073/4074
ARLINDO PORTO PTB (Conselho)	MG	2321/2327	6. FREITAS NETO	PI	2131/2137

PSDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
JOSÉ ROBERTO ARRUDA	DF	2011/2017	1. ÁLVARO DIAS	PR	3206/3207
LUIZ PONTES	CE	3242/3243	2. ANTERO PAES DE BARROS	MT	1248/1348
OSMAR DIAS	PR	2121/2125	3. LÚDIO COELHO	MS	2381/2387
ROMERO JUCÁ	RR	2111/2117	4. VAGO (Cessão ao PPS)		
TEOTÔNIO VILELA FILHO	AL	4093/4095	5. VAGO		

(1) BLOCO DE OPOSIÇÃO (PT, PDT)

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
ANTONIO C. VALADARES-PSB (1)	SE	2201/2207	1. EDUARDO SUPlicy - PT	SP	3215/3217
EMILIA FERNANDES - PDT	RS	2331/2337	2. TIÃO VIANA - PT	AC	3038/3493
GERALDO CÂNDIDO - PT	RJ	2171/2177	3. JOSÉ EDUARDO DUTRA - PT	SE	2391/2397
ROBERTO FREIRE - PPS (1)	PE	2161/2164	4. ROBERTO SATURNINO-PSB(1)	RJ	4229/4230

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

Reuniões: Quintas-feiras de 9:00 às 11:30 horas (*)

Secretário: Celso Parente

Telefone da Secretaria: 311-4354/4607

(*) Horário de acordo com deliberação do Colégio de Presidentes de Comissões e Lideranças Partidárias

Horário regimental: Terças-feiras às 14:00 horas

Sala nº 13 – Ala Senador Alexandre Costa

Telefone da Sala de Reunião: 311-3292

Fax: 311-3286

Atualizada em: 09/01/2000

7) COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO E CONTROLE - CFC

... Presidente: ROMERO JUCÁ
 Vice-Presidente: ROMEU TUMA
 (17 titulares e 9 suplentes)

PMDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
ALBERTO SILVA	PI	3055/3057	1. GILVAM BORGES	AP	2151/2157
VALMIR AMARAL	DF	1961/1966	2. IRIS REZENDE	GO	2032/2039
JOÃO ALBERTO SOUZA (3)	MA	4073/4074	3. RENAN CALHEIROS	AL	2261/2262
MARLUCE PINTO	RR	1301/4062			
NEY SUASSUNA	PB	4345/4346			
WELLINGTON ROBERTO	PB	3194/3195			

PFL

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
HUGO NAPOLEÃO	PI	3085/3087	1. BELLO PARGA	MA	3069/3072
GERALDO ALTHOFF	SC	2041/2047	2. FRANCELINO PEREIRA	MG	2411/2417
ROMEU TUMA	SP	2051/2057			
MOREIRA MENDES	RO	2231/2237			
ERNANDES AMORIM	RO	2251/2255			

PSDB

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
RICARDO SANTOS	ES	2022/2024	1. PEDRO PIVA	SP	2351/2353
LUIZ PONTES	CE	3242/3243	2. SÉRGIO MACHADO	CE	2281/2287
ROMERO JUCÁ	RR	2111/2117			

(1) BLOCO DE OPOSIÇÃO (PT, PDT)

TITULARES	UF	Ramais	SUPLENTES	UF	Ramais
EDUARDO SUPLICY - PT	SP	3215/3216	1. GERALDO CÂNDIDO - PT	RJ	2171/2177
JOSÉ EDUARDO DUTRA - PT	SE	2391/2397	2. ROBERTO SATURNINO-PSB(1)	RJ	4229/4230
JEFFERSON PÉREZ - PDT	AM	2061/2067			

(1) Retiram-se do Bloco: o PPS, em 5/10/1999; e o PSB, em 27/03/2000.

(2) Filiou-se ao PPS em 23/9/1999. Licenciado, a partir de 26/05/2000.

(3) Licenciado, a partir de 22/05/2000.

Reuniões: Quartas-feiras às 18:00 horas (*)

Secretário: José Francisco B. Carvalho

Telefone da Secretaria: 311-3935/3519

(*) Horário de acordo com deliberação do Colégio de Presidentes de Comissões e Líderes Partidários.

Sala nº 06 – Ala Senador Nilo Coelho
 Telefone da Sala de Reunião: 311-3254
 Fax: 311-1060

Atualizada em 09/01/2000

COMISSÃO PARLAMENTAR CONJUNTA DO MERCOSUL
(Representação Brasileira)

PRESIDENTE DE HONRA: SENADOR JOSÉ SARNEY

MESA DIRETORA

CARGO	TÍTULO	NOME	PART	UF	GAB	FONE	FAX
PRESIDENTE	DEPUTADO	JULIO REDECKER	PPB	RS	621	318 5621	318 2621
VICE-PRESIDENTE	SENADOR	JOSÉ FOGAÇA	PMDB	RS	"07	311 1207	223 6191
SECRETARIO-GERAL	SENADOR	JORGE BORNHAUSEN	PFL	SC	"04	311 4206	323 5470
SECRETARIO-GERAL ADJUNTO	DEPUTADO	FEU ROSA	PSDB	ES	960	318 5960	318 2960

MEMBROS TITULARES MEMBROS SUPLENTES

SENADORES

NOME	UF	GAB	FONE	FAX	NOME	UF	GAB	FONE	FAX
PMDB									
JOSE FOGAÇA	RS	"07	311 1207	223 6191	PEDRO SIMON	RS	*** 03	311 3230	311 1018
CASILDO MALDANER	SC	#14	311 2141	323 4063	MARLUCE PINTO	RR	"08	311 1301	225 7441
ROBERTO REQUIAO	PR	*** 09	311 2401	3234198	AMIR LANDO	RO	### 15	311 3130	323 3428
PFL									
JORGE BORNHAUSEN	SC	"04	311 4206	323 5470	DJALMA BESSA	BA	# 13	311 2211	224 7903
GERALDO ALTHOFF	SC	## 05	311 2041	323 5099	JOSÉ JORGE	PE	@ 04	311 3245	323 6494
PSDB									
ANTERO PAES DE BARROS	MT	" 24	311 1248	321 9470	GERALDO LESSA	AL	#02	3111102	3233571
PEDRO PIVA	SP	@ 01	311 2351	323 4448	Luzia Toledo (1)	ES	*13	311 2022	323 5625
PT/PSB/PDT/PPS									
EMILIA FERNANDES	RS	##59	311-2331	323-5994	ROBERTO SATURNINO	RJ	# 11	311 4230	323 4340

LEGENDA:

* ALA SEN. AFONSO ARINOS	# ALA SEN. TEOTÔNIO VILELA	@ EDIFÍCIO PRINCIAL
** ALA SEN. NILO COELHO	## ALA SEN. TANCREDO NEVES	@ ALA SEN. RUY CARNEIRO
*** ALA SEN. ALEXANDRE COSTA	### ALA SEN. FELINTO MÜLLER	*# ALA SEN. AFONSO ARINOS
@@@ ALA SEN. DINARTE MARIZ		

(1) Afastada do exercício do mandato em 31/05/2000.

MEMBROS TITULARES**MEMBROS SUPLENTES****DEPUTADOS**

NOME	UF	GAB	FONE	FAX	NOME	UF	GAB	FONE	FAX
PFL									
NEY LOPES	RN	326	318 5326	318 2326	MALULY NETTO	SP	219	318 5219	318 2219
SANTOS FILHO	PR	522	318 5522	318 2522	LUCIANO PIZZATTO	PR	541	318 5541	318 2541
PMDB									
CONFUCIO MOURA	RO	* 573	318 5573	318 2573	EDISON ANDRINO	SC	639	318 5639	318 2639
GERMANO RIGOTTO	RS	838	318 5838	318 2838	OSMAR SERRAGLIO	PR	845	318 5845	318 2845
PSDB									
NELSON MARCHEZAN	RS	# 13	318 5963	318 2963	MARISA SERRANO (*)				
FEU ROSA	ES	960	318 5960	318 2960	JOÃO HERRMANN NETO	SP	637	318 5637	318 5637
PPB									
JÚLIO REDECKER	RS	621	318-5621	318-2621	CELSO RUSSOMANNO	SP	756	318 5756	318 2756
PT									
LUIZ MAINARDI	RS	*369	3185369	3182369	PAULO DELGADO	MG	* 268	318 5268	318 2268

LEGENDA:

* Gabinetes localizados no Anexo III

Gabinetes localizados no Anexo II

SECRETARIA DA COMISSÃO:

ENDERECO: CAMARA DOS DEPUTADOS - ANEXO II - SALA T/24 - BRASILIA - DF - 70160-900

FONE: (55) (061) 318 7436 - 318 7186 - 318 8232 - 318 7433 - FAX: (55) (061) 318 2154

http://www.camara.gov.br (botão de Comissões Mistas)

e-mail - mercosul@abordo.com.br

SECRETARIO: ANTONIO FERREIRA COSTA FILHO

ASSESSORIA TÉCNICA: Dra. MARIA CLÁUDIA DRUMMOND, Dr. JORGE FONTOURA e Dr. FRANCISCO EUGÉNIO ARCANJO

Atualizada em 31/05/2000

**SENADO
FEDERAL**



**SECRETARIA
ESPECIAL DE
EDITORAÇÃO
E PUBLICAÇÕES**

EDIÇÃO DE HOJE: 76 PÁGINAS